

ALESSANDRA PREUSSLER DE ALMEIDA

**A CONCORDÂNCIA VERBAL NA COMUNIDADE DE
SÃO MIGUEL DOS PRETOS, RESTINGA SECA, RS**

Porto Alegre
2006

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM
LINGUAGEM NO CONTEXTO SOCIAL**

**A CONCORDÂNCIA VERBAL NA COMUNIDADE DE
SÃO MIGUEL DOS PRETOS, RESTINGA SECA, RS**

ALESSANDRA PREUSSLER DE ALMEIDA

ORIENTADORA: PROFA. DRA. ANA MARIA STAHL ZILLES

Dissertação de Mestrado, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**Porto Alegre
2006**

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pelo ensino gratuito e qualificado, apesar das dificuldades enfrentadas pela instituição.

À população brasileira, pela contribuição financeira para a manutenção do ensino público e da pesquisa científica.

À comunidade de São Miguel dos Pretos, pela oportunidade de conhecê-la e pela disposição de seus moradores para colaborar com o trabalho dos pesquisadores.

À Prof^a. Dra. Ana Maria Stahl Zilles, especialmente, pela sabedoria, pela paciência, pela persistência, pela seriedade, pela crença, pela sinceridade, pelo incentivo e pelos desafios.

Ao Prof. Dr. José Carlos dos Anjos, pela concessão do material sobre a comunidade de São Miguel dos Pretos.

Aos professores da Graduação e do Pós-Graduação, pela dedicação ao conhecimento científico e à docência.

Ao Projeto ALERS e ao Projeto VARSUL, pela experiência com a pesquisa.

Aos colegas, pelo convívio amistoso e pela partilha das dúvidas e ansiedades.

Aos meus pais e patrocinadores, Reni e Tânia, pelo exemplo, pela constância, pelo carinho, pela confiança e pelo estímulo.

À minha irmã, Fernanda, pela ajuda na cópia das fitas e na transcrição das entrevistas, pelo entusiasmo, pela presteza e pela solidariedade.

Ao meu marido, Adriano, pelo amor, pelo apoio, pela generosidade, pelo companheirismo e pela organização das coisas do cotidiano.

À minha filha Lara, a minha companheira inseparável durante os últimos nove meses, pela gestação tranqüila e pela urgência para concluir esta dissertação.

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de analisar a concordância verbal de 1^a, 2^a e 3^a pessoas do plural na comunidade de remanescentes de escravos São Miguel dos Pretos, localizada em Restinga Seca, RS. A amostra é composta por 24 informantes homens e mulheres, cujas idades variam entre 15 e 90 anos. Existe a proposta de duas análises: a concordância verbal padrão *versus* a concordância verbal não-padrão das pessoas do plural e a presença *versus* a ausência das desinências DNP4 (*nós plantamos*), DNP5 (*vocês plantam*) e DNP6 (*eles plantam*). Consideram-se as variáveis sociais faixa etária, gênero e informante no estudo da concordância padrão. Constata-se que os falantes da comunidade quilombola estão adquirindo a concordância verbal padrão, uma vez que os resultados por faixa etária são de 40% para a geração mais nova e de 16% para a geração mais velha. A análise feita sobre a presença das desinências apresenta 73% de emprego de DNP4 e 80% de DNP6. Sobre este estudo, destacam-se as variáveis lingüísticas saliência fônica e posição do sujeito: confirma-se que as formas verbais mais salientes e que o sujeito anteposto ao verbo estão associados ao aumento da concordância. Também percebe-se que há um processo de aquisição das desinências número-pessoais DNP4 (jovens 77%, adultos 79% e velhos 66%) e DNP6 (pesos relativos de 0,64 para jovens, de 0,56 para adultos e de 0,38 para velhos), pois há um aumento do seu uso a cada geração, indicando a existência de um processo de mudança geracional. Os resultados encontrados se diferem das comunidades negras de Helvécia, Rio de Contas e Cinzento (BA) e aproximam-se dos encontrados em comunidades urbanas ou em comunidades cujos falantes têm maior grau de escolaridade.

Palavras-chave: concordância verbal; comunidade quilombola; sociolingüística; variação; mudança geracional.

ABSTRACT

This work aims to analyze the subject-verb agreement of 1st, 2nd and 3rd people of the plural in the community of slaves' remainders São Miguel dos Pretos, in Restinga Seca, RS. The sample is composed by 24 people, men and women, whose ages vary between 15 and 90 years. There are two analyses: the standard subject-verb agreement *versus* the nonstandard subject-verb agreement and the presence *versus* the absence of the DNP4 (*nós plantamos*), the DNP5 (*vocês plantam*) and the DNP6 (*eles plantam*). We considered the social variables age, gender and informer in the study of the standard agreement. We verified that the speakers of the black community are acquiring the standard subject-verb agreement, once the results for age are of 40% for the newest generation and of 16% for the oldest generation. The analysis of the presence of the DNPs presents 73% of use of the DNP4 and 80% of the DNP6. On this study, we highlighted the linguistic variables phonological salience hierarchy and subject position: the more salient verbal forms and the subject preceding verb contribute to the increase of the agreement. We also noticed that there is a process of acquisition of the DNP4 (young 77%, adults 79% and old 66%) and the DNP6 (relative weights of 0,64 for youths, of 0,56 for adults and of 0,38 for old), because there is an increase of their use on each generation, indicating the existence of a process of generational change. The results differ from the black communities of Helvécia, Rio de Contas e Cinzento (BA) and they approach to the results found in the urban communities or in the communities whose speakers have attended to school.

Key-words: Brazilian Portuguese; subject-verb agreement; black community; Sociolinguistics; variation; generational change.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – A comparação dos resultados de Nina (1980) e de Costa (1990) a respeito da relação entre a concordância verbal e os tempos verbais	32
TABELA 2 – Os resultados referentes ao uso de <i>a gente</i> nos estudos de tempo aparente (dados de 1990) e de tendência (comparação entre os dados de 1970 e de 1990) em Zilles (2005)	43
TABELA 3 – A relação entre a variável faixa etária e a concordância verbal padrão de 1 ^a (exceto <i>a gente</i>), 2 ^a e 3 ^a pessoas do plural em São Miguel dos Pretos: números, percentuais e pesos.....	73
TABELA 4 – A relação entre a variável gênero e a concordância verbal padrão de 1 ^a (exceto <i>a gente</i>), 2 ^a e 3 ^a pessoas do plural em São Miguel dos Pretos: números, percentuais e pesos.....	79
TABELA 5 – O uso da concordância padrão (exceto <i>a gente</i>) de 1 ^a , 2 ^a e 3 ^a pessoas por informante.....	80
TABELA 6 – A distribuição das formas de realização de <i>a gente</i> nos dados de São Miguel dos Pretos: números e percentuais.....	83
TABELA 7 – A distribuição de <i>a gente</i> X <i>nós</i> em relação à faixa etária nos dados de São Miguel dos Pretos: números e percentuais	84
TABELA 8 – A distribuição de <i>a gente</i> X <i>nós</i> em relação ao gênero nos dados de São Miguel dos Pretos: números e percentuais	85
TABELA 9 – O emprego de <i>a gente</i> e sua relação com o cruzamento das variáveis faixa etária e gênero nos dados de São Miguel dos Pretos: números e percentuais	85
TABELA 10 – O uso de <i>a gente</i> X <i>nós</i> por informante	86

TABELA 11 – A relação entre a variável faixa etária e a presença da DNP4 em São Miguel dos Pretos: números e percentuais	92
TABELA 12 – A relação entre a variável gênero e a presença da DNP4 em São Miguel dos Pretos: números e percentuais	94
TABELA 13 – A relação entre a variável saliência fônica e a presença da DNP4 em São Miguel dos Pretos: números, percentuais e pesos	97
TABELA 14 – A relação entre a variável saliência fônica e a presença da DNP4 em São Miguel dos Pretos, com amalgamação dos níveis 4 e 5: números, percentuais e pesos	98
TABELA 15 – O cruzamento das variáveis saliência fônica e faixa etária em relação à presença da DNP4 em São Miguel dos Pretos: números, percentuais	98
TABELA 16 – A relação entre a variável conjugação verbal e a presença da DNP4 em São Miguel dos Pretos: números, percentuais e pesos	99
TABELA 17 – A relação entre a variável tempo verbal e a presença da DNP4 em São Miguel dos Pretos: números e percentuais	101
TABELA 18 – A realização da vogal temática com DNP4 em São Miguel dos Pretos: números e percentuais	103
TABELA 19 – A relação entre a variável posição do sujeito e a presença da DNP4 em São Miguel dos Pretos: números e percentuais	104
TABELA 20 – A relação entre a variável tipo de sujeito e a presença da DNP4 em São Miguel dos Pretos: números e percentuais	106
TABELA 21 – A relação entre a variável saliência fônica e a presença da DNP6 por faixas etárias	110
TABELA 22 – A relação entre a variável saliência fônica e o emprego da DNP6 por faixas etárias	112
TABELA 23 – A relação entre a variável saliência fônica com níveis amalgamados e a presença da DNP6 nos dados de São Miguel dos Pretos ...	113
TABELA 24 – A relação entre a variável saliência fônica e o emprego da DNP6 em diferentes pesquisas: percentuais e pesos relativos	115
TABELA 25 – A relação entre a variável posição do sujeito e a presença da DNP6 em São Miguel dos Pretos: números, percentuais e pesos	116
TABELA 26 – A relação entre a variável posição do sujeito (com sujeitos antepostos amalgamados) e a presença da DNP6 em São Miguel dos Pretos: números, percentuais e pesos	117

TABELA 27 – A relação entre a variável tempo verbal e a presença da DNP6 em São Miguel dos Pretos: números, percentuais e pesos	118
TABELA 28 – A relação entre a variável conjugação verbal e a presença da DNP6 em São Miguel dos Pretos: números, percentuais e pesos	119
TABELA 29 – O cruzamento das variáveis conjugação e tempo verbal em relação à presença da DNP6 em São Miguel dos Pretos: númerose percentuais	120
TABELA 30 – A relação entre a variável tipo de sujeito e a presença da DNP6 em São Miguel dos Pretos: números, percentuais e pesos	122
TABELA 31 – A relação entre a variável faixa etária e a presença da DNP6 em São Miguel dos Pretos: números, percentuais e pesos	124
TABELA 32 – A relação entre a variável gênero e a presença da DNP6 em São Miguel dos Pretos: números e percentuais	125
TABELA 33 – A distribuição da presença das DNPs referentes às 1 ^a , 2 ^a e 3 ^a pessoas por informante* em São Miguel dos Pretos	152
TABELA 34 – A distribuição da presença da DNP4 por informante em São Miguel dos Pretos	153
TABELA 35 – A distribuição da presença das DNPs 5 e 6 por informante em São Miguel dos Pretos	154
TABELA 36 – A distribuição da presença da DNP 6 por informante em São Miguel dos Pretos	155
TABELA 37 – O cruzamento das variáveis conjugação verbal e tempo verbal em relação à presença da DNP4 em São Miguel dos Pretos: números, percentuais	156
TABELA 38 – O cruzamento das variáveis saliência fônica e tempo verbal em relação à presença da DNP4 em São Miguel dos Pretos: números, percentuais	157

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – A distribuição geral de formas verbais padrão e não-padrão dos dados de 1 ^a (incluindo <i>a gente</i> + V 3 ^a . pessoa do singular), 2 ^a e 3 ^a pessoas do plural em São Miguel dos Pretos	70
GRÁFICO 2 – A distribuição geral de formas verbais padrão e não-padrão dos dados de 1 ^a (exceto <i>a gente</i> + V 3 ^a . pessoa do singular), 2 ^a e 3 ^a pessoas do plural em São Miguel dos Pretos	71
GRÁFICO 3 – A distribuição de concordância verbal padrão, não-padrão por redução da desinência e não-padrão por desinência zero dos dados de 1 ^a (exceto <i>a gente</i> + V ^a . pessoa do singular), 2 ^a e 3 ^a pessoas do plural em São Miguel dos Pretos	72
GRÁFICO 4 – A presença X a ausência de DNP4 em São Miguel dos Pretos.....	90
GRÁFICO 5 – A presença X a ausência de DNP5 e DNP6 em São Miguel dos Pretos	107
GRÁFICO 6 – A presença X a ausência de DNP6 em São Miguel dos Pretos.....	107
GRÁFICO 7 – A concordância verbal de 3 ^a pessoa do plural nas comunidades quilombolas de São Miguel dos Pretos, Rio de Contas, Helvécia e Cinzento.....	108
GRÁFICO 8 – A relação entre a variável saliência fônica e a presença da DNP6 em percentuais	111

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Amostra da Comunidade de São Miguel dos Pretos: faixa etária e gênero	47
QUADRO 2 – A relação de informantes com as respectivas idades	59
QUADRO 3 – Indicação dos grupos de fatores testados na análise da DNP4	89
QUADRO 4 – As hipóteses sobre a concordância padrão <i>versus</i> concordância não-padrão	134
QUADRO 5 – As hipóteses sobre a presença <i>versus</i> a ausência das desinências número-pessoais	135
QUADRO 5 (continuação) – As hipóteses sobre a presença <i>versus</i> a ausência das desinências número-pessoais	136
QUADRO 6 – Quadro sinóptico dos trabalhos sobre a concordância verbal de 1 ^a , 2 ^a e 3 ^a pessoas do plural citados no capítulo Referencial Teórico	159

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 REFERENCIAL TEÓRICO	20
2.1 A Concordância Verbal e a Fala Urbana	21
2.2 A Concordância Verbal e a Fala Rural	29
2.3 A Concordância Verbal e a Fala “Rurbana”	32
2.4 A Concordância Verbal nas Comunidades Quilombolas	37
2.5 A Orientação Social	40
2.6 O Uso de <i>a gente</i>	42
3 METODOLOGIA	45
3.1 O <i>Corpus</i>	46
3.2 A Amostra	47
3.3 A Comunidade de São Miguel dos Pretos	48
3.4 O Modelo de Análise	54
3.5 A Organização das Variáveis	55
3.5.1 A Concordância Padrão X a Concordância Não-Padrão	55
3.5.1.1 A Variável Dependente	56
3.5.1.2 As Variáveis Sociais	56
3.5.2 A Presença X a Ausência das DNPs	59
3.5.2.1 A Variável Dependente	60
3.5.2.2 As Variáveis Lingüísticas Relacionadas com a Presença das Desinências	61
3.5.3 As Variáveis Sociais	68
4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	69
4.1 A Concordância Padrão	69

4.1.2 A Concordância Padrão e as Variáveis Sociais	73
4.1.3 A <i>gente</i>	83
4.2. A Presença da DNP4	89
4.2.1 A Faixa Etária	91
4.2.2 O Gênero	94
4.2.3 A Saliência Fônica	95
4.2.4 A Conjugação Verbal	99
4.2.5 O Tempo Verbal	100
4.2.6 A Troca da Vogal Temática	103
4.2.7 A Posição do Sujeito	104
4.2.8 O Tipo de Sujeito	105
4.3 A Presença das DNP5 e DNP6	106
4.3.1 A Saliência Fônica	110
4.3.2 A Posição do Sujeito	116
4.3.3 O Tempo Verbal	117
4.3.4 A Conjugação Verbal	119
4.3.5 O Tipo de Sujeito	121
4.3.6 A Faixa Etária	123
4.3.7 O Gênero	124
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	126
5.1. A Síntese dos Resultados das Análises Quantitativas	127
5.2 A Avaliação das Hipóteses	133
5.3 As Limitações do Trabalho	137
5.4 As Questões para os Próximos Estudos	138
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	139
APÊNDICE A – INFORMAÇÕES SOBRE OS INDIVÍDUOS DA AMOSTRA	146
APÊNDICE B – A PRESENÇA DAS DNPS POR INFORMANTE	152
APÊNDICE C – A PRESENÇA DA DNP4 POR INFORMANTE	153
APÊNDICE D – A PRESENÇA DAS DNPS 5 E 6 POR INFORMANTE	154
APÊNDICE E – A PRESENÇA DA DNP6 POR INFORMANTE	155
APÊNDICE F – A CONJUGAÇÃO VERBAL, O TEMPO VERBAL E A DNP4	156
APÊNDICE G – A SALIÊNCIA FÔNICA, O TEMPO VERBAL E A DNP4	157
APÊNDICE H – QUADRO SINÓPTICO SOBRE A CONCORDÂNCIA VERBAL	158

1 INTRODUÇÃO

O primeiro contato com a comunidade de São Miguel dos Pretos, em Restinga Seca (RS), foi através do relatório elaborado com o intuito de identificar e de reconhecer o local como um reduto de remanescentes de quilombo, cujas terras deveriam ser submetidas a um levantamento cartorial para sua demarcação e para, enfim, sua legalização no registro de imóveis do município. A oportunidade de conhecer a realidade sócio-histórica da comunidade não poderia ser desperdiçada, uma vez que seria possível aliar esse conhecimento precioso ao estudo da sua realidade lingüística, pelas entrevistas gravadas com os moradores. Isso nos serviu para ingressar na discussão a respeito do português brasileiro, conduzidos pela vertente que acredita na hipótese da existência de processos de crioulização e de descrioulização das variedades lingüísticas brasileiras.

Quando falamos de diversidade sociolingüística do português falado no Brasil, lidamos com o fato de que os falares brasileiros estão estratificados em um *continuum* dialetal, o qual apresenta gradações de variedades de fala, que se caracterizam por traços cuja intensidade de prestígio determina o limite entre o falar culto e o falar não-padrão. Grande parte dos falantes do português brasileiro emprega variedades consideradas não-padrão, o que tem chamado a atenção de pesquisadores que acreditam que esta realidade lingüística decorra do contato lingüístico estabelecido desde a colonização do país.

Quando os portugueses se estabeleceram no Brasil, houve o contato da língua lusitana com as línguas indígenas faladas pelos habitantes desta terra, resultando em línguas gerais que foram utilizadas durante os primeiros dois séculos da ocupação portuguesa. Com a substituição da mão-de-obra escrava indígena, muitos africanos de várias etnias, culturas e línguas (iorubá, kimbundu, ibo, efik, etc.) foram trazidos para o Brasil. Assim acredita-se que a necessidade dos primeiros escravos negros se comunicarem fez com que fossem adotados elementos mais simples da língua dominante, cuja gramática sofreu a influência das línguas oriundas da África. A língua resultante desse contato é denominada *pidgin* que passou a ser um crioulo, a partir do momento que os descendentes dos escravos passaram a utilizá-lo como língua materna. Devido à grande extensão territorial do Brasil e às variedades lingüísticas trazidas pelos africanos (Thomason & Kaufman, 1988: 148), é provável que tenham surgido vários *pidgins* e vários crioulos inicialmente. Com a implementação do trabalho escravo, cria-se um cenário próprio para a ebulição de processos de transmissão lingüística irregular¹, em virtude do contato lingüístico imposto que se deu entre os dominados e os dominadores, assim, conforme Lucchesi (2001:123), seria mais adequado dizer que houve processos de *pidginização* e de criouliização do *tipo leve*, em que ocorre *uma redução drástica dos paradigmas gramaticais e uma conseqüente maximização dos recursos disponíveis* ao invés de *uma reestruturação profunda e independente da gramática*.

Para Guy (1981, 2005), o português popular brasileiro decorre de um processo de criouliização prévia com mais intensidade a partir do século XVII. Em uma etapa posterior, é possível que haja o desencadeamento de um processo de descriouliização, ou seja, é a fase em que o crioulo, com a intensificação do contato através das gerações, adquire novos traços da língua dominante, amenizando as diferenças entre as línguas.

Segundo o autor, o perfil da história social e econômica do Brasil justifica a hipótese da existência de línguas *pidgins* e crioulas, que encontra respaldo em fatos da história social do Brasil. Os negros trazidos para o trabalhar nas plantações e nas minas durante o período colonial foram submetidos abruptamente ao contato de línguas

¹ De acordo com Baxter e Lucchesi (1997: 74): *Um processo de transmissão irregular de L2 para L1 em que a L2 foi alterada devido a problemas de acesso à língua alvo (isto é, a língua do grupo dominante) e, possivelmente, à influência das línguas maternas dos falantes desta L2. Nessas circunstâncias, no desenvolvimento, na aquisição/criação da nova L1 (a língua crioula em potencial), acontecem inovações orientadas por universais e pelas outras línguas maternas*

desconhecidas (as diversas línguas africanas faladas pelos negros e o português falado pelos brancos). Devido à necessidade de sobreviver neste novo contexto, os negros escravizados foram obrigados a se adaptarem à situação lingüística imposta e a desenvolverem uma língua marcada por traços das línguas maternas. Com antecedentes históricos e lingüísticos similares, há os casos do haitiano e do jamaicano no Caribe, bem como o *gullah* no sul dos Estados Unidos, cujas sociedades contaram com o trabalho escravo africano para a viabilização e manutenção da sua economia.

Outro fator indicativo da ocorrência do processo de criouliização é a extensa gama de traços da variedade popular do português brasileiro que a diferencia das outras variedades lingüísticas, tanto do português europeu atual quanto da variedade padrão do Brasil. Lucchesi (2001: 100) ainda acrescenta que *o processo sócio-histórico de constituição da realidade lingüística brasileira é bipolarizado*, o que se refere ao comportamento lingüístico conservador de uma pequena camada social média e alta em um dos pólos, enquanto que, no outro extremo, aparecem as variações lingüísticas resultantes do contato do português europeu com as línguas indígenas e africanas nas camadas mais baixas da pirâmide social.

Um dos aspectos que caracteriza muitas línguas crioulas, segundo Guy (2005: 20), é *a redução drástica na complexidade morfológica*. No processo de criouliização, geralmente ocorre a eliminação das marcas morfológicas de número e de pessoa nos verbos e de gênero e de número nos substantivos. Com relação aos substantivos, pode-se observar a eliminação da marca de número como em *os homem rico*, que recebe o traço de plural apenas no primeiro elemento do sintagma nominal, o artigo. Outro exemplo mostrado pelo autor é a diminuição do uso das formas verbais da 2ª pessoa do singular, *tu falas/falaste*, as quais são substituídas pelas formas *tu fala/falou*. Já a 2ª pessoa do plural, *vós*, está em desuso no português do Brasil, que apresenta em seu lugar a forma *vocês* com o verbo flexionado na 3ª pessoa do plural. Também podemos destacar o aumento do emprego da forma referente à 1ª pessoa do plural *a gente* mais a forma verbal da 3ª pessoa do singular (*a gente trabalha*), favorecendo a simplificação do sistema verbal com a suplantação da desinência *-mos* (*nós trabalhamos*). É interessante ressaltar que a associação destes fenômenos à falta de concordância verbal provoca uma redução drástica

presentes. As inovações preenchem as lacunas ou opacidades causadas pela diluição do modelo para aquisição. Tal processo é variável.

do sistema verbal, que pode apresentar uma única forma verbal, por exemplo, *trabalhava*, para as pessoas *eu, tu, você, ele/ela, a gente, nós, vocês e eles/elas*.

Outra peculiaridade é a redução dos sistemas pronominais, havendo a preferência pela permanência das formas acentuadas em detrimento das formas não-acentuadas. Guy (2005: 23) cita o apagamento dos pronomes clíticos ou sua substituição por pronomes tônicos, como nos caso dos pronomes objetos *o/a (dei-o por dei Ø ou por dei ele)*. Além disso, o pesquisador expõe o caso da generalização do pronome reflexivo *se* acompanhando todas as pessoas, observado nos dados do Projeto Mobral (Lemle & Naro, 1977), como em *Comecei a se jogar no chão* ao invés de *Comecei a me jogar no chão*.

A dupla negação é outra peculiaridade lingüística de língua crioula e é usada muito freqüentemente, por exemplo, pelos falantes dos crioulos portugueses falados nas ilhas de São Tomé, Príncipe e Ano Bom. Este tipo de estrutura também pode ser ouvido no português brasileiro, tais como as ocorrências que aparecem no *corpus* do Projeto Mobral, apresentadas por Guy (2005: 29): *Não tá bom não. / Então nunca vou embora não*.

É notória a influência das línguas africanas no sistema lexical do português brasileiro, o que diferencia esta língua das demais línguas européias presentes na América que possam ter sofrido influência das línguas africanas. Guy (2005: 30) apresenta exemplos de palavras oriundas destas línguas: *agogô, samba, cúica*, referentes à música e à dança; *bolo, dendê, quiabo, vatapá*, referentes à comida; *Ogun, Exu, Iemanjá*, referentes à religião; *cachimbo, quilombo, xingar, tanga, cachaça, moleque, camundongo, caçula, bunda*, vocabulário geral.

Entre a gama de fenômenos lingüísticos peculiares de línguas crioulizadas, optamos por tratar da concordância verbal de 1^a, 2^a e 3^a pessoas do plural, uma vez que poderíamos comparar nossos resultados com resultados encontrados em outros trabalhos sobre este assunto, os quais se valeram de dados de fala de comunidades rurais, urbanas, “rurbanas” e quilombolas. Um dos objetivos da pesquisa é verificar se a variedade falada em São Miguel dos Pretos apresenta características similares a das outras comunidades já estudadas no Brasil, levando em consideração o emprego da concordância verbal. Em virtude de acreditarmos que o português popular brasileiro esteja passando por um processo de aquisição de marcas, pretendemos ver em que medida os falantes da

comunidade negra estão empregando as desinências verbais do plural e que fatores lingüísticos e sociais favorecem a sua presença. A partir desta análise, é possível averiguar se a concordância verbal é uma característica indicativa de que a variedade falada na comunidade quilombola se difere das variedades faladas em comunidades não-quilombolas, atentando para a possibilidade de que a falta de concordância seja um vestígio do processo de crioulização do português brasileiro.

Para atendermos as nossas expectativas, levantamos as seguintes hipóteses com relação ao estudo da concordância verbal padrão e ao estudo da presença das desinências do plural na comunidade de São Miguel dos Pretos:

Concordância Verbal Padrão

- a) a comunidade de São Miguel dos Pretos está adquirindo as formas verbais padrão referentes à concordância verbal de 1^a, 2^a e 3^a pessoas do plural;
- b) os jovens usam mais a concordância padrão (devido à sua maior escolaridade);
- c) os homens apresentam mais as formas padrão do que as mulheres (em virtude do seu maior contato com outras comunidades);
- d) os jovens empregam mais o pronome *a gente*;

Presença das Desinências

- e) a frequência de concordância verbal de 3^a pessoa do plural em São Miguel dos Pretos é similar à das comunidades quilombolas baianas de Helvécia², Rio de Contas³ e Cinzento⁴;

² A comunidade isolada de Helvécia, localizada ao sul da Bahia, foi primeiramente estudada por Ferreira (1985) que relata a existência de vestígios de crioulização na variedade falada pelos negros do local. As origens da formação da variedade pode ser explicada a partir da história de ocupação e de fundação da cidade de Helvécia que começa no século 19, nas fazendas cujos proprietários eram imigrantes suíços e alemães que contavam com a mão-de-obra negra para conduzir os trabalhos braçais. O português falado pelos donos das fazendas foi adquirido como uma segunda língua, a qual foi um dos *input* para a variedade do português falada pelos escravos desenvolvida nas interações necessárias para a execução do trabalho. Existem características encontradas na variedade de Helvécia que são peculiares em outras variedades do português brasileiro encontradas em localidades rurais: o uso de /y/ no lugar de /ɲ/ (*veya - vela*), a troca de /v/ por /b/ (*subaco - suvaco*), a aféresis (*marrô - amarrou*), a apócope (*cabriti - cabritinho*), a metátesis (*vremeyo - vermeço*), a reanálise do uso do plural no sintagma nominal (*zoy grande - os olhos grandes*) e a falta de concordância verbal (*eles comeu - eles comeram*). Além destas peculiaridades, o falar de Helvécia mostra outras características que, segundo Ferreira, são indícios de crioulização prévia: o uso de /õ/ ao invés de /ãw/ (*coraçõ - coraçãw*), a ausência de artigo definido (*quando abri janela - quando abri a janela*), a falta de concordância de gênero (*o casa - a casa*), o uso de uma forma verbal para todas as pessoas no presente e no pretérito (*eu come/nós come - eu como/nós comemos, eu*

- f) a presença de concordância verbal é proporcional ao grau de saliência fônica (quanto maior a saliência do contraste entre as formas verbais de 3ª pessoa do singular e as de 1ª ou 2ª ou 3ª pessoas do plural, maior a concordância entre sujeito e verbo);
- g) o sujeito posicionado antes do verbo favorece a concordância entre ambos;
- h) o sujeito apagado motiva a concordância verbal;
- i) há maior incidência da presença da desinência de 1ª pessoa do plural em contexto de perífrase *vamos* + infinitivo;
- j) os verbos proparoxítonos desfavorecem a presença da DNP4;
- k) há maior tendência de empregar DNP5 (*vocês* + verbo na 3ª pessoa do plural) em contextos com verbos no pretérito perfeito do indicativo;
- l) os jovens usam mais as desinências DNP4, DNP5 e DNP6 (devido à sua maior escolaridade);
- m) os homens empregam mais as DNPs do que as mulheres (em virtude do seu maior contato com outras comunidades).

O trabalho está organizado pelos capítulos Referencial Teórico, Metodologia, Apresentação e Discussão dos Resultados e Considerações Finais.

O Referencial Teórico apresenta trabalhos sobre a concordância verbal de 1ª e 3ª pessoas do plural em vários estados do país, com dados de fala coletados em comunidades

esqueceu/nós esqueceu – eu esqueci/nós esquecemos) e o uso do verbo no infinitivo no lugar do verbo conjugado (*ele morrê – ele morreu*).

³ Rio de Contas é o termo para denominar as comunidades de Barra e Bananal situadas no município de Rio de Contas, BA. A fundação dos dois vilarejos está associada ao naufrágio de um navio negreiro oriundo da África, cujos sobreviventes escolheram o lugar para se esconderem e buscarem a sua subsistência. Alguns contam que os negros teriam sido escravizados pelos Bandeirantes para a exploração de minérios da região. A comunidade que antes vivia isolada, hoje conta com a visita de turistas e de pesquisadores que vão conhecer a comunidade.

⁴ Segundo relatos de moradores antigos, os primeiros habitantes do lugar vieram fugidos para se refugiarem neste local acidentado, isolado e desprovido de recursos naturais. As histórias vividas por seus ancestrais denunciam a condição de subjugação à qual eram submetidos pelas mãos escravagistas.

urbanas, rurais, “rurbanas” e quilombolas. Estes estudos contribuem para definirmos as nossas hipóteses a respeito do assunto e para confrontarmos os resultados destas comunidades com os obtidos em São Miguel dos Pretos. Também nos valem do estudo de Labov (1966) realizado em *Martha’s Vineyard*, no qual o autor aborda a influência da orientação social na variedade falada de um determinado grupo, ou seja, quando as expectativas pessoais dos indivíduos se refletem no modo de falar de uma pessoa ou de um grupo.

No capítulo Metodologia, há a explicação de como tivemos acesso ao *corpus* utilizado na nossa pesquisa, bem como às informações essenciais para o conhecimento da história da comunidade, da sua atual situação cultural, social e econômica e dos informantes da amostra utilizada no nosso estudo. A definição da amostra leva em consideração as condições de audição das entrevistas e a possibilidade de identificação dos falantes, além do levantamento dos seus dados pessoais (idade, profissão, escolaridade, etc). A seção sobre a comunidade traça um panorama amplo que apresenta a sua formação, desde a fuga do escravo Geraldo, até a sua atual delimitação, as suas características culturais, a sua organização social e as suas dificuldades de garantir condições adequadas de moradia e de sustento a seus moradores. Também informamos que a análise dos dados é baseada no modelo variacionista e conta com tratamento quantitativo ao utilizar o pacote de programas VARBRUL (Cedergren & Sankoff, versão Pintzuk, 1988). As variáveis aparecem organizadas em duas partes: a primeira sobre a concordância padrão e a concordância não-padrão e a segunda sobre a presença e a ausência das desinências número-pessoais.

O capítulo Apresentação e Discussão dos Resultados traz os resultados referentes às análises da concordância padrão de 1^a, 2^a e 3^a pessoas do plural e da presença das desinências DNP4, DNP5 e DNP6 nos verbos. Com relação à concordância padrão, mostramos a sua relação com as variáveis sociais faixa etária, gênero e informante e destacamos a influência da escolaridade no comportamento lingüístico dos falantes. A distribuição da forma *a gente* também aparece na seção destinada à concordância padrão, uma vez que o verbo concorda com o pronome em todas as ocorrências. Após exibimos os resultados relacionados à presença das DNP4, DNP5 e DNP6 e a influência das variáveis lingüísticas posição do sujeito, tipo do sujeito, saliência fônica, conjugação verbal, tempo verbal e das variáveis sociais faixa etária (sem menosprezar o papel da escola) e gênero.

Nas Considerações Finais, fazemos uma retomada da justificativa, dos objetivos traçados, da metodologia, das hipóteses sustentadas e refutadas e dos resultados mais interessantes. Com o avanço da pesquisa, foi possível refletir sobre os procedimentos de análise adotados e sobre os resultados apresentados e, assim, destacamos também as limitações do trabalho. Neste capítulo, evidenciamos os vários questionamentos surgidos na elaboração desta dissertação e a possibilidade de novos trabalhos que venham a abranger aspectos que não foram considerados neste estudo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Ao contrário do que pressupõe a gramática tradicional, a observação empírica e os estudos sociolinguísticos têm atestado que o sistema flexional dos verbos apresenta regras variáveis no português brasileiro falado. Os fenômenos referentes a esta questão têm merecido a atenção de muitos pesquisadores, entre os quais destacamos os estudos feitos a respeito da concordância verbal de 1^a e de 3^a pessoas do plural com dados da língua falada no Brasil, que servem de suporte teórico para o estabelecimento das nossas hipóteses a respeito do assunto e para a comparação de resultados.

Primeiramente apresentamos os estudos feitos com amostras de fala urbana, de fala rural e de fala “rurbana”⁵, os quais são seguidos pelos trabalhos realizados em comunidades quilombolas, cujo *corpus* se caracteriza pelo falar rural. Também fazemos referência à pesquisa de Labov (1966) realizada em *Martha’s Vineyard* com o intuito de trazer à tona a questão da influência da orientação social na variedade falada de um determinado grupo. Por último, citamos o estudo feito por Zilles (2005) sobre o uso de *a gente* na fala de informantes de Porto Alegre pertencentes ao banco de dados do Projeto VARSUL e ao banco de dados do Projeto NURC.

⁵ A fala “rurbana” se refere ao falar de pessoas da zona rural que migram para o perímetro urbano e, em consequência do contato linguístico com a variedade urbana, apresentam um falar com traços das duas variedades (Bortoni-Ricardo, 1984).

2.1 A Concordância Verbal e a Fala Urbana

O estudo feito por Lemle & Naro (1977) com dados de falantes analfabetos do Projeto Mobral, coletados na década de 70 para o Projeto de Competências Básicas do Português, traz à tona a questão da regra variável de concordância verbal de 3ª pessoa do plural. Os informantes selecionados são da zona urbana do Rio de Janeiro ou de cidades vizinhas (Nova Iguaçu e Caxias) e estão distribuídos em grupos etários que variam entre 17 e 50 anos. As restrições variáveis consideradas na pesquisa, as quais interessam para o nosso trabalho, são a saliência fônica e a posição do sujeito.⁶

A variável saliência fônica tem sido muito importante em várias pesquisas sociolinguísticas sobre o PPB. Os autores contam com a hipótese de que quanto maior a saliência fônica da oposição entre as formas verbais da 3ª pessoa do singular e da 3ª pessoa do plural, tanto maior a aplicação da regra de concordância. Assim, a diferença entre as formas verbais que se constitui pela mudança na posição do acento, como no pretérito perfeito irregular *teve/tiveram* - *fez/fizeram* (88% - 0,83), e a total distinção entre as formas do presente do verbo *ser*, como em *é/são* (82% - 0,81), são mais frequentemente empregadas com a devida concordância entre sujeito e verbo (p. 41). Em contrapartida, há menor chance de haver concordância quando há oposições verbais cuja diferença entre as formas do singular e do plural consiste apenas na nasalização – *come/comem* (14% - 0,06) – *fala/falam* (30% - 0,17).

O princípio da saliência dos elementos é um fator relevante na aplicação da concordância também quando se trata da posição do sujeito. O estudo revela que há maior tendência para a realização da concordância verbal quando o sujeito está mais saliente (p. 44), ou seja, quando está posicionado antes do verbo (49% - 0,70). As demais posições do sujeito, preposta com algum material interveniente e posposta, são menos salientes e demonstram ser contextos com menor probabilidade para a aplicação da regra variável de concordância (35% - 0,44 e 23% - 0,22 respectivamente). O sujeito nulo (oculto) também aparece inserido na variável referente à posição do sujeito, o qual aparece como um

⁶ Os autores testam também a relação entre a concordância verbal e as variáveis estilo e traço semântico do sujeito, as quais não serão abordadas neste trabalho.

ambiente favorável ao uso da concordância com 0,65 de peso relativo e com 54% de frequência.

Ao estudar a 3^a pessoa do plural, Naro (1981) compõe a sua amostra também com estudantes do Projeto MOBREAL do Rio de Janeiro e de redondezas, os quais têm entre 15 e 54 anos. Além das variáveis lingüísticas saliência fônica⁷ e posição do sujeito testadas no Projeto de Competências Básicas do Português, cujos resultados aparecem em Lemle e Naro (1977), estão em jogo as variáveis sociais faixa etária e gênero.⁸

O estudo da variável saliência fônica sustenta o princípio de que há maior probabilidade de haver concordância entre sujeitos e as formas verbais mais salientes. Logo seus resultados (p. 77) mostram que a oposição de menor saliência, cujo plural apresenta apenas a nasalização como em *come/comem*, fica com 15%⁹ de frequência e 0,11 de peso relativo. À medida que os demais níveis exibem oposições mais salientes, há o aumento dos índices e das probabilidades de concordância verbal, até chegar no último nível, que é a amalgamação das formas em que há maior diferença morfológica, como nos casos *falou/falaram – é/são – disse/disseram*, com percentual e peso relativo de 80% e de 0,85.

O sujeito posicionado imediatamente antes do verbo e o sujeito nulo são contextos mais favoráveis para a aplicação da concordância com os seguintes resultados: 49% - 0,71 e 50% - 0,65, nesta ordem. O sujeito com material interveniente antes do verbo fica com 33% - 0,41, enquanto o sujeito posposto é o que menos propicia a concordância com 23% - 0,24 (p. 80).

A análise da variável faixa etária (p. 82) constata percentuais de aplicação da regra muito próximos, 47% e 48%, para velhos e para jovens, porém os pesos relativos revelam que os falantes mais velhos apresentam maior probabilidade com 0,58 e os mais jovens ficam com 0,42. Para Naro, esta diferença entre os dois grupos etários é o reflexo da trajetória diacrônica da regra de concordância no sistema gramatical. O autor sustenta a

⁷ Para a análise da saliência fônica, o autor afirma que há duas forças que atuam simultaneamente e, por isso, estão presentes como duas variáveis: acento (*stress*) e diferença de material fônico (*material differentiation*) (Naro, 1981: 78).

⁸ O autor também considera as variáveis orientação cultural e origem.

⁹ Na verdade, o resultado apresentado pelo autor é 14,6%, mas nós fizemos o arredondamento do número, que fica 15%. É importante esclarecer que tomaremos a liberdade de adotarmos este procedimento com os resultados das pesquisas relatadas doravante.

hipótese de que o português popular brasileiro está sofrendo a perda das desinências verbais, uma vez que há a tendência das gerações mais novas apresentarem menos concordância. Com relação ao gênero, a frequência novamente não é reveladora - homens com 47% e mulheres com 48%. No entanto, os pesos relativos de 0,46 para o primeiro grupo e 0,54 para o último mostram que as representantes do sexo feminino estão mais próximas da variedade de maior prestígio.

Ao tomar como base o *corpus* analisado por Lemle & Naro (1977), Guy (1981) apresenta a falta de concordância verbal como uma tendência do português falado no Brasil, ao verificar o uso da 3ª pessoa do plural nos dados de falantes analfabetos do Projeto Mobral. Na sua análise, o autor constata 43% de marca de plural nos dados e inclui as seguintes variáveis: a posição do sujeito, a saliência fônica (categoria morfológica), o gênero e a faixa etária.¹⁰

A análise da variável posição do sujeito (p. 248) revela que o sujeito que precede imediatamente o verbo favorece com maior significância a concordância, conforme indica o peso relativo de 0,67. Para o sujeito localizado após o verbo, há 0,32 de probabilidade de haver concordância, portanto, esta posição pouco favorece o fenômeno em questão. O sujeito posicionado de qualquer outro modo, assim como o sujeito nulo não se mostram significativos para a aplicação da regra em estudo (0,51).

O autor (p. 260) destaca como fator importante para a presença ou a ausência da marca de plural a saliência morfológica do verbo, que é a diferença entre a 3ª pessoa do singular e a 3ª pessoa do plural, como em *fala/falam* ou *dá/dão*. Assim, quanto maior a distinção entre as formas singular e plural, maior a concordância entre o verbo e o sujeito. Portanto, o autor apresenta evidências favoráveis a esta hipótese ao encontrar o mais baixo resultado de marca de plural (14% - 0,15) para as formas verbais com o tipo de oposição com menor grau de saliência - *come/comem*. Já o maior percentual de concordância (76% - 0,84) está associado às formas cujas oposições são mais salientes como em *é/são*, *fez/fizeram*, *falou/falaram*.

¹⁰ O autor também testa a variável tipo de sujeito (Guy, 1981: 249), mas seus resultados não serão apresentados porque seus fatores não são passíveis de comparação com os fatores estipulados para esta variável na nossa pesquisa. Além disso, não expomos os resultados da variável estilística que aparecem no estudo do autor (ibid.: 269) porque esta não é relevante para a nossa pesquisa.

Os resultados das variáveis sociais gênero e faixa etária não permitem conclusões a respeito da sua relação e o fenômeno estudado, pois os números são bastante aproximados (p. 269). Os homens usam a concordância verbal em 43% das vezes (0,47) e as mulheres em 44% das ocorrências (0,53). Os falantes adultos mais velhos ficam com 43% e peso relativo de 0,50, os falantes adultos mais novos apresentam 42% e pesos relativo de 0,45 e os falantes mais jovens obtêm 46% e peso relativo de 0,55.

O trabalho desenvolvido por Rodrigues (1992) em uma comunidade de favelados da periferia de São Paulo (Zona Oeste, Carombé) investiga a concordância de 1^a e de 3^a pessoas na variedade popular falada por analfabetos ou semi-escolarizados, os quais, em sua maioria, migram das zonas rurais e não possuem qualificação profissional adequada ao meio urbano. Seus resultados possibilitam identificar que há o emprego da regra de concordância em 54% para DNP4 e 29% para DNP6¹¹. Nesta análise, a autora aborda a variável lingüística tipo de sujeito (presença/ausência de sujeito pronominal) e a variável social gênero.

Ao testar o tipo de sujeito (p. 159-60), o estudo verifica até que ponto pode-se sustentar a hipótese de que o sujeito apagado (sujeito não explícito) é contexto favorável ao uso das desinências verbais número-pessoais. Também a presença do pronome na função de sujeito compensa a perda da informação a respeito do número e da pessoa quando há falta destas marcas no verbo. A fim de testar tais pressuposições, foram consideradas todas as ocorrências de sujeitos explícitos ou nulos de 1^a pessoa do plural e de 3^a pessoa do plural. Os resultados referentes à 1^a pessoa do plural mostram que a concordância está relacionada à supressão do sujeito com 74% e 0,81, ao mesmo tempo em que o sujeito explícito pronominal *nós* e o sujeito não-pronominal são contextos que propiciam a perda da marca de flexão verbal, com os seguintes percentuais e probabilidades: 47% - 0,45 e 32% - 0,22, nesta ordem. Mesmo com diferenças amenas de pesos relativos, as formas verbais marcadas de 3^a pessoa do plural também tendem a ocorrer quando o sujeito não está explícito em 52% dos casos (0,62), enquanto a falta de concordância tende a aparecer em 28% de sujeitos pronominais (0,55) e em 18% com outro tipo de sujeito (0,33).¹²

¹¹ Como a autora não apresenta os percentuais referentes ao emprego da regra de concordância para DNP4 e DNP6, calculamos estes resultados a partir da tabela 1 sobre a variável sexo em Rodrigues (1992: 167).

¹² A autora apresenta seus resultados referentes à falta de concordância (Rodrigues, 1992: 159-60), mas como nos interessa a presença da concordância, convertemos percentuais e pesos relativos a fim de facilitar a comparação de resultados e assim atender ao propósito de nosso trabalho.

Seus resultados (p. 167) demonstram que os homens empregam mais as marcas de plural de 1ª pessoa (63% - 0,57) do que as mulheres (46% - 0,43) possivelmente devido às condições sociais com as quais ambos convivem. Os homens saem para trabalhar em lugares fora da sua comunidade, têm maior contato com as formas da variedade padrão e estão mais expostos à pressão para abandonar as formas desprestigiadas com o intuito de aproximarem-se mais das formas valorizadas. Já as mulheres permanecem em suas casas para cumprir as tarefas domésticas e cuidar dos filhos e, ainda que tenham empregos, o local de trabalho, geralmente, é dentro do próprio bairro ou distrito, por isso, não compartilham, na mesma medida, a necessidade de mudar seus hábitos de fala.

Ao contrário dos resultados referentes à 1ª pessoa, os números sobre a concordância de 3ª pessoa do plural não mostram diferenças significativas entre os dois sexos (p. 167). O comportamento lingüístico de homens e de mulheres com relação à aplicação da regra de concordância apresenta pouca diferença percentual e probabilidades muito próximas ao ponto neutro: 28% - 0,47 e 30% - 0,53 respectivamente. De fato, a variável em questão não se mostra relevante para o emprego da concordância verbal de 3ª pessoa do plural, o que é confirmado por testes de relevância feitos pela autora.

A pesquisa feita com falantes de zona urbana apresentada por Zilles, Maya e Silva (2000) investiga o uso de 1ª pessoa do plural (DNP4 = *-mos* ou *-mo*) nos dados de entrevistas feitas em Porto Alegre e Panambi, que constituem parte do *corpus* lingüístico do projeto VARSUL. O trabalho apresenta resultados parciais sobre a omissão das desinências número-pessoais *-mo* ou *-mos* (DNP4)¹³ e tem o intuito de verificar quais fatores lingüísticos e sociais estão correlacionados com este fenômeno, contribuindo para a discussão a respeito da sua extinção ou da sua manutenção na língua falada.

As ocorrências foram distribuídas da seguinte forma (p. 206): 53% de casos da forma padrão (*-mos*), 34% de forma não-padrão (*-mo*) – portanto, 87% de emprego de desinência - e 13% de desinência zero. Apresentamos os resultados das variáveis selecionadas pelo programa VARBRUL sílaba tônica, posição do sujeito e escolaridade¹⁴.

¹³ Além disso, os autores investigam o apagamento do /s/ na DNP4, o que não será apresentado no nosso trabalho em virtude de tratarmos do uso de formas padrão e não-padrão sem separarmos a 1ª, a 2ª e a 3ª pessoas do plural.

¹⁴ A variável comunidade também foi selecionada pelo programa VARBRUL, mas seus resultados não são apresentados no nosso trabalho porque esta não é relevante para o nosso estudo.

A variável que favorece a omissão da desinência (zero) é a sílaba tônica (p. 207), sendo assim, quando a forma verbal é proparoxítona, a ausência da desinência ocorre em 43% (0,97). Já quando o verbo é paroxítono, o percentual cai para 2% (0,28). Também a variável posição do sujeito (p. 208) se mostra importante, sendo que o sujeito posposto obtém 80% (peso relativo de 1,00) de falta de concordância, enquanto o sujeito imediatamente anteposto fica com 17% (peso relativo de 0,48), o sujeito anteposto com intervenção de material com uma a três sílabas aparece com 10% (peso relativo de 0,52) e o sujeito anteposto com intervenção de material com mais de três sílabas tem 9% (peso relativo de 0,62).

Sobre a variável social escolaridade (p. 209), os resultados concordam com a hipótese de que os falantes com menor grau de instrução omitem a DNP4 com maior frequência. Verifica-se que os falantes menos escolarizados (primário) produzem mais formas zero (16% - 0,74) e menos formas padrão (-mos). Por outro lado, aqueles que possuem maior grau de instrução (secundário) desfavorecem o uso da desinência zero (5% - 0,25).

Os resultados encontrados em Panambi e em Porto Alegre (p. 209), a princípio, contrariam a hipótese de que a desinência estaria em extinção, uma vez que prevalece o emprego do sufixo, tanto a forma padrão -mos quanto a forma não-padrão -mo, ao invés da sua ausência. Os autores ressaltam que, mesmo com a tendência de diminuir o uso da desinência com o aumento progressivo do uso de *a gente* tanto na fala quanto na escrita, talvez o seu destino não seja a extinção, mas a convivência das duas formas.

Monguilhott & Coelho (2002) estudam a concordância verbal de 3ª pessoa do plural sob a perspectiva da sociolinguística paramétrica, que se propõe a observar e a explicar os fenômenos variáveis a partir da comunhão de pressupostos metodológicos da Teoria da Variação e do modelo chomyskiano de Princípios e Parâmetros. O estudo conta com dados de fala compilados no Banco de Dados do Projeto Interinstitucional Variação Linguística Urbana na Região Sul (VARSUL). A amostra analisada considera os dados de fala de 24 pessoas escolarizadas de Florianópolis, descendentes de açorianos, os quais foram selecionados conforme as variáveis sociais gênero e faixa etária.¹⁵

¹⁵ Faixa etária: de 15 a 24 anos, de 25 a 45 anos e de 52 a 76 anos; escolaridade: entre quatro a onze anos de escolarização.

Do total de 1583 ocorrências, há 79% de concordância e 21% dos dados apresentam a variante zero para o fenômeno em questão (p. 192). Com o auxílio do programa VARBRUL, as variáveis selecionadas que favorecem o uso da marca de plural são as seguintes: saliência fônica, posição do sujeito em relação ao verbo e tipo de sujeito.¹⁶

A variável saliência fônica é a de maior destaque por ser responsável pela forte tendência de manutenção da marca de plural nos verbos cuja característica é a oposição mais contrastante entre as formas verbais de 3ª pessoa do singular e de 3ª pessoa do plural. As autoras distinguem dois níveis para esta variável (p. 195): nível 1 – oposição não-acentuada e nível 2 – oposição acentuada. Para o primeiro nível, foram encontrados os seguintes resultados: 25% e 0,02 em *comem/comem*, 80% e 0,46 em *fala/falam*, 66% e 0,13 *quer/querem*. O segundo nível conta com os seguintes valores: 96% e 0,88 em *vai/vão*, *está/estão*; 83% e 0,65 em *comeu/comeram*, *viu/viram*; 90% e 0,75 em *é/são*, *disse/disseram*, *veio/vieram*. Apesar de não haver a escala esperada, as oposições mais salientes, do nível 2, se mostram mais propícias à aplicação da concordância.

Já a posição do sujeito canônica no português brasileiro, ou seja, anterior ao verbo, resulta em 84% das ocorrências de verbos marcados pelo plural (0,58). O baixo resultado de concordância quando há sujeito posposto – 52% e 0,17 – decorre da falsa impressão do falante ao atribuir a função de objeto a este tipo de sujeito, segundo a proposta das autoras (p.198).

Nos casos em que os sujeitos são expressos por pronome pessoal ou pronome demonstrativo ou pronome relativo, há maior incidência de concordância entre verbo e sujeito: 88% e 0,59 (pessoal + demonstrativo) e 83% e 0,47 (relativo). Estes resultados estão relacionados à variável posição do sujeito, uma vez que esses tipos de pronomes costumam ocupar a posição anterior ao verbo quando têm a função de sujeito (p. 210).

Sobre a 1ª pessoa do plural com dados de fala urbana, destacamos que Rodrigues (1992) encontra 54% de concordância verbal e Zilles et al. (2000) apresentam 87% para o fenômeno. Estas diferenças percentuais refletem a relevância da escolaridade quanto à presença da DNP4, uma vez que os informantes da periferia paulista (Rodrigues) possuíam

¹⁶ As autoras também consideram as variáveis paralelismo formal, traço humano no sujeito e tipo de verbo.

pouca ou nenhuma escolaridade e os informantes gaúchos (Zilles et al.) freqüentaram a escola durante 4 a 11 anos. O fator grau de instrução também é importante para entendermos a diferença entre os resultados de presença da DNP6 nos trabalhos de Guy (1981), de Rodrigues (1992) e de Monguilhott & Coelho (2002): 43% com a amostra fluminense, 54% com a amostra paulista e 79% com a amostra catarinense.

A escala de saliência fônica é confirmada nos estudos realizados com a amostra do Projeto MOBREAL (Lemle & Naro (1977), Naro (1981) e Guy (1981), nos quais podemos perceber a relação existente entre o grau de saliência e o emprego da concordância verbal. Embora Monguilhott & Coelho (2002) não apresentem a hierarquia esperada da escala como aparece nos demais trabalhos citados acima, as autoras ratificam a existência de um conjunto de formas verbais mais salientes que favorece a presença da desinência verbal.

A posição do sujeito na oração é outro fator comum nos trabalhos referidos nesta seção. Os sujeitos posicionados antes do verbo são os que motivam a concordância de 1ª e de 3ª pessoas do plural, conforme vemos em Lemle & Naro (1977), Naro (1981), Guy (1981), Zilles et al. (2000) e Monguilhott & Coelho (2002). O sujeito nulo também ganha destaque pela sua influência para a presença das DNPs em Rodrigues (1992), Lemle & Naro (1977) e Naro (1981). Monguilhott & Coelho trazem à tona a importância do sujeito preenchido por pronomes pessoal, demonstrativo e relativo para o uso da DNP6, os quais geralmente ocupam uma posição anterior ao verbo.

As mulheres são as que mais empregam a concordância de 3ª pessoa em Naro (1981), enquanto que em Rodrigues (1992) não existe diferença entre os gêneros. A respeito da 1ª pessoa do plural, a autora revela que os homens da periferia de São Paulo são os que mais empregam a DNP4 em virtude das suas atividades profissionais fora da comunidade. A faixa etária é outra variável social testada no trabalho feito com a amostra de falantes do Projeto MOBREAL (Naro, 1981), cujo resultado mostra que os velhos têm maior probabilidade de usar a DNP, o que colabora para a hipótese de que o português brasileiro está perdendo a flexão verbal.

2.2 A Concordância Verbal e a Fala Rural

Nina (1980) analisa a concordância nominal e verbal na fala de informantes analfabetos da Micro-região Bragantina, localizada no Estado do Pará. O estudo sobre a concordância verbal considera as 1^a e 3^a pessoas do singular e do plural¹⁷. Entre as variáveis testadas estão a posição do sujeito, o grau de saliência fônica (apenas para a 3^a pessoa do plural), gênero e faixa etária.¹⁸

A autora expõe a distribuição de concordância para a 1^a pessoa do plural de acordo com o tempo verbal estudado. Constata-se que existe um índice bastante alto de desvio em relação à regra categórica de concordância, pois há 17% de concordância verbal de 1^a pessoa do plural quando o verbo está no presente do indicativo (*nóis planta mandioca*, Nina, 1980: 125), e existem apenas 9% de incidência da marca de plural no pretérito imperfeito do indicativo (*nóis plantava mandioca todo ano*, p. 125). Em contrapartida, o pretérito perfeito do indicativo (*nóis disse tudo pro prefeito*, p. 125) é contexto mais favorável para a presença da desinência de 1^a pessoa do plural, já que há o registro de 81% de ocorrências de concordância com esse tempo verbal.

Com relação à 3^a pessoa do plural, não aparecem separadamente os resultados relacionados aos tempos verbais, como aqueles apresentados acima. Desta vez, obtém-se um percentual geral de 29% de concordância para esta pessoa (p. 126). Apesar de não apresentar os números, a autora informa que os verbos irregulares e os verbos regulares no presente e no imperfeito do indicativo tendem a desfavorecer a concordância entre sujeito e verbo.

A análise da relação posição do sujeito e concordância (p. 130) mostra que o sujeito imediatamente anteposto ao verbo obtém 37% para a 1^a pessoa do plural e 43% para a 3^a pessoa do plural de aplicação da regra de concordância. Nos casos de sujeito oculto (apagado), a aplicação da regra de concordância é categórica, portanto, atinge 100% de uso

¹⁷ A autora também estuda a 1^a e a 3^a pessoas do singular, no entanto, devido ao foco do nosso trabalho, trataremos apenas dos resultados referentes às pessoas do plural.

da desinência para as pessoas do plural. O oposto acontece com as ocorrências de sujeito posposto, ou seja, não há a presença das DNP4 e DNP6 neste contexto.

O grau de saliência fônica é testado para verificar em que medida a escala pode influenciar na aplicação da regra de concordância de 3ª pessoa do plural. Os resultados mostram os seguintes percentuais em favor da concordância (p. 136): nível 1 – *fala/falam* e *come/comem* – 24%; nível 2 – *faz/fazem* e *diz/dizem* – 5%; nível 3 – *falou/falaram* e *fez/fizeram* – 67%; nível 4 – *é/são* e *dá/dão* – 2%. A falta de aumento gradual de concordância entre os níveis 1 e 2 pode acontecer em decorrência de outro fator lingüístico não identificado que esteja interferindo nos resultados. Já o baixo índice do nível 4, a respeito do qual existe a expectativa de haver maior concordância, pode ser explicado devido à presença de formas verbais com graus de saliência incompatíveis: a oposição *é/são* é muito mais saliente do que a oposição *dá/dão*.

A variável social gênero mostra que os representantes do sexo masculino apresentam a marca de plural em 38% dos casos. Por sua vez, as mulheres estão mais próximas da norma padrão do que os homens ao aplicarem a regra de concordância em 45% das vezes (p. 137)¹⁹, mostrando que há uma forte influência feminina no processo de mudança lingüística. Com relação à idade, existe uma tendência maior de uso da concordância por parte do grupo mais jovem com 61%, enquanto os adultos médios e os adultos velhos a empregam em 42% e em 34% das vezes, respectivamente (p. 138). O fato da geração mais jovem utilizar mais a desinência do que as mais antigas é mais um indício de que o português brasileiro está adquirindo marcas de plural, contrariando a interpretação de Naro (1981: 82) que sustenta a perda da concordância.

Ao abordar a fala de descendentes italianos da região rural de Ijuí, RS, Costa (1990) põe em discussão a variação da concordância entre os sujeitos e os verbos do modo indicativo referentes às 1ª e 2ª/3ª pessoas do plural. A autora expõe as frequências de concordância para cada tempo verbal em pauta: presente, pretérito perfeito e pretérito imperfeito.²⁰

¹⁸ A natureza semântica do sujeito é outra variável abordada pela autora.

¹⁹ A autora não especifica se os resultados relacionados às variáveis gênero e faixa etária se referem à 1ª ou à 3ª pessoas do plural.

²⁰ A autora também considera a variável diferenciação social que é medida pelo fator mecanização do trabalho. Também trata da relação existente entre o uso da concordância de 2ª e 3ª pessoas do plural, o presente (1ª conjugação), o pretérito perfeito e as variáveis sociais faixa etária e gênero.

Os resultados mostram que para a 1ª pessoa do plural do presente (p. 118), há 98% de concordância – dos quais 3% apresentam a concordância padrão e 95% se referem à concordância não-padrão com desinência – e 2% são casos de concordância zero. Os contextos com verbos do pretérito perfeito (p. 128) aparecem com 3% de concordância padrão, 96% de concordância não-padrão com desinência – portanto, 99% de uso da DNP4 – e 1% se refere à concordância zero. Das ocorrências com os verbos do pretérito imperfeito, há 2% de formas do padrão e 98% de concordância zero (p. 124). Segundo a autora, o alto índice de formas sem desinência pode estar associado ao fato de haver rejeição de formas proparoxítonas que seriam inevitáveis caso os falantes empregassem o sufixo de número e de pessoa correspondente à 1ª pessoa do plural no pretérito imperfeito do indicativo.

Os dados analisados revelam que há 71% de uso das formas padrão referentes às 2ª e 3ª pessoas do plural quando os verbos estão no presente (p. 120). Com o mesmo tempo verbal, existem 25% de formas não-padrão com concordância e 4% de formas não-padrão sem concordância. Com os verbos no pretérito perfeito (p. 132), os percentuais de ocorrências padrão e não-padrão sem concordância diminuem para 63% e 2%, respectivamente, enquanto há 35% de casos de formas não-padrão com concordância. Entre os três tempos verbais, o pretérito imperfeito (p. 125) apresenta o maior índice de emprego do padrão – 81% – e também o maior percentual de desinência zero – 12%, restando apenas 7% de ocorrências de formas não-padrão com concordância. Quanto ao emprego das desinências, observa-se que há pouca diferença entre as frequências dos três tempos verbais (se compararmos com aquelas obtidas para a 1ª pessoa do plural): 96% para o presente, 98% para o pretérito perfeito e 88% para o pretérito imperfeito.

Apesar das autoras Nina e Costa estudarem a fala em comunidades rurais, podemos observar que os percentuais encontrados para as pessoas do plural são bem diferentes. Os resultados da Micro-região Bragantina paraense (Nina, 1980) são bem inferiores do que aqueles apurados na comunidade gaúcha (Costa, 1990):

TABELA 1 – A comparação dos resultados de Nina (1980) e de Costa (1990) a respeito da relação entre a concordância verbal e os tempos verbais

Nina (1980)		Costa (1990)	
1 ^a	Presente – 17% Pret. perfeito – 81% Pret. imperfeito – 9%	1 ^a	Presente – 98% Pret. perfeito – 99% Pret. imperfeito – 2%
3 ^a	Todos os tempos – 29%	2 ^a /3 ^a	Presente – 96% Pret. perfeito – 98% Pret. imperfeito – 88%

No estudo feito no Pará, observamos que, entre as possibilidades do sujeito se posicionar, a posição anterior ao verbo obtém o maior índice de concordância para as 1^a e 3^a pessoas do plural, 37% e 43%, nesta ordem. Por sua vez, o sujeito oculto aparece sempre com o verbo marcado pelas desinências DNP4 e DNP6. Também a pesquisa feita com os falantes paraenses revela que as mulheres aplicam mais a regra de concordância verbal referente à 1^a e à 3^a pessoas do plural do que os homens: 45% *versus* 38%. Constata-se que há o indício de que o português brasileiro passa por um processo de aquisição das marcas, já que a geração mais nova apresenta 61% de emprego das DNPs, seguida pelos adultos com 42% e pelos velhos com 34%.

2.3 A Concordância Verbal e a Fala “Rurbana”

Bortoni-Ricardo (1985) apresenta o estudo sobre a concordância verbal de 1^a e de 3^a pessoas do plural e, para isso, conta com o *corpus* constituído de entrevistas feitas com pessoas analfabetas ou semi-analfabetas que migraram da zona rural da região do Alto Parnaíba, em Minas Gerais, para se estabelecerem em Brazlândia, cidade-satélite de Brasília. Ao investigar a aquisição da regra de concordância, lida-se com a existência de um processo no qual os informantes migrantes do meio rural e falantes de uma variedade estigmatizada estariam adquirindo as desinências verbais do plural a partir do contato com a variedade padrão e prestigiada. A fim de verificar esta hipótese, a autora analisa a relação

da regra variável de concordância com o comportamento dos grupos etários e as características das redes sociais que envolvem a realidade dos seus informantes. As variáveis consideradas são posição do sujeito, posição do acento nos verbos, saliência fônica (somente para a 3ª pessoa do plural), faixa etária e gênero.²¹

A respeito da 1ª pessoa do plural (p. 212-3), constata-se o uso da concordância em 56% dos casos. Os resultados referentes à posição do sujeito revelam que houve 47% de concordância quando o sujeito é anteposto imediatamente ao verbo ou quando há palavras curtas entre ambos, 34% quando existe algum material interveniente entre o sujeito anteposto e o verbo, e 29% quando o sujeito está posposto ao verbo. Em contexto de sujeito não-explícito (apagado), há 84% de ocorrências de uso das desinências número-pessoais, o que reflete novamente a necessidade de marcar no verbo a informação que o sujeito não revela.

Outra variável lingüística testada é a posição do acento nos verbos, que é dividida da seguinte maneira: verbos paroxítonos, nos quais o sufixo é antecedido de uma sílaba tônica (*falamos, andamos*); verbos proparoxítonos nos quais há uma sílaba entre a sílaba tônica e o sufixo (*falávamos, andávamos*). Os verbos do primeiro grupo mantêm com maior freqüência o sufixo de número e de pessoa com 62%, enquanto os verbos do segundo grupo aparecem marcados morfologicamente em apenas 10% dos casos. Os resultados atendem à expectativa de que isso aconteceria, pois existe uma tendência de supressão das sílabas átonas finais, afetando também as palavras proparoxítonas.

A análise da faixa etária mostra que os mais velhos apresentam 48% de concordância e os mais jovens 82%, graças ao acesso deste grupo à variedade padrão através da escola. A variável gênero, por sua vez, permite verificar que os homens usam a concordância em 66% dos casos, mas as mulheres o fazem em 42% das ocorrências. A maior freqüência de concordância na fala dos homens deve-se ao fato destes vivenciarem a transição do meio rural para o urbano de forma diferente das mulheres, já que a necessidade de buscar o trabalho fora da comunidade faz com que eles estejam mais expostos ao contato com outras redes de relações e, em conseqüência, a exposição à variedade padrão também é mais intensa, bem como a necessidade de se adequarem aos

²¹ A autora também considera a variável exposição aos meios de comunicação.

moldes do mercado lingüístico. Diferente do que acontece com os homens, as mulheres preservam mais os traços da variedade trazida de Minas Gerais, já que elas passam a maior parte do tempo em função das lidas domésticas dentro de Brazlândia e se deparam em menor escala com as exigências de se aproximarem da variedade lingüística idealizada.

O resultado geral mostra que existe concordância em 35% das ocorrências de 3ª pessoa do plural (p. 205). Para verificar o que motiva o uso da regra variável em questão, a autora considera a saliência fônica (classe morfológica do verbo) que se apresenta de forma determinante em favor do uso da concordância. Na medida que os falantes usam as formas verbais menos salientes, existem menores índices de concordância verbal (entre 15% e 16%), em contrapartida, os verbos mais salientes morfológicamente favorecem o uso das desinências indicadoras de plural (entre 31% e 56%).

A variável posição do sujeito na oração confirma que o sujeito imediatamente posicionado antes do verbo faz com que a regra de concordância seja aplicada em 32% dos casos. Os sujeitos prepostos mais distantes do verbo ficam com 28% e os sujeitos pospostos aparecem em 25% dos dados com verbos marcados pelo plural. Quando o sujeito não está explícito na oração, a frequência de concordância verbal aumenta para 48% devido à necessidade de haver a informação de número e de pessoa através do sufixo verbal, que passa a cumprir o papel que seria do sujeito.

O maior índice de aplicação da regra de concordância é dos jovens com 64% contra os 27% dos adultos, o que é explicado novamente pelo fato dos jovens estarem em contato mais intenso com a variedade padrão na escola, portanto, mais predispostos à aquisição das desinências verbais. Os homens, com o índice de 39% de concordância, demonstram que estão mais expostos às formas do padrão, em virtude das atividades profissionais ocorrerem preferencialmente no centro urbano. As mulheres, que permanecem na comunidade, envolvidas com o trabalho doméstico, tendem a empregar as desinências número-pessoais em 30% dos casos, devido à convivência maior com os próprios moradores de Brazlândia e à falta de contato com falantes cuja variedade possua mais marca de plural.

A fala da comunidade bilíngüe de Missal (PR) é analisada na pesquisa monográfica feita por Jung (2000), que se propõe a estudar a concordância verbal da 3ª pessoa do plural

no português falado nesta localidade. A variedade apresenta características de um português rural, cujos traços foram adquiridos através do seu contato com a língua alemã.²² Os dados analisados mostram que há 0,87 de probabilidade de emprego da DNP6 na fala dos informantes adultos (p. 30). O envelope de variação conta com as seguintes variáveis: posição do sujeito, tipo de sujeito, saliência fônica, gênero e faixa etária.²³

A variável posição do sujeito (p. 31) é a segunda selecionada nos dados dos adultos e mostra a baixa aplicação da regra quando o sujeito está posposto (39% - 0,12). Por sua vez, a estrutura sujeito/verbo converge para a aplicação da regra, assim quando o sujeito antecede imediatamente o verbo (880 ocorrências) acontece 88% (0,55) de concordância. Quando há a interferência de orações e palavras entre o sujeito e o verbo (o número de ocorrências é muito menor em relação ao número de casos do sujeito contíguo: 150 casos), a porcentagem de concordância é de 85% (0,53), ou seja, apenas um pouco menor.

O sujeito apagado e o sujeito preenchido pelo pronome relativo são os tipos de sujeito que mais favorecem a concordância com 97% e 94% de frequências e 0,79 e 0,62 de pesos relativos. Esses resultados são compreendidos a partir de uma explicação funcional que sustenta a necessidade de existir a desinência para suprir a falta de informação de número que o sujeito não revela. O tipo de sujeito representado pelo sintagma nominal apresenta os mais baixos números de aplicação da regra: 72% de índice e 0,29 de probabilidade (p. 31).

Os resultados da análise do grau de saliência fônica (p. 36) sustentam a hipótese de que quanto mais material fônico entre a forma singular e a forma plural do verbo, maior probabilidade de aplicação da regra de concordância. A partir das formas menos salientes, há uma gradação crescente de aplicação da regra de concordância: o primeiro nível (*fala/falam-come/comem*) – 80% e 0,34; o segundo nível (*faz/fazem-quer/querem*) – 92% e 0,55, o terceiro nível (*dá/dão-está/estão*) – 95% e 0,68; o quarto nível (*sumiu/sumiram*) – 93% e 0,61; o último nível (*é/são-veio/vieram*) 96% e 0,81. Os percentuais e pesos relativos mostram que houve uma inversão entre os terceiro e quarto níveis, ou seja, há mais casos de concordância nos verbos do terceiro do que no quarto nível.

²² Mais de 70% dos falantes se ocupavam de atividades agrícolas até uma década atrás, mas hoje contam com uma realidade econômica diferente, pois em torno de 60% das pessoas mantêm ocupações na cidade.

²³ A autora também conta com dados de crianças entre 6 e 10 anos. Além das variáveis sociais citadas, também foi considerado o local em que o informante reside (urbano X rural).

Apesar dos pesos relativos estarem muito próximos do ponto neutro (p. 39), a variável social idade mostra que a aplicação da regra de concordância ocorre mais na fala das pessoas mais velhas (86% - 0,51) do que na fala dos adultos mais jovens, 2ª geração de pessoas no local (85% - 0,49). Este último grupo etário apresenta tal resultado devido ao fato dos adultos mais jovens estarem mais expostos a variedades do PPB em que existe menor uso da concordância, quando interagem com pessoas de outros municípios. A variável sexo (p. 40) não se apresenta como relevante no estudo feito, já que não foi selecionada pelo programa estatístico (homens com 86% - 460/535 - e mulheres 87% - 865/992).

Entre os resultados expostos sobre as comunidades consideradas rurbanas, destacamos que os falantes da comunidade de Brazlândia (Bortoni-Ricardo, 1985) empregam as desinências de plural em 56% de concordância para a 1ª pessoa e em 35% para a 3ª pessoa. O sujeito posicionado antes do verbo favorece a concordância tanto na comunidade de Brasília, com 47% (1ª pessoa) e 32% (3ª pessoa), quanto na comunidade de Missal (Jung, 2000), com 88% (3ª pessoa). O sujeito apagado também apresenta percentuais altos de aplicação da regra: 84% e 48% para as duas pessoas do plural analisadas por Bortoni-Ricardo e 97% para a 3ª pessoa no estudo de Jung.

A saliência fônica tem papel importante nos dois trabalhos, pois confirma que há associação entre as formas verbais mais salientes e a maior incidência de concordância para a 3ª pessoa do plural. Em Brazlândia, os percentuais de emprego da desinência variam entre 15%, para as formas menos salientes, e 56%, para as formas mais salientes. Os resultados obtidos em Ijuí mostram que a DNP6 é aplicada em 80% dos casos com menor saliência e em 96% das ocorrências com maior saliência.

Na comunidade de Brazlândia, os jovens aparecem liderando a mudança ao empregarem a concordância em 82% e 64% dos casos referentes à 1ª e à 3ª pessoas do plural, enquanto os mais velhos apresentam percentuais bem inferiores, respectivamente 48% e 27% para cada pessoa. Em contrapartida, a geração mais velha emprega mais a concordância de 3ª pessoa na comunidade gaúcha: 86% (0,51) para os velhos e 85% (0,49) para os adultos. A autora explica esta diferença, ainda que pequena, devido ao fato dos falantes mais jovens estarem freqüentemente em contato com variedades que apresentam menos concordância.

Segundo a análise feita por Bortoni-Ricardo, os falantes do sexo masculino empregam com maior frequência as DNPs (DNP4 – 66% e DNP6 – 39%) porque suas atividades profissionais requerem a saída da comunidade e, logo, propiciam o contato com outras variedades lingüísticas. Além disso, a autora afirma que há a necessidade de adequação lingüística destes falantes diante da necessidade de ocuparem o mercado de trabalho na sociedade, que valoriza a variedade com mais marcas de plural.

2.4 A Concordância Verbal nas Comunidades Quilombolas

O estudo de Silva (2003) aborda a concordância verbal de 3^a pessoa do plural em três comunidades afro-brasileiras e rurais, as quais se localizam no estado da Bahia: Cinzento, Helvécia e Rio de Contas. Das 1706 ocorrências encontradas nas três comunidades, apurou-se o índice de 16% de concordância verbal. A distribuição percentual de aplicação da regra de concordância por comunidade se apresenta da seguinte forma: 13% e 0,43 em Cinzento, 16% e 0,47 em Helvécia e 24% e 0,67 em Rio de Contas (p. 178). As variáveis lingüísticas e sociais testadas são saliência fônica, realização e posição do sujeito, faixa etária e gênero.²⁴

Os nove níveis de saliência fônica iniciais foram amalgamados e reagrupados de acordo com o grau de diferença de saliência apresentada entre as formas verbais do singular e do plural (p. 157):

1. flexão com nível baixo de saliência – 6% e 0,27;
2. flexão com nível intermediário de saliência – 23% e 0,69;
3. flexão com nível alto de saliência – 31% e 0,78.

²⁴ Silva (2003) ainda aborda as variáveis indicação do plural no SN sujeito, concordância nominal no sujeito, tipo de verbo, caracterização semântica do sujeito.

É possível verificar que há uma gradação entre os níveis reagrupados, cujas formas menos salientes apresentam menor probabilidade de concordância. Já o nível em que as formas verbais são mais salientes, demonstra uma tendência maior para o emprego da DNP6.

A análise da variável realização e posição do sujeito (p. 165) mostra que há 27% (0,61) de concordância com o sujeito apagado (sujeito não-realizado). O sujeito posposto e o sujeito anteposto disputam o segundo lugar, pois ambos aparecem com frequências e pesos relativos muito próximos: o sujeito anteposto ao verbo com 14% - 0,49 e o sujeito posposto ao verbo com 11% - 0,51. O mais baixo resultado de aplicação do fenômeno em estudo fica com o sujeito retomado pelo pronome relativo, que apresenta 9% - 0,35.

A observação da variável faixa etária nas três comunidades (p. 174) permite a constatação da existência de um processo de mudança lingüística em curso rumo à aquisição da concordância verbal. Esta tendência aparece nos resultados dos jovens (faixa I: 20 a 40 anos) que aplicam a regra de concordância em 22% dos casos, com o peso relativo 0,62, enquanto os velhos ficam com 10% de índice e 0,36 de probabilidade de aplicação da desinência número-pessoal. Os adultos (faixa II: 41 a 60 anos) aparecem com resultados intermediários de 14% e 0,48 de peso relativo de emprego da desinência correspondente. O resultado obtido para o grupo mais jovem ocorre em função da sua exposição à variedade com mais marcas na escola e em decorrência do convívio com outros grupos, além da família. O autor também enfatiza que este grupo tem o desejo de modificar a dura realidade vivida por seus pais e avós e de experimentar novas oportunidades, o que inclui adequar o comportamento lingüístico de acordo com aquele que é mais prestigiado. Em oposição a isso, os falantes mais antigos fazem questão de conservar, consciente ou inconscientemente, os valores mais tradicionais (como o modo de falar), os quais os identificam como um grupo com suas peculiaridades.

Outra variável social considerada é o gênero (p. 180), cujos resultados estão associados à atribuição de papéis para homens e mulheres. Os números mostram que os homens aplicam a regra de concordância em 19% (0,56) dos casos e as mulheres em 13% (0,45) das ocorrências. Tal diferença se deve ao fato dos homens terem mais oportunidades de contato com falantes de outras variedades lingüísticas, pois eles são os responsáveis pela compra e venda dos produtos na cidade, por exemplo. Já as mulheres têm acesso mais

restrito a outros falares, visto que elas exercem atividades associadas aos cuidados com os filhos e com a casa, além de se envolverem com as tarefas da roça.

É evidente que o índice geral de concordância de 16% apresentado pelas comunidade quilombolas baianas é muito inferior daqueles apurados nas comunidades urbanas, rurais e “rurbanas” vistos neste capítulo, os quais variam entre 29% e 79% para a 3ª pessoa do plural. Esta diferença provavelmente se deve às condições históricas e sociais das comunidades negras, que se caracterizam pela formação de uma variedade falada a partir do contato lingüístico abrupto e impositivo ocorrido na sua fundação, bem como pelo isolamento geográfico, cultural e lingüístico vivido até pouco tempo atrás.

As variáveis lingüísticas saliência fônica e tipo de sujeito também se mostram relevantes para a aplicação da regra de concordância. Os resultados, que variam entre 6% (peso de 0,27) para as formas verbais menos salientes e 31% (peso de 0,78) para as formas verbais mais salientes, estão em conformidade com os demais estudos que empregam a escala de saliência fônica e atestam que o emprego da DNP está associado ao menor ou maior grau de distinção entre as oposições verbais de 3ª pessoa do singular e de 3ª pessoa do plural. Também o sujeito apagado motiva a concordância verbal em 27% (0,61) dos casos analisados por Silva, o que é uma tendência já confirmada pela literatura e justificada pela necessidade de resgate do sujeito através da flexão verbal.

As variáveis sociais faixa etária e gênero também influenciam no emprego da DNP6 em Cinzento, Helvécia e Rio de Contas. O resultado encontrado para a faixa etária mais jovem colabora para sustentar a hipótese de aquisição da flexão verbal no português brasileiro, pois a geração mais nova emprega mais a concordância. Este comportamento é influenciado pelo acesso à variedade mais prestigiada através do contato com outros grupos de convívio (exceto a família), além de ser motivado pelo desejo dos jovens mudarem a sua realidade social. Com relação ao gênero, destacamos o fato dos homens apresentarem mais concordância nas entrevistas (19% e peso relativo de 0,56) em virtude das suas atividades desenvolvidas fora da comunidade, onde é possível manter contato com falantes de outras variedades.

2.5 A Orientação Social

Labov (1972) investiga a alternância fonética do primeiro elemento dos ditongos /ay/ e /aw/ na comunidade localizada na ilha de *Martha's Vineyard*, em *Massachusetts*, Estados Unidos. A ilha se divide em duas partes: *Down-island* é onde se localizam três pequenas cidades e concentram-se três quartos da população; *Up-island* é a zona rural, onde há poucos vilarejos, fazendas, residências isoladas de veraneio, lagoas e pântanos.

A pluralidade étnica é uma das características do lugar, pois existem os índios (os primeiros habitantes), os descendentes de antigas famílias de linhagem inglesa e os descendentes de portugueses oriundos de Açores, Madeira e Ilhas de Cabo Verde. A população da ilha ainda conta com 15% de imigrantes vindos da França, da Inglaterra, do Canadá, da Irlanda, da Alemanha e da Polônia, os quais não constituem a amostra devido ao fato destes grupos não formarem uma força social coerente, segundo o autor (p.6). Também não estão incluídos na sua pesquisa os veranistas que possuem residências na ilha e que a visitam durante o período de férias, uma vez que este grupo não influencia diretamente na variedade falada em *Martha's Vineyard*, embora a sua influência indireta seja considerada para a compreensão da relação entre os fatores sociais e o fenômeno lingüístico abordado. A amostra (p. 13-4) é composta por representantes das principais ocupações da ilha: pescadores, fazendeiros, construtores, comerciantes, donas de casa e estudantes; os quais pertencem a três grupos étnicos: inglês, português e indígena.

O falar dos moradores da ilha reserva características fonéticas, lexicais e sintáticas peculiares que diferenciam esta variedade das demais faladas em outras localidades. Conforme mencionado inicialmente, uma destas diferenças é a alternância da pronúncia do primeiro elemento dos ditongos /ay/ e /aw/: uma que caracteriza o falar distinto de *Martha's Vineyard* ao centralizar o /a/ ou a outra que reflete a influência da variedade falada fora da comunidade ao apresentar menor grau de centralização da vogal. Assim o objetivo estabelecido com este estudo é de verificar em que medida as variantes são empregadas e quais as forças que motivam sua realização.

Para poder compreender a mudança lingüística em andamento, Labov acredita que é preciso conhecer a estrutura social da comunidade. *Martha's Vineyard* é o condado mais pobre de *Massachusetts*, possui a mais alta taxa de desemprego do estado e apresenta o mais alto índice de trabalho sazonal. Os produtos consumidos têm preços elevados porque a eles são acrescidos os custos de transporte. A pesca está escassa e a agricultura decaiu devido às taxas de transporte que encarecem os preços dos fertilizantes. Portanto, a difícil situação econômica dos moradores da ilha afeta a sua autonomia, que passa a depender das transações relacionadas ao turismo no período de verão. Além da perda da sua independência econômica, os *vineyarders* assistem os *outsiders* (p.28) adquirindo terras em alguns pontos da ilha, tomando as propriedades de tradicionais moradores do local.

O estudo verifica que os altos índices de centralização das vogais estão associados à atitude de resistir ao avanço e à influência dos veranistas, por parte, principalmente, dos habitantes da zona rural, onde a pesca é a principal fonte de renda das famílias. A expressão dessa peculiaridade fonética²⁵ é uma das maneiras desses falantes defenderem sua identidade e de se diferenciarem dos visitantes e dos demais moradores da ilha. As diferenças lingüísticas entre os próprios *vineyarders* estão associadas ao que Labov chama de orientação social (p.30), que se refere às aspirações das pessoas a respeito do seu modo de viver, as quais assumem determinados comportamentos com o intuito de serem reconhecidas como membros de um certo grupo. Assim, enquanto para alguns o ideal é permanecer na ilha e preservar-se das influências externas, para outros existe a expectativa de sair de *Martha's Vineyard*, ganhar dinheiro e adquirir *status* ao assimilar o modo diferente de ser, de falar e de viver das pessoas do continente. Desta forma, a centralização dos ditongos está claramente relacionada com o fato do falante reforçar sua identidade de morador da ilha e seu vínculo com este local e suas peculiaridades.

Assim como no estudo de Labov, observamos que as expectativas de vida dos falantes podem influenciar no processo de mudança lingüística em uma determinada variedade. Silva (2003) faz alusão a esta questão ao justificar a tendência dos falantes mais jovens das comunidades quilombolas de Helvécia, Rio de Contas e Cinzento de empregarem mais a concordância verbal do que a geração mais antiga. Com o intuito de galgar novas perspectivas de vida, os jovens anseiam modificar o modo em que vivem para

²⁵ Outro fenômeno fonético peculiar observado é o emprego do /r/ retroflexo em posição final e preconsonantal, cujo uso vem aumentando na fala dos meninos mais jovens.

não experimentarem as mesmas dificuldades enfrentadas por seus ancestrais. Para a realização deste desejo, os jovens se deparam com a necessidade de adequação de comportamento lingüístico (no caso, o emprego da concordância verbal), que é um dos requisitos para a inserção no mercado de trabalho e para a aceitação na sociedade. Com base no que foi detectado em *Martha's Vineyard* e nas comunidades negras baianas, abordamos esta questão no nosso trabalho a fim de verificar se a força da orientação social está relacionada com a realidade lingüística de São Miguel dos Pretos.

2.6 O Uso de *a gente*

Ao tratarmos da concordância de 1ª pessoa do plural, deparamo-nos com o crescente emprego da forma *a gente* no português brasileiro. O uso deste pronome apresenta três tipos de referência: 1. o falante e o interlocutor (uso inclusivo), 2. o falante e um grupo de pessoas específico (exceto o interlocutor) e 3. o falante e qualquer outra pessoa (uso genérico).

Zilles (2005: 33) apresenta resultados de estudos²⁶ feitos sobre o uso de *nós* versus *a gente* em três capitais brasileiras, os quais mostram a concorrência entre as duas formas: no Rio de Janeiro 30% de *nós* X 70% de *a gente* (Omena & Braga, 1996), em João Pessoa 21% de *nós* X 79% de *a gente* (Fernandes, 1999) e em Florianópolis 28% de *nós* X 72% de *a gente* (Seara, 2000). A autora salienta que a preferência pela forma inovadora em diferentes lugares do país, conforme os resultados citados, indica que a mudança está em um estágio avançado.

O estudo feito por Zilles utiliza os *corpora* das entrevistas de Porto Alegre pertencentes ao banco de dados do Projeto VARSUL e ao banco de dados do Projeto

NURC para desenvolver três tipos de análise, as quais são um estudo de tempo aparente com dados de 1990, um estudo do tipo painel em tempo real (considerando amostras de fala dos mesmos indivíduos coletadas em 1970 e em 1990) e um estudo de tendência (comparando um grupo de falantes de 1970 com outro de 1990). Apresentamos alguns aspectos sobre o estudo de tempo aparente e o estudo de tendência, os quais podem contribuir para a discussão do pronome *a gente* em nosso trabalho:

TABELA 2 – Os resultados referentes ao uso de *a gente* nos estudos de tempo aparente (dados de 1990) e de tendência (comparação entre os dados de 1970 e de 1990) em Zilles (2005)

	Estudo de tempo aparente (1990)	Estudo de tendência (1970 versus 1990)
Resultados gerais	69% (31% de nós)	65% (35% de nós)
Resultados por faixas etárias	Jovens - 78% (0,66) Velhos - 65% (0,42)	Jovens - 73% (0,64) Velhos - 54% (0,32)
Resultados por gêneros	Homens - 62% (0,41) Mulheres - 72% (0,55)	Homens - 59% (0,46) Mulheres - 69% (0,53)
Resultados por décadas	----- -----	1970 - 56% (0,31) 1990 - 72% (0,67)

De acordo com a tabela 2, no estudo de tempo aparente com dados do VARSUL (p. 36), existem 69% de uso do pronome *a gente* e 31% do pronome *nós*. No estudo de tendência (p. 47), *a gente* aparece em 65% do discurso dos falantes do banco de dados dos projetos NURC e VARSUL. Os homens usam *a gente* em 62% e em 59% (pesos relativos de 0,41 e de 0,46) das ocorrências, os quais são superados pelos índices de 72% e de 69% (pesos relativos de 0,55 e de 0,53) das mulheres, indicando que elas lideram uma mudança de baixo. Os mais jovens são os responsáveis pelo uso mais freqüente da forma inovadora apresentando 78% e 73% (pesos relativos de 0,66 e de 0,64), enquanto os mais velhos a utilizam em 65% e em 54% (pesos relativos de 0,42 e de 0,32) dos casos. A expressiva

²⁶ As amostras foram compostas considerando gênero, faixa etária e escolaridade. É possível que o índice elevado de uso de *a gente* em João Pessoa seja decorrente da composição da amostra, que foi a única a considerar informantes analfabetos (Zilles, 2005: 33).

diferença entre os resultados referentes às faixas etárias e às décadas de 1970 e de 1990 confirma o papel da geração mais jovem para o avanço do processo de mudança geracional (pp. 42 e 47).

3 METODOLOGIA

Neste capítulo, constam os procedimentos metodológicos que orientam os rumos da nossa pesquisa. Primeiramente, explicamos como tivemos acesso ao *corpus* e quais as suas características. Na seqüência, tratamos da composição da amostra e de como os dados sobre os informantes foram levantados. A seção seguinte relata brevemente a história da fundação do quilombo e descreve alguns aspectos importantes para compreendermos a realidade do local e dos seus moradores. Esclarecemos qual é o modelo de análise adotado para que os objetivos do trabalho sejam alcançados. Por último, mostramos a organização das variáveis de acordo com as duas análises propostas neste trabalho: o uso da concordância padrão e a presença das desinências número-pessoais.

3.1 O Corpus

No final do ano de 2002, o Prof. Dr. José Carlos dos Anjos²⁷ compartilhou conosco o relatório técnico-científico²⁸, em vias de publicação, elaborado no âmbito da Secretaria do Trabalho, Cidadania e Assistência Social sobre a comunidade São Miguel dos Pretos, localizada no município de Restinga Seca, no qual há informações preciosas sobre a formação da comunidade, o processo de aquisição e de manutenção das terras, a descrição física e geográfica do lugar, o modo de vida das famílias, as características culturais, entre outras informações. Juntamente com o relatório, tivemos acesso ao levantamento socioeconômico de alguns moradores e às fitas cassetes com as entrevistas feitas com representantes de cada tronco familiar da comunidade, as quais abordam os tópicos mencionados acima, fornecendo subsídios necessários para a elaboração do documento organizado pela equipe de pesquisadores.

Também contamos com as entrevistas feitas pelo colega de mestrado Eduardo Santos Fortes, em novembro de 2003, que conversou com moradores mais jovens do lugar. Os informantes falaram sobre tópicos relacionados à infância, à experiência escolar, à convivência familiar, ao trabalho, às dificuldades da comunidade, às expectativas de vida, entre outros.

Em torno de oito horas de gravação compõem o *corpus*, que foi transcrito ortograficamente no processador de textos *Microsoft Word*. As ocorrências relevantes para o estudo da concordância das pessoas do plural foram digitadas também em ambiente *Windows* e codificadas para submetê-las à análise quantitativa *a posteriori*.

²⁷ Prof. Dr. José Carlos dos Anjos é antropólogo, professor e pesquisador da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
²⁸ *Relatório Histórico-Antropológico da Comunidade de São Miguel – Restinga Seca: Parâmetros para o Inquérito Civil Público* (2002).

3.2 A Amostra

De posse do material coletado na comunidade para a elaboração do relatório, escolhemos as fitas com melhor qualidade de gravação e as conversas ou as entrevistas com possibilidade de identificar seus participantes para compor a nossa amostra. Levamos em conta as informações sobre os moradores do levantamento socioeconômico feito pelos pesquisadores responsáveis pelo relatório. Inicialmente, os informantes escolhidos possuem mais de 40 anos de idade, de acordo com as informações obtidas. Conforme a seção 3.1, conseguimos incluir mais quatro pessoas para formar um grupo de informantes jovens, com idades entre 15 e 24 anos. Em vista disso, temos a seguinte distribuição da amostra:

QUADRO 1 – Amostra da Comunidade de São Miguel dos Pretos:
faixa etária e gênero

Faixa etária	Mulheres	Homens
15-24 anos (jovens)	2	2
40-64 anos (adultos)	4	5
65-90 anos (velhos)	6	5

Em face à necessidade de conhecer mais sobre os informantes, pedimos o auxílio de dois moradores de São Miguel²⁹ para que apurassem outras questões pessoais da referida amostra, tais como o contato do falante com outras comunidades, a escolaridade, o hábito da leitura, a confirmação da idade, entre outras. Este levantamento permitiu uma caracterização mais detalhada dos indivíduos, contribuindo para o melhor entendimento da associação dos resultados lingüísticos com os aspectos sociais.

²⁹ Agradecemos aos moradores de São Miguel dos Pretos Juliano Vargas e Maurício Júnior pela importante contribuição ao coletarem as informações necessárias para o andamento deste trabalho.

3.3 A Comunidade de São Miguel dos Pretos

A história da fundação da comunidade negra de São Miguel dos Pretos³⁰ nos foi revelada através da leitura do *Relatório Histórico-Antropológico da Comunidade de São Miguel – Restinga Seca: Parâmetros para o Inquérito Civil Público* (2002). O Relatório foi elaborado a partir da consideração das histórias narradas através das gerações, da observação etnográfica dos aspectos *cerimoniosos ou até ritualísticos* (Relatório, 2002: 16), da apuração de documentos escritos e do preenchimento do questionário sócio-econômico sobre os moradores do local. Seus organizadores nos contam que a área onde foi fundada a comunidade era uma faixa de terra localizada entre duas grandes sesmarias cujos donos eram de duas famílias abastadas da região, a família Martins Pinto e a sua rival, a família Carvalho Bernardes. O local começou a ser povoado por escravos por volta de 1850, quando o escravo Geraldo foge dos domínios da família Martins para se refugiar nas terras situadas nas proximidades da propriedade da família Carvalho, dando início à ocupação do lugar, que mais tarde receberia outros escravos e seus descendentes.

A compra da terra contou com o dinheiro poupado durante décadas e adquirido através de serviços prestados na ferrovia, lavouras vizinhas e meios de produção próprios. Em 1892, Geraldo consegue registrar os primeiros 48 hectares de terra, dando continuidade ao processo de emancipação iniciado com a sua fuga, o qual se consolida nas primeiras décadas do século XX, com a regularização da compra de aproximadamente 300 hectares de terra conseguida por ele, por seu sobrinho Ismael Jorge Cavalheiro e pelos descendentes de ambos. A aquisição das terras se presta como um mecanismo de obtenção do *status* de cidadão, de defesa contra o avanço dos imigrantes e de afrouxamento dos laços de trabalho com as famílias detentoras do poder político e econômico, mesmo depois da abolição da escravatura.

É importante destacar que antes da consolidação do processo de colonização pelos ex-escravos, os grandes proprietários de terras, vendiam suas terras de baixo rendimento

para pequenos agricultores que garantiam a produção de gêneros alimentícios a fim de abastecer as grandes propriedades rurais e a população do perímetro urbano. Mais especificamente no caso de São Miguel, graças à crise financeira pela qual passava a família Martins Pinto, os escravos tiveram a oportunidade de comprar terras. Outro fator que contribuiu para a aquisição das terras pelos ex-escravos, foi a relação de confiança estabelecida entre a família Carvalho Bernardes e um dos fundadores da comunidade, o ex-escravo Ismael Cavalheiro (sobrinho de Geraldo Carvalho) que era o “guarda-costas” de Levindo Carvalho, filho de José Carvalho Bernardes, e que também desempenhava a função de “capelão” ao conduzir os cerimoniais fúnebres para os moradores (negros ou brancos) da região. Portanto, a figura bem conceituada de Ismael Cavalheiro contribuiu para que mais hectares de terra fossem adquiridos e legalizados.

As terras conquistadas serviram para o plantio itinerante e para a criação de gado, o que permitia a sobrevivência dos moradores da comunidade. Tal modo de administrar a terra fez com que seus donos legítimos fossem considerados incapazes de conduzir suas propriedades e parte das terras adquiridas foram consideradas devolutas. Este foi o pretexto para a invasão das terras dos negros pelos imigrantes alemães e italianos, sob a orientação e o apoio de firmas de colonização e do sistema jurídico, com a garantia para usufruir de créditos, de máquinas e de sementes para se estabelecerem e prosperarem nas terras do sul do país. As mesmas regras que tornaram possível a fundação da comunidade negra no final do século passado, em áreas florestais depreciadas, tornaram-se um mecanismo de expropriação, contribuindo para que a comunidade negra de São Miguel dos Pretos perdesse os mais de 300 hectares adquiridos, conforme lemos em Anjos, Almeida & Silva (2004: 53):

A burocracia com sua linguagem e ethos próprios só pode ser dominada por agentes socialmente próximos do centro de jurisdição, sobretudo quando manipulada por laços de reciprocidade entre dominantes. Por um lado, as terras de negros iam se pulverizando, consideradas terras devolutas e seus ocupantes tomados como incapazes de propriedade. O caráter itinerante da agricultura pré-colonial e a segmentação em terras de criação e terras de plantio caracterizaram uma prática que a colonização européia cunhou de *intrusamento* para justificar o processo de expropriação. Por outro lado, sob uma prática jurídica e clientelista que favorecia o expansionismo latifundiário, varreram-se caboclos, indígenas e comunidades de ex-escravos do mapa fundiário de

³⁰ A comunidade de São Miguel dos Pretos se localiza na zona rural a 10 km da sede do município de Restinga Seca, o qual se situa a 250 km de Porto Alegre, na região central do Estado do Rio Grande do Sul. Os quatrocentos e dezessete moradores do local têm a posse de menos de cinqüenta hectares.

imensas regiões do Rio Grande do Sul. Esse processo se fez complementar pelo estabelecimento de colônias alemãs e italianas. Conduzidos pelas firmas de colonização, os colonos avançaram sobre terras já ocupadas em nome de uma nova racionalidade produtiva, confirmada ao longo do século pelo acesso desigual a créditos, máquinas, sementes. Estabelecem-se assim os fundamentos sociais do processo de distribuição de diferentes tipos de capital (a começar pelo fundiário) pelas diferentes etnias, o que acaba territorializando algumas dessas etnias (as euro-descendentes) e tende a desterritorializar outras (indígenas e afro-descendentes).

A comunidade conta hoje com aproximadamente noventa e cinco famílias, com quatrocentas e dezessete pessoas distribuídas em menos de cinquenta hectares (Anjos & Pereira, 2004: 122). A rede que se formou entre os pequenos povoados negros das proximidades através de atividades compartilhadas entre eles (os rituais festivos e religiosos, as lidas do campo, as atividades de lazer etc.) favoreceu o casamento entre os seus membros, resultando no crescimento demográfico da comunidade. Portanto, existe uma rede de relações que se constitui a partir do parentesco entre povoados de São Miguel, Varginha, Martimianos e Campestre, na qual homens e mulheres são oriundos do mesmo contexto histórico-social, representam a resistência ao sistema excludente e carregam consigo os mesmos desejos e necessidades. São Miguel é a maior das quatro comunidades e possui cinco troncos familiares com cinco núcleos de agrupamento de moradias, os quais se caracterizam pelos laços de parentesco mais próximos.

As terras de cada tronco familiar geralmente são gerenciadas pelo descendente direto mais velho do sexo masculino, o qual é visto *como o guardião dos papéis antigos* (Anjos, 2004: 81), aquele que possui cópias de escrituras ou contratos de compra e venda que são, geralmente, ilegíveis por causa do seu mau estado de conservação ou devido ao analfabetismo dos seus portadores. Estes patriarcas definem o espaço que pode ser ocupado por um novo núcleo familiar, onde pode ser construída uma moradia ou iniciada uma horta. Para executar bem tal função, ele deve ser justo e generoso com seu tronco familiar, pagar os impostos da terra e proteger os interesses de seus herdeiros.

Para a manutenção da ordem da comunidade não basta que o patriarca cumpra a sua função, é preciso que os membros da comunidade conheçam e cumpram as regras de ocupação e uso da terra vigentes no quilombo há mais de um século. Segundo elas, geralmente o homem leva a esposa para casa dos pais (mas o contrário também é possível),

onde o casal constrói sua própria moradia e cultiva uma pequena horta. Somente após a morte de seus pais, os filhos herdam o direito à terra que deverá ser compartilhada igualmente entre os irmãos, mesmo os que migraram, os quais têm o direito garantido de retornar à terra, a qualquer momento.

Não existem marcos de delimitação da terra, o espaço de terra destinado a cada unidade familiar é demarcado mentalmente, seguindo a tradição oriunda dos fundadores do lugar de não cercar o conjunto de terras, que é visto como uma propriedade que pertence à comunidade como um todo.³¹ Os organizadores do laudo levantam a possibilidade de que a manutenção da falta de cercas para delimitar as terras esteja vinculada ao desejo de evitar que se instaure *a consolidação de um processo de individualização na apropriação de recursos* (Anjos, 2004: 93) e provoque a perda da solidariedade inerente entre os moradores da comunidade. Esta característica peculiar da comunidade de manter uma relação solidária é estabelecida entre os membros dos diversos troncos familiares, que buscam a superação das dificuldades cotidianas, como está registrado em Anjos (p. 92):

Redes de relações de solidariedade transcendem a unidade dos troncos familiares, forjando outras relações que fundamentam a reciprocidade no compadrio e na amizade. Por toda essa teia de relações, é possível o estabelecimento de estratégias estáveis de complementação de atividades. Famílias com estrutura para criação de algumas poucas cabeças de gado, complementam suas atividades com aquelas que se dedicam exclusivamente à agricultura...

O avanço das fazendas de arroz dos vizinhos descendentes de europeus desencadeia o processo de extinção das matas próximas à comunidade de São Miguel (Anjos, 2004: 103), o que é um problema grave, já que a mata contém os elementos necessários para a confecção dos remédios naturais usados para a cura das doenças dos moradores do local desde a sua fundação. Apelar para os efeitos das ervas medicinais é uma forma de manter a tradição no tratamento das doenças, mas também é o recurso disponível de cura para essas pessoas, uma vez que o acesso à medicina convencional é escasso (até o momento da gravação das entrevistas, o posto de saúde abria uma vez por semana).

³¹ Esta prática socialista trouxe problemas à comunidade de São Miguel dos Pretos com a chegada dos imigrantes europeus, que consideravam abandonadas as terras não cercadas, justificando sua invasão.

A fé dos moradores de São Miguel se manifesta pelos cultos religiosos ligados à Umbanda, à Igreja Católica e, mais recentemente, à Igreja Pentecostal (Evangelho Quadrangular). O culto dos orixás da Umbanda é a herança da influência religiosa dos primeiros escravos, que remete à constante e inerente busca de solução para os problemas, que geralmente são casos de enfermidades tratados através de ervas medicinais prescritas pela mãe de santo, questões espirituais e desentendimentos familiares e amorosos. Além da frequência dos moradores da comunidade, os rituais umbandistas contam também com a procura de pessoas vindas da zona urbana de Restinga Seca e de outras cidades como Porto Alegre, Caçapava do Sul, Uruguaiana e São Borja. Como em outros lugares do estado e do país, o umbandismo tem uma nomenclatura de origem africana para designar as entidades, os cargos religiosos e as peculiaridades do ritual, bem como os cantos entoados nos ritos praticados por seus seguidores.

Seguindo a tradição católica, há dois rituais que fazem parte da cultura religiosa da comunidade: a Festa do Divino e o Terço das Almas. A primeira é um evento que costumava acontecer desde a fundação da comunidade até poucas décadas atrás, em que as pessoas saíam em procissão cantando e rezando, repetindo os mesmos cantos e as mesmas rezas no decorrer do trajeto. Já o Terço das Almas ainda ocorre, reunindo os fiéis para oração pela alma de negros e de brancos através de cantos em português, os quais antigamente eram cantados em língua africana, conforme testemunhou um antigo morador do local (Anjos, 2004: 115).

Desde a fundação da comunidade até os dias de hoje, o trabalho nas propriedades da região foi a forma de subsistência dos negros da comunidade. A maior parte dos adultos e inclusive muitos jovens a partir de quinze anos trabalham nas lavouras de arroz, de soja e de fumo dos vizinhos, enquanto os outros membros – geralmente as mulheres e as crianças – se dedicam à horticultura e, às vezes, à criação de animais para provimento das necessidades da alimentação familiar. O trabalho sazonal exige uma carga horária de trabalho intenso durante os seis meses de dedicação, e garante uma renda anual em torno de R\$ 2.500,00 por trabalhador (Anjos & Pereira, 2004: 123).

Graças aos esforços do líder comunitário conhecido como Tio Panda, que cedeu a área em meados dos anos 60, foi construída uma escola para atender os alunos até o 4º ano do ensino fundamental, juntamente com o auxílio da comunidade. A escola foi ampliada na

década de 70, possibilitando a implementação do ensino fundamental completo no local. Poucos alunos freqüentam o ensino médio, porque a escola mais próxima que oferece a continuidade dos estudos está na zona urbana de Restinga Seca, a mais de 10 km de distância. Os catorze adolescentes que cursavam o ensino médio na época da coleta de dados, contavam com o auxílio de verbas públicas para o transporte até a escola, mas com o corte deste dinheiro em 2004, quatro deles deixaram de estudar e passaram a se dedicar às atividades fumageiras (Santos, 2004: 82).

Com relação aos papéis do homem e da mulher na comunidade, ambos compartilham a tarefa de prover o sustento da família, porém ele sai em busca de trabalho remunerado e ela executa as atividades domésticas. De acordo com Anjos & Pereira (2004: 129), há a informação de que as mulheres são as responsáveis pela manutenção da horta durante a semana, enquanto seus maridos estão ocupados com o trabalho fora da comunidade, nas propriedades da redondeza ou em outras cidades. Isto aparece descrito da seguinte forma:

Na impossibilidade de sustentação da família exclusivamente com a produção das hortas, instaurou-se um tipo parcial de divisão do trabalho em que as mulheres se dedicam às hortas durante a semana e os maridos nos fins de semana. Em casos, muito freqüentes, em que os maridos moram na cidade (Restinga, Santa Maria ou Porto Alegre) e só retornam uma a duas vezes por mês, são as mulheres e as crianças que cuidam da horta.

3.4 O Modelo de Análise

A presente pesquisa orienta-se pelo modelo variacionista de análise do uso da linguagem, o qual assume a idéia de que a variabilidade é inerente ao sistema lingüístico. A variação da língua apresenta regularidades que podem ser descritas e explicadas a partir de restrições de natureza lingüística e não lingüística. Scherre (1996: 43) expressa, de forma sucinta, aspectos fundamentais do arcabouço teórico no qual esta análise se baseia:

(...) Assume-se a noção de variação sistemática, determinada a partir de padrões recorrentes extraídos de dados lingüísticos efetivamente produzidos, procurando estabelecer variáveis lingüísticas e não lingüísticas correlacionadas às variantes lingüísticas; apresentam-se descrições e generalizações baseadas nos próprios fenômenos lingüísticos; e assume-se a existência de forças internas e externas motivando os fenômenos lingüísticos.

O tratamento estatístico dos dados conta com a utilização do pacote de programas VARBRUL (Cedergren & Sankoff, versão Pintzuk, 1988), o qual calcula a distribuição do fato lingüístico associado a um rol de variáveis lingüísticas e sociais. O cálculo matemático apresenta a probabilidade de ocorrência das variantes em relação a cada uma das variáveis, considerando a atuação conjunta de todas elas, revelando quais favorecem a aplicação da regra ou pressionam em direção oposta.

3.5 A Organização das Variáveis

A pesquisa sobre a concordância verbal de 1^a, 2^a e 3^a pessoas do plural apresenta duas análises distintas: concordância padrão X concordância não-padrão e presença X ausência das desinências número-pessoais. Primeiramente, descrevemos as variáveis referentes ao estudo da aquisição de concordância verbal padrão das três pessoas do plural. A respeito da presença das desinências número-pessoais do plural, expomos as variáveis referentes à presença de DNP4, DNP5 e DNP6 separadamente.

3.5.1 A Concordância Padrão X a Concordância Não-Padrão

Tratamos a seguir das variáveis relacionadas com o uso da concordância padrão nos dados coletados na comunidade de São Miguel dos Pretos.

3.5.1.1 A Variável Dependente

A primeira variável dependente tem o propósito de averiguar se a comunidade de São Miguel dos Pretos está adquirindo as formas verbais padrão referentes à concordância verbal de 1^a, 2^a e 3^a pessoas do plural. Portanto, a variável dependente em questão é binária e identifica ocorrências padrão e não-padrão:

Padrão

... AS PESSOAS NÃO FAZEM quase os cursos que tem aqui. (Ren 0309)
 VOCÊS VÃO DAR andamento em tudo. (Rog 033512)
 ... e aí NÓS DIALOGAMOS com ele ali. (Lau 0544)

Não-padrão

ESSAS TERRAS TÁ fechada. (Adr 102)
 Não sei se VOCÊS CONFIRMARU... (Ada 0300216)
 NÓS NÃO TEMU canteiro para plantar isso... (Elm 200127)
 Não, NÓS MORAVA noutro lado. (Elb 0020117)

3.5.1.2 As Variáveis Sociais

As variáveis sociais consideradas em nosso trabalho são faixa etária, gênero e informante. A seguir apresentamos suas características e as expectativas sobre a influência de cada uma delas quanto ao uso da concordância padrão.

A Faixa Etária

A distribuição do uso das formas variantes entre os grupos etários pode indicar se há uma mudança em andamento na variedade falada da comunidade em estudo. Por isso, levamos em conta a variável faixa etária para averiguar em que medida existe sua associação com a aquisição das formas padrão de concordância verbal.

A escolaridade não foi codificada como uma variável na pesquisa porque não tivemos a informação sobre o grau de instrução de todos os informantes da amostra em tempo hábil. No entanto, o papel da escola na vida dos informantes é uma questão que deve ser considerada para a compreensão dos resultados sobre a concordância verbal. A hipótese abaixo está diretamente relacionada com o fato de os jovens estarem adquirindo as regras de concordância verbal em virtude do maior tempo de exposição à variedade padrão, por intermédio da escola:

- A comunidade de São Miguel dos Pretos está adquirindo as formas verbais padrão referentes à concordância verbal de 1^a, 2^a e 3^a pessoas do plural.

Para podermos averiguar esta possibilidade, a variável faixa etária está dividida em três grupos:

- a) 4 jovens – de 15 a 24 anos;
- b) 9 adultos – 40 a 64 anos;
- c) 11 velhos – 65 a 90 anos.

Cabe ressaltar que o intuito dos pesquisadores que entrevistaram os moradores da comunidade era de coletar informações que colaborassem para o resgate da história do lugar, por isso as entrevistas feitas priorizam a fala de indivíduos mais antigos. Assim sendo, nós contávamos com as entrevistas feitas com falantes que tinham mais de 40 anos e somente mais tarde, quando o presente trabalho já estava em andamento, incluímos as entrevistas dos quatro falantes mais jovens.

O Gênero

A influência do gênero na variação das línguas é uma abordagem constante nos estudos do uso da linguagem. Estes estudos (Eckert, 2000, Labov, 2001) têm mostrado que, nas sociedades urbanas ocidentais, existe a tendência das mulheres liderarem a mudança lingüística quando se trata de adotar formas novas e de maior prestígio, o que permite rotulá-las de inovadoras. Mas os falantes do sexo feminino também podem assumir um comportamento lingüístico mais conservador ao evitar a variante a ser adquirida se esta estiver associada à variedade não-padrão e não contar com o devido prestígio lingüístico.

Por outro lado, a implicação da variável gênero é mais complexa e não se pode simplificar a sua caracterização levando em conta a mera diferença biológica entre os sexos. As peculiaridades culturais, sociais e econômicas e a dificuldade de detectar todas as suas nuances não nos permitem fazer afirmações categóricas a respeito da relação gênero e a variação lingüística e generalizar padrões de comportamento. Contudo, a observação da realidade dos falantes de São Miguel dos Pretos nos permite levantar a hipótese de que os homens apresentam mais formas padrão do que as mulheres em decorrência do contato mais intenso com outras variedades lingüísticas em virtude da necessidade de buscar trabalho fora da comunidade. O mesmo acontece no estudo feito por Bortoni-Ricardo (1985: 205), cujos resultados mostram que os homens empregam mais as formas de marcas de plural, já que suas atividades profissionais ocorrem preferencialmente no centro urbano.

O Informante

Os informantes compõem o envelope de variáveis com a finalidade de identificar individualmente a aplicação das regras variáveis de concordância verbal com relação ao uso das formas padrão e à presença das desinências. Além disso, esta variável é um recurso que garante o controle da permanência ou não de algum indivíduo na amostra para verificar em que medida a sua participação pode influenciar ou modificar os resultados sobre os fenômenos em questão e, por conseguinte, resultar em generalizações a respeito do grupo etário, por exemplo, ao qual ele pertence.

QUADRO 2 – A relação de informantes³² com as respectivas idades

Homens	Mulheres
Júlio (24)	Renata (17)
Marcos (15)	Laura (18)
Rogério (45)	Sandra (+43)
Cláudio (50)	Vanda (48)
João (59)	Tânia (59)
Ronaldo (63)	Emília (45)
	Joana (60)
Arlindo (67)	Elba (68)
Antero (68)	Zaida (66)
Adão (70)	Mirna (84)
Adroaldo (74)	Neli (65)
Otávio (77)	Olívia (84)
Elmo (86)	

3.5.2 A Presença X a Ausência das DNPs

Nas próximas seções, elencamos as variáveis escolhidas para analisar a presença das desinências de número e de pessoa nas formas verbais de 1^a, 2^a e 3^a pessoas do plural.

³² Utilizamos codinomes para citar os informantes.

3.5.2.1 A Variável Dependente

Listamos os modos de realização da flexão verbal referente às 1^a, 2^a e 3^a pessoas, a fim de mensurar a frequência com que os falantes de São Miguel dos Pretos empregam as desinências verbais padrão e não-padrão:

1^a pessoa do plural

- a) padrão: /mos/ ou /mus/ - nós *plantamos* ou *plantamus*;
- b) não-padrão: /mo/ ou /mu/ - nós *plantamo* ou *plantamu*;
- c) não-padrão: desinência zero - nós *planta0* ;

2^a e 3^a pessoas do plural

- d) padrão: ditongo /aw/ nasalizado – *vocês/eles plantam*;
- e) padrão: ditongo /ey/ nasalizado – *vocês/eles vendem*;
- f) não-padrão: /u/ nasal – *vocês/eles falaru~*;
- g) não-padrão: /u/ sem nasalização – *vocês/eles falaru*;
- h) não-padrão: /i/ nasal – *vocês/eles dizeri~*;
- i) não-padrão: /i/ sem nasalização – *vocês/eles dizeri*;
- j) não-padrão: desinência zero – *vocês/eles fala0*.

A respeito da 3^a pessoa do plural, pretendemos comparar o percentual de aplicação da regra de concordância de São Miguel dos Pretos com aqueles encontrados nas comunidades quilombolas de Helvécia, Rio de Contas e Cinzento (Silva: 2003). A hipótese é de que os números sejam similares em virtude das quatro comunidades serem redutos de remanescentes de escravos.

Os fatores estão dispostos com o intuito de termos uma variável dependente binária, amalgamando os casos de concordância padrão em um fator e unindo os casos de concordância não-padrão em outro. Ainda a variável dependente pode ser ternária ao agruparmos os fatores desta maneira: todos os casos de concordância padrão, todos os casos de concordância não-padrão com desinência e todos os casos de concordância não-padrão com desinência zero.

3.5.2.2 As Variáveis Lingüísticas Relacionadas com a Presença das Desinências

A Referência do Sujeito

Sem a finalidade de explicar os fatos lingüísticos, esta variável tem a função de identificar a qual das pessoas do plural o sujeito expresso ou apagado se refere:

- a) 1ª pessoa do plural
eu acho que A GENTE É tudo parente (Tan 070130);
NÓS TEMU que trabalhar um pouquinho daqui e dali (Joa 0454);
aí depois VIEMU para o nosso cantinho de novo (Joan 24410);
- b) 2ª pessoa do plural
o Adílio VOCÊS JÁ ENTREVISTARU (Ota 03959);
VOCÊS VÃO e PERGUNTE para ela (Van 0350417/0360417);
- c) 3ª pessoa do plural
OS PROFESSORES NEM SABEM o que vai ser dado (Mar 0484);
CHEGARU COBRAR até cem reais (Arl 470710);
agora ELES VÃO TER que buscar toda essa terra (Zai 110716).

A Conjugação Verbal

A variável conjugação verbal possui um caráter exploratório a respeito da sua possível relação com o emprego das desinências número-pessoais do plural. Portanto, não existe nenhuma expectativa *a priori* sobre a sua influência na aplicação de qualquer regra variável. São considerados os seguintes fatores:

- a) primeira conjugação (*ar*);
- b) segunda conjugação (*er*);
- c) terceira conjugação (*ir, or*).

A Posição do Sujeito

O posicionamento do sujeito em relação ao verbo é uma variável testada em muitos trabalhos que tratam a questão da concordância verbal. É cada vez mais notório o fato de

que o sujeito posicionado antes do verbo favorece a presença da desinência número-pessoal.

O trabalho de Lemle e Naro (1977: 44) defende que há maior tendência para a realização da concordância verbal quando o sujeito está mais saliente, ou seja, quando está posicionado antes do verbo. As posições preposta com algum material interveniente e posposta apresentam menos saliência, logo caracterizam-se como contextos com menor probabilidade para a aplicação da regra variável. Nina (1980), Bortoni-Ricardo (1985), Jung (2000), Monguilhott e Coelho (2000) também testam esta variável e reconhecem que há maior incidência de concordância quando o sujeito se posiciona antes do verbo.

A fim de verificar se esta variável motiva a aplicação das desinências do plural, consideramos os seguintes fatores para a análise da DNP4, DNP5 e DNP6:

- a) sujeito anteposto contíguo (*sujeito-verbo*, podendo ter clíticos intercalados: *não, se, me, te, já, ainda* - material interveniente de até duas sílabas. Exemplo: *Nós começamos hoje. Eles não podem saber...*);
- b) sujeito anteposto não contíguo (há material com mais de cinco letras entre sujeito e verbo, como advérbios ou marcadores discursivos. Exemplos: *Eles de repente querem... Vocês menos mal que vão...*);
- c) sujeito posposto (Exemplo: *Chega eles e ...*).

O Tipo de Sujeito

Com a inclusão desta variável, pretendemos checar se o sujeito expresso por pronome pessoal, por pronome demonstrativo ou por pronome relativo motiva a concordância verbal. Monguilhott & Coelho (2002: 210) exibem resultados que relacionam o emprego da desinência de plural com os pronomes mencionados, os quais usualmente aparecem antecedendo o verbo. Por conseguinte, existe uma associação entre o uso da concordância sujeito/verbo e o tipo e a posição do sujeito na frase.

Para testar essa hipótese, são identificados os seguintes tipos de sujeito:

1ª pessoa do plural

- a) sujeito preenchido por pronome reto
NÓS TEMOS oito casas de morador aqui (Joa 081);
- b) sujeito preenchido por pronome indefinido (*todos*)
aqui TODOS SOMU remanescente de quilombos (Rog 052612);
- c) sujeito pronome por relativo
os outros depois QUE CASARAM (San 082);
- d) sujeito preenchido pelo pronome *a gente* referente à 1ª pessoa do plural
assim A GENTE PAGA mensalidade assim por mês (Ren 0209);
- e) sujeito apagado
porque NÃO PUDEMOS IR aonde que não é nosso (Zai 70116);

2ª e 3ª pessoas do plural

- f) sujeito preenchido por pronome reto
VOCÊS NÃO VIRAM a lavourinha de feijão (San 293);
- g) sujeito preenchido por sintagma nominal
OS MAIS ANTIGOS PERDERAM pros alemães (Nel 063);
- h) sujeito preenchido por pronome indefinido (*todos, tudo, alguns, uns, outros, muitos, poucos, certos, etc.*)
PASSARAM TODOS nesse colégio (Joan 41610);
- i) sujeito preenchido por numeral
e no final do mês SOBRAM SÓ CENTO E POUCO, então, bem dizer, o dinheiro dele ia só no aluguel (Lau 1278);
- j) sujeito preenchido por pronome relativo
tem uns ônibus QUE PASSAM pra lá (Ren 01610);

k) sujeito preenchido por pronome demonstrativo

ESSAS SÃO irmã (Ron 01503);

l) sujeito apagado

TRABALHAM por lá (Ota 03759).

A Saliência Fônica

A proposta inicialmente apresentada por Naro e Lemle (1977: 20) sobre a influência da saliência fônica no uso da concordância se destaca em muitas pesquisas sobre o PPB. A idéia é de que quanto maior a saliência fônica da oposição entre a forma verbal do singular e do plural, tanto maior a ocorrência da regra de concordância. Esta diferença entre as formas é organizada em uma escala, na qual os primeiros níveis correspondem ao mais baixo grau de saliência e, conseqüentemente, há menor probabilidade do sujeito e do verbo concordarem.

Naro et al. (1999: 203) prevêm uma escala com cinco níveis referentes à 1^a pessoa do plural, os quais compõem a variável testada com os dados de São Miguel. No entanto, subdividimos o último nível proposto pelos autores (*falou/falamos, é/somos*) e criamos mais um grau separando o caso *é/somos*, devido ao fato de haver maior diferença fônica entre as formas do plural e do singular.

Para a 1^a pessoa do plural, a escala de saliência fônica considerada é a seguinte:

1. oposição -V/-Vmos não é tônica nas duas formas (*falava/falávamos*);
2. oposição -V/-Vmos é tônica em uma das formas (*fala/falamos, trouxe/trouxemos*);
3. oposição -V/-Vmos é tônica nas duas formas (*está/estamos, tem/temos*);
4. oposição -V/-Vmos é tônica nas duas formas e a terceira pessoa do singular tem uma semivogal que não aparece na primeira pessoa do plural (*comeu/comemos, partiu/partimos, vai/vamos, foi/fomos*);

5. oposição -V/-Vmos é tônica nas duas formas e a vogal acentuada é diferente (*falou/falamos*);
6. oposição -V/-Vmos é tônica nas duas formas e a vogal acentuada é diferente do caso único: *é/somos*.

Muitos pesquisadores, como Nina (1980), Guy (1981, 1996), Bortoni-Ricardo (1985), Monguilhott (2002), consideram a saliência fônica ao tratar do emprego da concordância verbal. A análise da relação entre a aplicação da regra variável de concordância referente às 2^a e 3^a pessoas do plural e a influência das formas mais salientes se baseia em Jung (2000: 25), que reinterpreta a primeira codificação dos dados a partir da hierarquização das probabilidades da 3^a categorização de Lemle e Naro (1977) – rotulada de “neamal”.

Dos números 1 ao 9, existe uma graduação crescente da saliência fônica, ou seja, os primeiros níveis apresentam menor diferença fônica na oposição entre a 3^a pessoa do singular e a 2^a e 3^a pessoas do plural:

1 – As formas verbais apresentam a mesma posição da sílaba tônica (paroxítona) e a diferença entre singular e plural existe devido ao processo de nasalização da vogal final /e/ na forma verbal singular que passa a ser um ditongo nasalizado /ey/ na forma verbal plural. Ex.: *come/comem, fale/falem*;

2 – As formas verbais apresentam a mesma posição da sílaba tônica e a diferença entre singular e plural existe devido ao processo de nasalização da vogal final /a/ na forma verbal singular que passa a ser um ditongo nasalizado /ãw/ na forma verbal plural. Ex.: *fala/falam, ia/iam*;

3 – A diferença entre plural e singular reside no acréscimo de uma vogal final átona, possivelmente nasalizada. Ex.: *faz/fazem, quer/querem*;

4 – A sobreposição de raiz e desinência, com acento, marcam a diferença entre singular e plural nesse caso. Ex.: *dá/dão, está/estão, falará/falarão*;

5 – A diferença entre as duas formas não está na posição do acento na palavra, mas há uma diferença fonológica maior do que a simples nasalização: a troca do ditongo da sílaba final da forma verbal do singular para a permanência de uma das vogais do ditongo ou a substituição dele por uma nova vogal, seguida do acréscimo de uma sílaba. Ex.: *sumiu/sumiram, comeu/comeram, falou/falaram*;

6 – Existe a mudança da posição da sílaba tônica e da raiz da forma verbal, seguida do acréscimo de duas sílabas. Ex.: *fez/fizeram, teve/tiveram*;

7 – São formas totalmente distintas para singular e plural: *é/são*;

8 – Caso único: *foi/foram*;

9 - Caso único: *veio/vieram*.

O Tempo Verbal

A intenção de incluir esta variável no trabalho é de verificar quais tempos verbais se mostram favoráveis ao emprego das desinências número-pessoais das três pessoas. As análises de Zilles et al. (2000: 207), Costa (1990:124) e Nina (1980:125) sobre a concordância verbal revelam que o imperfeito do indicativo (ou a forma verbal proparoxítona) desfavorece a presença da desinência DNP4 (/mos/). Tal fato está associado à tonicidade desses verbos que se tornam proparoxítonos com a presença da desinência, o que faz com que essas palavras sejam evitadas pelos falantes, uma vez que há, na língua portuguesa, uma preferência pelo uso das paroxítonas. Em contrapartida, os contextos de perífrase *vamos* + infinitivo são propícios à presença da desinência de 1ª pessoa do plural já que a forma *vamos* está se tornando frequente no sistema lingüístico do PB e passa por um processo de gramaticalização. Com relação à aplicação da DNP5 e da DNP6, há maior tendência de empregá-las em contextos com verbos no pretérito perfeito do indicativo conforme mostram os resultados de Costa (1990:132).

Consideramos a apresentação sintética dos verbos do presente, pretérito perfeito e pretérito imperfeito do modo indicativo, bem como os mesmos tempos verbais em suas

formas analíticas. A perífrase com o presente do indicativo do verbo *ir* (*vamos*) + infinitivo é codificada separadamente em dois grupos: perífrase de futuro, quando expressa um fato futuro; e perífrase modal, quando expressa um convite, uma ordem ou uma sugestão.

O modo subjuntivo também aparece nos dados com os tempos verbais: pretérito imperfeito, nas formas sintéticas e analíticas; presente e futuro, ambos com as formas sintéticas. Além deles, há ocorrências de infinitivo pessoal que são amalgamadas com os casos de futuro simples do indicativo devido à igualdade formal.

Modo Indicativo:

- presente sintético e analítico (*nós plantamos*, *vocês/eles plantam* e *nós estamos plantando*, *eles/vocês estão plantando*);
- pretérito perfeito sintético e analítico (*nós plantamos*, *vocês/eles plantaram* e *nós estivemos plantando*, *nós pudemos plantar*, *vocês/eles estiveram plantando*, *vocês/eles puderam plantar*);
- pretérito imperfeito sintético e analítico (*nós plantávamos*, *vocês/eles plantavam* e *nós estávamos plantando*, *vocês/eles estavam plantando*).

Uso do *vamos* (apenas para a 1ª pessoa do plural):

- perífrase de futuro - verbo *ir* + infinitivo com a idéia de futuro (*nós vamos plantar*);
- perífrase modal – verbo *ir* + infinitivo com usos injuntivo (imperativo – *vamos deixar essas coisas ali*) e exortativo (sugestão, convite – *vamos almoçar*).

Modo Subjuntivo:

- presente sintético (*nós plantemos* e *eles/vocês plantem*);
- pretérito imperfeito sintético e analítico (*nós plantássemos*, *vocês/eles plantassem* e *nós tivéssemos plantando*, *nós tivéssemos plantado*, *vocês/eles estivessem plantando*, *vocês/eles tivessem plantado*);
- futuro sintético (*nós plantarmos* e *vocês/eles plantarem*).

Infinitivo:

- infinitivo pessoal (*nós plantarmos* e *vocês/eles plantarem*).

3.5.3 As Variáveis Sociais

As variáveis sociais consideradas na análise da presença das desinências número-pessoais das três pessoas do plural (DNP4, DNP5 e DNP6) são faixa etária, gênero e informante, as quais estão descritas na seção 3.3.1.2. A respeito dessas variáveis, levantamos as seguintes hipóteses:

- a) a comunidade de São Miguel dos Pretos está adquirindo as desinências DNP4, DNP5 e DNP6, o que pode ser percebido na fala dos jovens que apresentam índices mais altos de concordância verbal devido ao seu maior acesso à escolaridade;
- b) os homens empregam mais as DNPs do que as mulheres em virtude do seu maior contato com outras comunidades, cuja fala é mais próxima do padrão no *continuum* dialetal.

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, apresentamos os resultados referentes às análises da concordância padrão de 1^a, 2^a e 3^a pessoas do plural, bem como da presença *versus* ausência das desinências DNP4, DNP5 (equivalente a *vocês*) e DNP6 nos verbos.

4.1 A Concordância Padrão

Inicialmente, foi feita a análise do uso de concordância padrão, a fim de testar a hipótese que diz respeito ao fato de haver evidências favoráveis à aquisição das formas verbais padrão referentes à concordância verbal de 1^a, 2^a e 3^a pessoas do plural pela comunidade de São Miguel dos Pretos.

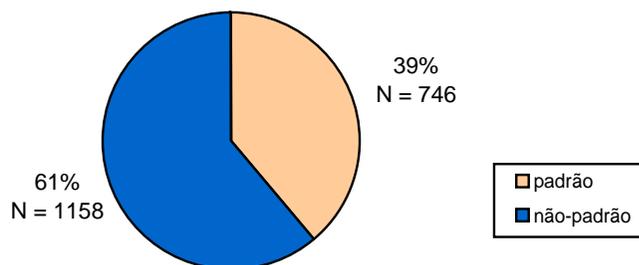
Nesta análise, a variável dependente foi definida como padrão *versus* não-padrão, incluindo-se aí tanto os casos de desinências divergentes do padrão quanto os casos de desinência zero. Esta análise recobre todas as ocorrências de 1^a, 2^a e 3^a pessoas do plural.

As variáveis independentes consideradas corresponderam aos seguintes grupos de fatores: gênero, faixa etária e informante³³. A faixa etária foi selecionada como estatisticamente significativa pelo pacote VARBRUL, indicando que os falantes jovens usam mais as formas padrão.

No gráfico 1, apresentamos a distribuição das formas verbais padrão e não-padrão de concordância de 1^a (considerando *a gente* + verbo conjugado na 3^a pessoa do singular), 2^a e 3^a pessoas do plural levantadas nas entrevistas realizadas em São Miguel dos Pretos. O gráfico ilustra os primeiros resultados obtidos a partir da rodada dos 1904 dados considerados, dos quais 39% (746 ocorrências) são de concordância verbal padrão e 61% (1158 ocorrências) de concordância verbal não-padrão.

Não há variação de concordância entre a forma *a gente* e o verbo, que se apresenta sempre na 3^a pessoa do singular; essas ocorrências, para fins desta análise, foram codificadas como padrão. Assim dos 746 dados relativos à concordância padrão, pouco menos da metade, ou seja, 346 dados, se referem à forma *a gente*. Desses, 276 são de *a gente* explícito, 64 de *a gente* nulo e 6 de pronome relativo *que* retomando a forma *a gente*.

GRÁFICO 1 – A distribuição geral de formas verbais padrão e não-padrão dos dados de 1^a (incluindo *a gente* + V 3^a. pessoa do singular), 2^a e 3^a pessoas do plural em São Miguel dos Pretos

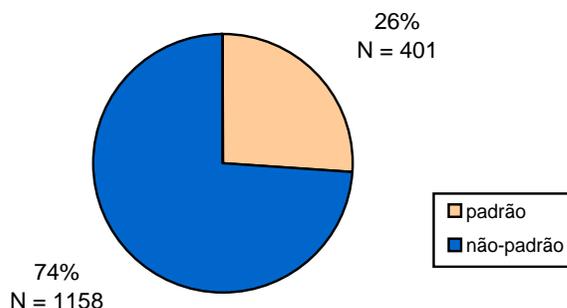


³³ A variável informante não pôde ser testada pelo programa VARB2000, pois apresentou alguns *knockouts* devido ao fato de alguns informantes não mencionarem formas padrão.

Observa-se, no gráfico 1, a predominância de formas não-padrão de concordância verbal, mesmo com a inclusão das ocorrências de *a gente*, uma estratégia de referência considerada facilitadora por se combinar com formas verbais não-marcadas quanto à desinência de pessoa. Justamente por não haver propriamente desinência nestes casos, para sabermos mais precisamente a distribuição dos dados quanto à presença de desinências pessoais, padrão e não-padrão, torna-se necessário excluir as ocorrências de *a gente*.

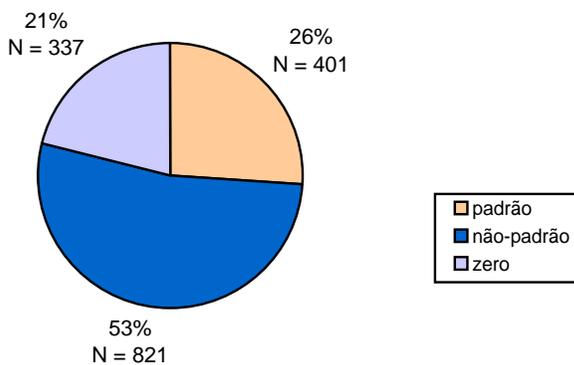
O gráfico 2 então apresenta a distribuição das formas verbais padrão e não-padrão de concordância de 1^a, 2^a e 3^a pessoas do plural, excluídas as ocorrências de *a gente* + verbo conjugado na 3^a pessoa do singular. Com a eliminação dos 346 dados referentes à forma *a gente*, a rodada seguinte conta com um total de 1559 ocorrências e apresenta uma diminuição das formas de concordância verbal padrão, justamente porque os casos de sujeito *a gente* encontrados sempre concordaram com o verbo seguindo o paradigma de concordância padrão. Deste modo, o índice de concordância padrão diminui de 39% para 26%, enquanto a concordância não-padrão aumenta de 61% para 74%.

GRÁFICO 2 – A distribuição geral de formas verbais padrão e não-padrão dos dados de 1^a (**exceto** *a gente* + V 3^a. pessoa do singular), 2^a e 3^a pessoas do plural em São Miguel dos Pretos



A rodada feita com as formas de concordância de 1^a, 2^a e 3^a pessoas mostra, além dos 26% de formas de concordância padrão (*nós plantamos, vocês/eles plantam*), 53% de dados de concordância não-padrão com a redução da desinência (*nós plantamu, vocês/eles plantu*) e 21% de ocorrências de desinência número-pessoal zero (*nós planta, vocês/eles planta*).

GRÁFICO 3 – A distribuição de concordância verbal padrão, não-padrão por redução da desinência e não-padrão por desinência zero dos dados de 1^a (exceto *a gente* + V^a. pessoa do singular), 2^a e 3^a pessoas do plural em São Miguel dos Pretos



Os 21% referentes ao uso do não-padrão por desinência zero estão muito aquém dos resultados encontrados por Bortoni (1985) na comunidade de Brazlândia, na qual há falta de concordância em 44% das ocorrências de 1^a pessoa do plural (p. 212-3) e em 65% dos casos de 3^a pessoa do plural (p. 205). Da mesma forma, Rodrigues (1992: 167) mostra que os índices de desinência zero encontrados na comunidade de Carombé são mais altos do que aqueles encontrados na comunidade quilombola gaúcha: 46% para a 1^a pessoa do plural e 71% para a 3^a pessoa do plural. A fala de São Miguel, portanto, apresenta menos da metade de ocorrências de falta de concordância, ou ausência da desinência, em comparação com as comunidades de falantes “rurbanos” (transição entre a fala rural e a fala urbana no centro e no sudeste do país). Por isso, pode-se dizer que a fala de São Miguel, em comparação com as comunidades em questão, está muito mais próxima do padrão no que se refere a apresentar índice relativamente baixo de ausência de desinência.

Na seção seguinte, apresentamos a distribuição da concordância padrão de 1^a, 2^a e 3^a pessoas do plural, bem como sua relação com as variáveis sociais faixa etária, gênero e informante.

4.1.2 A Concordância Padrão e as Variáveis Sociais

Para melhor testar a validade da hipótese de que a comunidade de São Miguel dos Pretos está adquirindo as formas padrão referentes à concordância verbal de 1^a, 2^a e 3^a pessoas do plural, examinamos os resultados gerais de uso da desinência padrão quanto à faixa etária. A tabela 3 apresenta os resultados dos três grupos etários.

TABELA 3 – A relação entre a variável faixa etária e a concordância verbal padrão de 1^a (exceto *a gente*), 2^a e 3^a pessoas do plural em São Miguel dos Pretos: números, percentuais e pesos

Faixa Etária	N/Total	%	Peso
Jovens	120/302	40	0,67
Adultos	174/592	29	0,56
Velhos	104/665	16	0,37

Input 0,25

Conforme a tabela 3, a distribuição dos dados por faixa etária é a seguinte: os jovens usam mais o padrão, com 40%; os adultos já mostram uma redução, com 29%, e os velhos têm apenas 16% de ocorrências de padrão. O peso relativo mais alto (0,67) para os falantes do primeiro grupo contrasta muito com o baixo peso relativo dos falantes do último grupo (0,37), confirmando que os mais jovens favorecem muito mais o uso das formas de concordância verbal padrão do que os mais velhos da comunidade.

Tal constatação provavelmente se explica pelo fato de os mais novos possuírem maior escolaridade, de 7 a 9 anos, logo têm ou tiveram mais contato com as formas padrão da língua e mais oportunidades de adquiri-las. Além disso, é preciso considerar que a escola é onde há maior cobrança para que a variedade padrão seja empregada tanto na escrita quanto na fala.

Em contrapartida, os falantes adultos e velhos são os indivíduos com menor escolaridade da amostra, não cursaram mais do que o 4^o ano escolar, assim tiveram menos chances de conviver com esta realidade lingüística (menos acesso ao padrão e menos

exposição à prescrição escolar). Estes resultados e, particularmente, o fato de a progressão no uso do padrão ser inversamente proporcional à idade, são compatíveis com a hipótese discutida neste trabalho, segundo a qual os falantes desta comunidade estão adquirindo a concordância padrão. Este processo, de acordo com esta amostra, parece estar se dando de geração a geração.

Dos quatro informantes jovens, três deles ainda estão cursando o ensino médio em Restinga Seca e indicam o desejo de continuar estudando em um curso de graduação, como Direito ou Turismo. Esta vontade é expressa nas entrevistas feitas:

Eu, geralmente, estou estudando porque eu quero fazer³⁴ Direito. Quero terminar a escola, fazer Direito, depois fazer uma graduação para juiz de direito. (Laura, 18 anos, p.2 da transcrição)

Eu estava pensando de fazer uns cursos³⁵ assim de turismo, alguma coisa assim, alguma coisa assim ou um curso de professora assim. Como é que é o nome daquela profissão? É guia de turismo, guia turístico. Eu gosto de viajar, daí eu queria fazer isso. (Renata, 17 anos, p.14 da transcrição)

Depois que eu terminar? Pretendo ir para a faculdade e que eu estou tentando, estou fazendo (*não compreendido*), fazendo (*não compreendido*) um ano, eu vou tentar passar. E vou tentar fazer a faculdade de Direito, é meu sonho. Tentar ajudar as pessoas, principalmente nas causas trabalhistas *que saem* muitas pessoas prejudicadas. (Marcos, 15 anos, p.3 da transcrição)

Portanto, a vida escolar atual, bem como os interesses destes indivíduos no futuro profissional conduzem-nos para experiências fora da comunidade, as quais requerem o uso de uma variedade mais adequada às exigências do mundo letrado e do trabalho qualificado fora da comunidade. A escolarização é o passaporte para a transposição das fronteiras lingüísticas que existem através do *continuum dialetal*. Por conseguinte, o movimento em direção a uma variedade mais valorizada se faz necessário como um recurso em busca de inclusão social dos indivíduos para além das fronteiras da comunidade local.

³⁴ Os infinitivos foram pronunciados sem o /r/ final, como costuma acontecer em mais de 90% dos casos nos dados do VARSUL da fala de Porto Alegre (Gregis, 2001).

³⁵ A concordância nominal é variável, mas, como não estudamos este traço, decidimos usar as convenções gramaticais do padrão na transcrição. Nosso objetivo é não favorecer uma imagem estigmatizada desses falantes.

Em oposição, os falantes mais velhos não partilham das mesmas aspirações do grupo dos jovens, uma vez que estão estabelecidos na comunidade na qual nasceram e não pretendem deixá-la. O discurso de Joana (60 anos), quando se refere ao seu retorno para a terra natal após ter morado em outra cidade, expressa sua satisfação de voltar ao “*seu cantinho*”:

Eu morava no Pinhal. Mas sempre morei aqui, eu nasci e me criei aqui. Nasci e me criei aqui no meu cantinho, aqui no meu ... e *moremu* fora, aí depois *viemu* para o nosso cantinho de novo. (Joana, p.4 da transcrição)

Os interesses dos moradores mais antigos estão associados ao resgate histórico e social das suas identidades como cidadãos, que se materializa na reivindicação pela legalização da posse das terras e na busca por melhores condições para trabalhar e viver nelas. Na fala de Adroaldo (74 anos) observamos a resistência à venda das terras herdadas e a insistência para continuar trabalhando nelas, apesar das dificuldades enfrentadas:

É...*eles queriu* comprar toda a turma. “Aqui *vocês podem* comprar dos outros, mas a minha...não tem dinheiro.” Mas, graças a Deus, tudo bem. Perdi dois anos plantando arroz na várzea, a enchente comeu, me arredei, senão o banco ia levando boi, a carreta. Me arredei, não, não quero mais. *Vamu* trabalhar... (Adroaldo, p.3 da transcrição)

Além de herdarem as terras dos seus antepassados, herdaram também o desejo e a necessidade de manterem a sua posse. A conversa entre Olívia (84 anos), Maria Emília (45 anos) e Doralina (+ de 70 anos) mostra a preocupação dos moradores mais antigos de conservar as terras sob sua responsabilidade e não deixá-las à mercê dos seus descendentes que poderiam se desfazer desse capital precioso, o qual representa a garantia de moradia e de sustento da família:

Olívia: Ele vendeu a metade das terras. E aí o falecido vô não fez uma escritura direito, deixou tudo assim. Porque sempre meu avô dizia “Ai eu dar o inventário e *vocês vão colocar* tudo fora, *vão vender*”. Aí, o nosso pai também “cabeção”,

quando a gente falava, ele dizia: “*Vocês queri receber a terra para jogar tudo fora. Vocês queri vender*”. Tudo por causa de uma cunhada que casou e ela ganhou a terra e quem tocava para as *filhas venderu*. Então ele dizia que *nós ia ficar* na beira da estrada.

Doralina: É, *eles diziu*, sim.

Maria Emília: E essas palavras eu ainda lembro do vô, do vovô, pai dela, meu avô, né, que dizia que enquanto estava na mão dele, se sabia que todo mundo tinha onde morar, depois de passar para os novos, capaz de botar fora.

Doralina: É, botar fora e botar ele na estrada, ele sempre dizia.

(Olívia, Emília e Doralina, p.3 da transcrição)

De fato, muitos venderam suas propriedades e foram em busca de melhores condições de vida em outras cidades. O relato desta necessidade de procurar trabalho fora da comunidade, uma vez que, com o aumento da população local, já não existe mais lugar e oportunidade para todos, aparece na conversa entre Antero (68 anos), Adroaldo (74 anos) e Teodoro (70 anos):

Antero: E naquela época o camarada ia fazer taipa ali, ia fazer valeta na lavoura, boi não precisa mais, essa mão de obra não é mais utilizada, né.

Adroaldo: Hoje em dia, para viver nesse lugar, se fulano tem, tem. Se não tem... o pessoal tem que sair mesmo para a cidade grande trabalhar, procura emprego. *Muitos daqui foru* embora.

Antero: É porque a propriedade é pouca, né. Se ficar todo mundo aqui, faz uma vila, uma cidade, uma casa no lado da outra.

Teodoro: Agora *tão vivendo* lá, fazendo num quadrinho desse tamainho, fazer como eles *que saíru* daqui...

Adroaldo: Só que lá, *eles consegue* serviço, um biscate e *aqui eles não consegue*. (Antero, Adroaldo e Teodoro, p.4 da transcrição)

A fala dos informantes permite entender que muitos membros da comunidade vivem um paradoxo que consiste em sair da comunidade ou permanecer nela. A primeira hipótese é norteadá pela esperança de encontrar outras possibilidades de sobrevivência

para as famílias em outros lugares. Às vezes, esta é uma tentativa frustrada, pois a falta de qualificação profissional ou a saturação do mercado de trabalho acaba impedindo o êxito dessas pessoas ao sair de São Miguel. Já a permanência na comunidade parece ser uma opção melhor segundo os informantes mais velhos, já que, ao menos, existe um lugar garantido para morar, plantar e criar animais para a subsistência doméstica, conforme podemos ver nas declarações abaixo:

Teodoro: Só tem a casa em cima, mais nada. Tem que sair procurar, mas já não tem mais emprego, andar procurando... Se *tivessem* aqui hoje, ainda *tinhu* uma horta boa, uma galinha. *Eles tinhu* ainda uma distância.

Adroaldo: E tem algum que saiu e nem *conseguiu* terreno. *Sairu* e hoje *eles tão* lá debaixo de um barraco. (Adroaldo e Teodoro, p.4 da transcrição)

Percebemos que existe um sentimento de resistência no discurso dos informantes mais velhos entrevistados de modo geral. Como vemos nas transcrições mencionadas acima, este sentimento aparece no retorno à comunidade, na recusa de vender as terras, na insistência de trabalhar com o plantio ou a criação de animais para sobreviver e na luta travada pelos moradores antigos para legalizarem suas propriedades, que é exemplificada na conversa entre Doralina (+ de 70 anos) e Olívia (84 anos):

Doralina: A gente espera que vai sempre para a frente, cada vez melhor, que caminha cada vez mais. Que caminha para destrinchar essa terra de uma vez.

Olívia: Quantos anos.. isso aí...

Doralina: *Gastemu, gastemu* e não *arrumar* nada... O dinheirinho limpo, nós trabalhando, juntando aquele dinheiro, um dinheirinho limpo. A gente pegava, se mantando... (Doralina e Olívia, p.5 da transcrição)

Convém lembrar que existe menos da metade de dados de falantes jovens (302), se compararmos com a quantidade de dados dos falantes mais velhos (665), e ainda há um número bem inferior de informantes no grupo dos jovens (4) em relação ao número de informantes dos grupos dos adultos (9) e dos velhos (11). Logo se o número de

informantes fosse equilibrado, a diferença dos resultados poderia ser ainda maior, ou seja, talvez os jovens tivessem uma aplicação maior da regra de concordância padrão do que este estudo apresenta.

Outro fato que deve ser considerado é a baixa frequência de uso das formas do padrão por um dos informantes do grupo dos jovens, o que pode ter impedido que a diferença de resultados entre os grupos dos jovens e dos velhos fosse ainda maior. Para entendermos por que a fala deste jovem se diferencia da fala dos demais, precisamos considerar a sua trajetória de vida. Ele tem 24 anos e parou de estudar no sétimo ano do ensino fundamental, ao contrário dos demais membros do grupo que ainda cursam o ensino médio (até o momento da coleta dos dados). Ele desde cedo teve o desejo de ser jogador de futebol, motivo que o levou para a Grande Porto Alegre para tentar a carreira esportiva. Devido a problemas que o impediram de continuar longe de sua comunidade, ele retorna para São Miguel, vai para o exército, mas como sua namorada engravida, casa-se e passa a assumir as responsabilidades de um chefe de família:

Sim, sim, né, porque na nossa família funciona assim: o pai sempre conversa com nós, né. Então a educação que ele teve dos antigos, ele sempre passou para os filhos dele. Ele sempre dizia assim: “ Não faça para as filhas alheias que não quer para tua irmã.” *Aí nós levava* isso daí sempre junto com nós, né. Então já que ela estava grávida, eu não, se a minha também, no caso, ficasse grávida, eu ia querer que o cara casasse com ela, né. Assumisse o filho. A mesma coisa eu, ele chegou e sentou e conversou e falou: “Tu está com tantos anos? Já está na hora de criar vergonha e consertar o erro que tu fez, assim como eu também fiquei sentido com a minha filha casou grávida, o pai dela está mais sentido ainda que nem eu fiquei.” *Aí eu decidi casar.* *Aí eu, só que fui infeliz nos empregos, né. Me empreguei uma vez só sem carteira assinada, aí a firma me enrolou, trabalhei um ano, a firma não assinou a minha carteira e me despediu.* (Júlio, p.2 da transcrição)

Após a saída da empresa, o informante passa a trabalhar na plantação e na colheita de arroz, fumo e outros gêneros. No período entressafra, faz biscates nas redondezas para garantir o sustento de sua família, como o corte de cana, a capina nas terras dos vizinhos ou o abate de gado. Na sua entrevista, ele lamenta o fato de ter desistido do serviço militar e de não poder estudar mais. Como podemos perceber, existe uma grande diferença entre as necessidades e os interesses deste informante e os anseios dos demais jovens

entrevistados, o que pode justificar por que há tamanho distanciamento quanto ao uso de formas verbais padrão na fala dele e na fala dos demais.

A seguir, discutimos a relação da variável gênero e a concordância verbal padrão de 1^a, 2^a e 3^a pessoas do plural que aparece na tabela 4.

TABELA 4 – A relação entre a variável gênero e a concordância verbal padrão de 1^a (exceto *a gente*), 2^a e 3^a pessoas do plural em São Miguel dos Pretos: números, percentuais e pesos

Gênero	N/Total	%	Peso
Homens	214/859	25	0,49
Mulheres	184/700	26	0,51

Input 0,26

A nossa hipótese de que os homens usam mais as formas padrão devido às oportunidades de sair da comunidade e ter contato com outras variedades foi refutada. A frequência de uso do padrão na fala de homens é de 25% (peso de 0,49) e na de mulheres é de 26% (peso de 0,51), não havendo, portanto, diferença significativa entre os dois grupos.

Apesar disso, as mulheres mostram uma pequena vantagem na aplicação da regra de concordância padrão. Caso esta tendência pudesse ser demonstrada de forma mais consistente, isto poderia estar associado ao seu papel materno, que exige sua presença junto aos filhos que estão em idade escolar, podendo, por isso, estar com mais frequência em contato com variedades mais próximas da variedade padrão. Desta forma, como mães, as mulheres participam da rotina doméstica que inclui a ajuda nos deveres da escola, ao contrário do pai, que passa o dia inteiro, ou vários dias trabalhando longe da família. O discurso da informante Sandra exemplifica esta realidade:

...mas bah...o marido chegou... porque o meu marido trabalha lá, ele vem em casa a cada quinze dias e aí *fica aqui eu e as crianças*. Então o marido só vem nos visitar. (Sandra, p.3 da transcrição)

Olha, já vou começar pela tarefa da manhã. Pula da cama às seis horas, faz o fogo, prepara o café, seis e meia chama a gurria para a gurria ir para o colégio. Ela vai para o colégio, já prepara...vou arrumando a casa enquanto a pequena dorme... eu acho outro serviço por fora da casa para fazer: varrer terreiro, tratar galinha, se tem alguma coisa para capinar, já vou de mão na enxada e aí, depois,

a guria acorda, já vou dando um jeito no almoço e se ela tem que estudar eu paro com tudo sento e vou estudar com ela. Esse é o meu trabalho, não trabalho para fora, mas trabalho em casa. Para fora, só o marido que trabalha e aí como ela está sempre estudando, faço minha lida e venho para dentro de casa e 'vamu estudar' e, graças a deus, a guria não tem um vermelho. Uma está na quarta, outra está na terceira. (Sandra, p.5 da transcrição)

A princípio, a variável gênero não é relevante para a discussão referente à aplicação de formas verbais padrão, pois parece não existir um padrão de comportamento lingüístico com relação ao tema proposto neste estudo que seja definido pelo fato do falante ser homem ou mulher. No entanto, é interessante observarmos a distribuição do uso da concordância verbal padrão por indivíduo, conforme a tabela 5:

TABELA 5 – O uso da concordância padrão (exceto *a gente*) de 1^a, 2^a e 3^a pessoas por informante*

Informante	N/total	%	N/total	Informante
		54	54/100	Laura
Marcos	33/67	49		
		42	18/43	<i>Sandra</i>
<i>João</i>	21/52	40		
		38	28/73	Renata
<i>Rogério</i>	72/202	36		
<u>Otávio</u>	28/80	35		
		32	9/28	<i>Maria Emília</i>
		29	22/77	<i>Vanda</i>
		28	5/18	<u>Olívia</u>
Média do grupo: 26%				
<u>Adão</u>	20/93	22		
<i>Ronaldo</i>	21/99	21		
		19	9/47	<i>Joana</i>
		15	3/20	<u>Neli</u>
		14	18/131	<u>Zaida</u>
<u>Arlindo</u>	7/49	14		
		13	16/126	<u>Elba</u>
		10	2/21	<i>Tânia</i>
Júlio	5/62	8		
<u>Adroaldo</u>	6/91	7		
<u>Elmo</u>	1/24	4		
<u>Antero</u>	0/17	0		
<u>Cláudio</u>	0/23	0		
		0	0/16	<u>Mirna</u>

* Os informantes em negrito pertencem ao grupo dos jovens, os em itálico pertencem ao grupo dos adultos e os sublinhados pertencem ao grupo dos velhos.

Conforme a nossa expectativa, a maioria dos falantes jovens apresenta os maiores índices de uso das formas padrão, com exceção de Júlio, que se comporta lingüisticamente de forma muito semelhante à dos mais velhos da comunidade. Na tabela 5, podemos perceber que o informante emprega a concordância padrão em apenas 8% dos casos, enquanto os demais falantes do grupo dos jovens exibem percentuais que variam entre 38% e 54%. Esta disparidade de resultado pode estar relacionada com a diferença de características e de interesses pessoais de Júlio em comparação com os demais jovens (cf. a explicação na seção 4.1.2).

A informante Sandra está entre os falantes que mais empregam a variedade padrão e, conforme mencionado anteriormente, isto pode estar associado à sua interação com as filhas que freqüentam a escola e têm acesso a esta variedade. Apesar de suas atividades cotidianas se restringirem aos afazeres domésticos e aos limites da comunidade, é possível que o contato com a variedade padrão se dê devido à sua participação na educação das filhas, as quais contam com a colaboração da mãe para a resolução das tarefas escolares.

O resultado acima da média de uso do padrão de João pode ser entendido ao consideramos dois fatos que podem influenciar o seu comportamento lingüístico: ele é um dos poucos que comercializa fora da comunidade os produtos plantados e ele mantém uma amistosa relação com o vizinho de origem italiana. Em ambos os casos, o informante está exposto a outras variedades lingüísticas, que podem apresentar níveis mais altos de concordância padrão.

Rogério é outro falante que apresenta resultado acima da média e cujo desempenho pode ser atribuído a várias razões. O gosto pela leitura, o seu envolvimento com a organização da associação comunitária Vovô Geraldo e a sua participação como representante das comunidades quilombolas ampliam o seu rol de contato lingüístico, dando-lhe oportunidade de adquirir as formas padrão.

Otávio apresenta uso de concordância padrão acima da média geral e também acima dos demais informantes de sua faixa etária (homens velhos). Este resultado talvez se relacione à sua participação nas atividades da associação de moradores, o que pode proporcionar o contato com pessoas em instituições externas à comunidade, tais como na prefeitura, no cartório, no banco e em outras, onde existe a oportunidade de acesso à

variedade padrão. Outra possibilidade de contato com outras variedades lingüísticas está vinculada ao seu papel de líder na sua família, uma vez que sua esposa (herdeira das terras de João Belmiro Carvalho), seus cunhados e seus sobrinhos lhe deram a incumbência de encaminhar as questões burocráticas com relação à legalização das terras e de fazer o pagamento dos impostos das mesmas.

Abaixo da linha traçada na tabela 5, estão os indivíduos que obtiveram índices menores do que a média geral de emprego de concordância padrão. Entre eles estão alguns adultos e a maioria dos velhos, o que confirma a tendência de que os jovens apresentam um comportamento lingüístico diferente das demais faixas etárias (com algumas exceções). Isto pode ser observado na amplitude existente entre o percentual mais baixo (0%) de uso da concordância padrão para os informantes adultos e velhos (Antero, Cláudio e Mirna) e o percentual mais alto (54%) para a informante jovem (Laura).

4.1.3 A gente

Conforme o exposto na seção 4.1, das 768 ocorrências de 1ª pessoa do plural, existem 346 (45%) sujeitos cuja referência é o pronome pessoal *a gente*, dos quais todos aparecem com a concordância padrão (verbo na 3ª pessoa do singular). Do total de ocorrências do pronome, 80% são representados pelo sujeito explícito *a gente*, 18% pelo sujeito apagado e 2% pelo pronome relativo *que*:

Explícito

A GENTE SÓ TEM o campinho para treinar. (Laura - 0272)

Apagado

Só que se a gente não estudar, NÃO PASSA. (Marcos - 0524 e 0534)

Relativo

... às vezes a gente estava no hospital QUE NEM PODIA DORMIR (Mirna - 360327 e 370327)

TABELA 6 – A distribuição das formas de realização de *a gente* nos dados de São Miguel dos Pretos: números e percentuais

Realização do sujeito	N	%
<i>A gente</i>	276	80
Apagado	64	18
Pronome relativo	6	2
Total	346	100

Conforme os resultados da tabela 6, podemos observar que existe um baixo índice de casos de sujeito *a gente* apagado (18%). Estas ocorrências aparecem em contextos de orações coordenadas, como no exemplo: *...então a gente agarra e tira um pedaço da folha, sequinho, ...pode ser verde...mas a gente seca, lava e bota num prego assim na parede...* (Mirna, p.2 da transcrição).

De acordo com as pesquisas que tratam da entrada dessa forma no nosso sistema pronominal (Omena, 1996; Menon, 1996, 2003; Zilles, 2002, 2005), há mais chance de *a*

gente aparecer na fala dos mais jovens. Justamente em consonância com esta tendência, os percentuais da tabela 7 mostram que o grupo dos jovens emprega mais a forma *a gente*, com 59%, enquanto o grupo dos velhos obtém apenas 34%, a menor frequência.

TABELA 7 – A distribuição de *a gente* X *nós* em relação à faixa etária nos dados de São Miguel dos Pretos: números e percentuais

Faixa etária	N/Total	%
Jovens	82/139	59
Adultos	166/343	48
Velhos	98/286	34

Na seção 4.1.2, os jovens aparecem como os responsáveis pelo maior percentual de emprego da concordância padrão, o qual é mais do que o dobro (40%) daquele obtido pelos velhos (16%). Da mesma forma, observamos o mesmo efeito de progressão inversamente proporcional, já que também aqui os jovens obtêm quase duas vezes mais (59%) o índice dos velhos (34%), mostrando que o desempenho do grupo mais jovem faz a mudança avançar, assim como ocorre em Zilles (2005: 42 e 47) ao testar as variáveis faixa etária e décadas, quando compara os resultados das gerações de 1970 e de 1990.

Ao fazermos uma rodada excluindo as ocorrências do informante Júlio (devido ao seu comportamento lingüístico diferenciado dos demais jovens, cf. seção 4.1.2), obtivemos uma elevação no índice de emprego da forma *a gente* pelo jovens: 70%. Este resultado já é mais próximo das frequências de 78% para os adultos e de 65% para os velhos encontradas por Zilles (2005: 42), ao investigar a adesão ao pronome inovador na zona urbana de Porto Alegre (RS).

Este resultado é compatível, portanto, com a concepção de mudança geracional. Para entendermos melhor quem a lidera, examinamos a relação entre uso de *a gente* e gênero dos falantes.

TABELA 8 – A distribuição de *a gente* X *nós* em relação ao gênero nos dados de São Miguel dos Pretos: números e percentuais

Faixa etária	N/Total	%
Homens	173/418	41
Mulheres	170/351	48

Os resultados exibidos na tabela 8 indicam que as mulheres empregam mais *a gente* (48%) do que os homens (41%). Em Zilles (2005: 42 e 47), também as mulheres aparecem na liderança, com resultado percentual maior ao falarem este pronome em 72% e 69% dos casos, enquanto os homens usam-no em 62% e 59% das vezes.

A seguir, apresentamos os resultados do emprego da forma *a gente* e sua relação com o cruzamento entre as variáveis faixa etária e gênero na tabela 9. Os percentuais mostram que as mulheres preferem o pronome inovador do que o pronome *nós* e as mulheres jovens aparecem com o índice mais alto de adesão à forma *a gente*: 63%. Os homens velhos ficam com 27%, a menor frequência de todas.

TABELA 9 – O emprego de *a gente* e sua relação com o cruzamento das variáveis faixa etária e gênero nos dados de São Miguel dos Pretos: números e percentuais

Gênero	Faixa etária		
	Jovens	Adultos	Velhos
Homens	34/64=53%	105/227=46%	34/127=27%
Mulheres	47/75=63%	60/117=51%	63/159=40%

Esta tendência das mulheres empregarem mais a forma inovadora aparece mais claramente na tabela 10 quando contrapomos o uso de *a gente* e o uso do pronome *nós* por informante. Apresentamos a distribuição do pronome *a gente* por informante. À primeira vista, observamos que os percentuais mais altos de emprego da forma *a gente* em oposição a *nós* estão na fala dos jovens (Marcos 88%, Laura 65%, Renata 57%) e das mulheres (Sandra e Tânia 69%, Emília 56%, Vanda 54%). Por sua vez, os velhos (Zaida 7% e Antero 10%) e os homens (Cláudio 13%, Adroaldo e Júlio 16%) demonstram a sua preferência pelo pronome *nós* através dos baixos índices de uso de *a gente*.

TABELA 10 – O uso de *a gente* X *nós* por informante*

	N/total	% (100)	N/total (2/2)	
Marcos	29/33	89	32/36	<u>Neli*</u>
		88		<u>Mirna</u>
		69	18/26	Sandra
		69	9/13	Tânia
		65	35/54	Laura
		57	12/21	Renata
		56	10/18	Maria Emília
54	19/35	Vanda		
João	19/36	53		
Rogério	73/145	50		
		50	4/8	<u>Olívia*</u>
		50	20/40	<u>Elba</u>
Média do grupo: 45%				
Ronaldo	11/30	37		
<u>Adão</u>	21/58	36		
<u>Elmo</u>	3/11	27		
<u>Arlindo</u>	4/17	24		
<u>Otávio</u>	2/12	17		
Júlio	5/31	16		
<u>Adroaldo</u>	3/19	16		
		16	4/25	Joana
<u>Cláudio</u>	2/16	13		
<u>Antero</u>	1/10	10		
		7	5/73	<u>Zaida</u>

* Informante com quantidade de dados insuficiente.

É realmente notório o fato de que a maioria das mulheres lidera o uso da forma inovadora *a gente*. Assim como também é interessante que os jovens – menos Júlio, estão com os índices bem altos, o que evidencia que a adesão à forma *a gente* por este grupo implica em mudança geracional, ou seja, cada nova geração usa mais a forma inovadora.

A aplicação total da forma *a gente* (100%) aparece na fala de Neli, que apresenta apenas duas ocorrências de referência à 1ª pessoa do plural. Obviamente a pouca quantidade de dados não permite indicar qual é a tendência na fala dessa informante, uma vez que o percentual alto pode ter sido decorrente da falta de oportunidade de empregar mais a 1ª pessoa do plural na entrevista gravada, cujo principal tema é a reconstituição da árvore genealógica da família.

É surpreendente a frequência de 89% de uso do pronome por Mirna, que tem 84 anos de idade. Sua função é ser benzedeira da comunidade, o que a coloca na posição privilegiada de falar com grande número de pessoas, inclusive com pessoas de fora da comunidade. Boa parte da entrevista trata do conhecimento a respeito do cultivo das plantas medicinais e de receitas de chás para o tratamento de doenças. Este tipo de assunto e o próprio gênero injuntivo (receita) podem ter propiciado o emprego de *a gente* – para fazer referência genérica – no discurso da Mirna, conforme os trechos retirados da entrevista feita com a informante:

... Aí *a gente bota* aqui ó, *Opendura*, aquele com o chapéu-de-couro, também, né
 ... *Olava* a folha, *Obota* com o ..., aqui *Opendura* num prego, no cabinho dele... e
 aí quando é amanhã já está querendo, né, é quase como uma mão...então tem
 todas aquelas velhas...então *a gente agarra* e *Otira* um pedaço da folha,
 sequinho.....pode ser verde...mas *a gente seca*, *Olava* e *Obota* num prego assim na
 parede, e ali já e dali *a gente vai tirando Opra* tomar mate...

...ah! azeite de mocotó...*bota* três flores dele, *bota* aquelas flores, a flor e a
 tetinha, e *a gente bota* azeite, azeite de mocotó novo, que não seja velho, né, sim
 é agora tomar, né! Então de novo *Obota* numa frigideira e *Oapara* ali perto com
 um garfo e *Obota* ela ali sequinha e *vai*, *a gente* com aquele garfo mexendo ... e a
 gente mexendo, até quando *a gente vê* o azeite branquinho...o azeite de mocotó é
 amarelo...ele fica branquinho...isso aí é muito bom...o sabugueiro!! Me diz qual é
 o chá daquela doença triste e recolhida? ...vai no doutor ...sarampo
 recolhido.....para o sarampo recolhido este é o remédio. (D.Mirna, p. 2 da
 transcrição)

O jovem Júlio, de 24 anos, emprega o pronome em 16% dos casos e novamente apresenta comportamento lingüístico próximo ao do grupo dos velhos, cujos percentuais oscilam entre 36% e 10%. Além disso, da mesma forma que a maioria dos informantes homens velhos, o informante também apresenta baixos percentuais de emprego de concordância padrão (cf. seção 4.1.2) e de presença das DNPs (cf. Apêndice B). Isto faz com que pensemos na hipótese de haver o uso da linguagem como parte da construção de uma identidade mais local, mais rural, menos escolarizada e mais conservadora.

Não vislumbramos uma explicação para o baixo percentual de *a gente* na fala de Cláudio, que se diferencia dos demais informantes do grupo dos adultos cujos percentuais vão de 37% a 53%. A entrevista que serve como fonte dos dados foi feita juntamente com sua esposa Tânia, que obtém 69% de emprego do pronome enquanto ele apresenta 13%.

Não existe uma justificativa para este contraste baseada nas informações que nós temos até o momento, no entanto, podemos supor que os homens velhos julguem o uso da forma *a gente* como uma característica da fala feminina e, por isso, evitem-no.

Da mesma forma, Joana (60 anos) também faz parte do grupo das mulheres adultas, mas seu comportamento com relação ao uso de *a gente* destoa das demais mulheres, tanto do seu grupo etário³⁶ quanto das jovens e das velhas. Os 16% de frequência para o uso do pronome encontrados na sua fala não estão distantes dos 24% contados na fala do seu marido Arlindo, que pertence à amostra do grupo dos velhos. Talvez por conviver com o marido mais velho do que ela e o fato de ter os filhos já adultos (morando longe) façam com que ela não tenha contato mais intenso com a forma inovadora. Como podemos ver na tabela 10, seu resultado está entre os percentuais mais baixos, os quais se encontram na fala dos homens velhos, na sua maioria.

A tendência de aumentar a incidência do uso de *a gente* é um recurso utilizado pelos falantes com a finalidade de empregarem a concordância padrão, sem a exigência de domínio da desinência DNP4. A preferência pelo emprego do pronome e do verbo na 3ª pessoa do singular, que não implica na declinação de desinências verbais, faz parte do processo de simplificação pelo qual passa o sistema verbal. O aumento do uso de *a gente* não indica que, necessariamente, ocorrerá a extinção do pronome *nós*, mas é possível que ambos coexistam.

De acordo com nossa expectativa, os jovens apresentam o percentual mais alto de emprego da forma *a gente*, 59%, que é quase o dobro do resultado obtido pelos velhos, 34%. A obtenção destes resultados torna possível identificar que o grupo dos jovens é responsável pelo avanço da mudança, portanto, vislumbramos um processo de mudança geracional. Além da influência dos jovens na expansão do pronome, verificamos a importância do papel das mulheres em favor do uso da forma inovadora (48%), dentre as quais podemos destacar as mulheres jovens que atingem a frequência de 63%, diferentemente do grupo dos homens velhos que empregam a forma *a gente* em apenas 27% dos casos.

³⁶ As informantes mais velhas do grupo etário das mulheres adultas são Joana, 60 anos, e Tânia, 59 anos. As demais oscilam entre 43 e 48 anos.

A seqüência do trabalho trata do estudo da presença da DNP4 nos dados dos falantes de São Miguel dos Pretos.

4.2. A Presença da DNP4

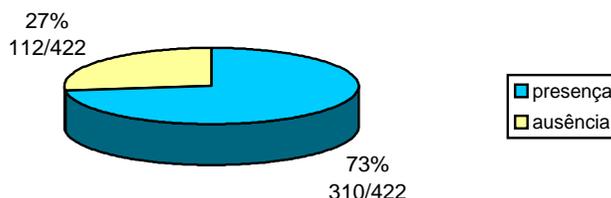
A análise estatística da presença da DNP4 foi feita com o pacote VARBRUL. Dos grupos de fatores incluídos na análise, dois foram selecionados como significativos, conforme consta no quadro 3 abaixo.

QUADRO 3 – Indicação dos grupos de fatores testados na análise da DNP4

Grupos de fatores testados:	Com significância estatística?
Tipo de sujeito	Não
Saliência fônica	Sim
Conjugação verbal	Sim
Tempo verbal	Não
Faixa etária	Não
Gênero	Não

Dos 422 dados referentes à 1ª pessoa do plural, desconsiderando as ocorrências expressas por *a gente*, existem 73% (*input* inicial 0,74) de emprego da DNP4 na comunidade de São Miguel dos Pretos. O gráfico 4 representa esta distribuição.

GRÁFICO 4 – A presença X a ausência de DNP4 em São Miguel dos Pretos



A alta frequência de concordância em São Miguel dos Pretos provavelmente se deve ao fato dos moradores da comunidade sob análise sempre estabelecerem laços de trabalho (cf. Anjos, 2004: 34, 41 e 136) com os antigos fazendeiros da região e ainda mantêm diferentes relações com as pessoas de outras comunidades, tanto da zona rural quanto da zona urbana, devido à necessidade de emprego, de saúde, de educação, entre outras.

Os 73% de presença de DNP4 nesta comunidade gaúcha estão distantes dos 56% relatados no trabalho de Bortoni-Ricardo (1985: 212-3) sobre a concordância de primeira pessoa do plural na fala de migrantes analfabetos ou semi-analfabetos em Brasília, oriundos da zona rural (diferença de 17 pontos percentuais). Acreditávamos que os resultados de presença da DNP4 nessas comunidades pudessem ser similares em virtude de seus informantes possuírem baixo grau de escolaridade (na sua maioria) e pertencerem a comunidades com características rurais. Todavia, os 73% se aproximam um pouco mais (diferença de 14 pontos percentuais) dos 87% de emprego de desinência de 1ª pessoa do plural apresentados no trabalho feito por Zilles et al. (2000: 206), com falantes de zonas urbanas que têm diferentes níveis de escolaridade.

Para compreendermos este resultado, é preciso levarmos em consideração outros aspectos que caracterizam a realidade dos informantes de São Miguel e podem explicar o alto percentual de concordância encontrado. Entre os informantes da amostra, existem pessoas que estão mais expostas ao contato com outras variedades lingüísticas devido às funções exercidas dentro e fora da comunidade. É o caso do líder comunitário, Rogério, que representa os interesses da comunidade de São Miguel e de outras tantas comunidades

de remanescentes de quilombos em vários lugares do Estado e do Brasil. Além dele, existem moradores que são participantes ativos da associação comunitária e, há muito tempo, tratam das questões referentes à legalização das terras e à reivindicação de melhores condições de vida junto aos órgãos competentes de Restinga Seca. Também devemos considerar o papel da escolaridade favorecendo a aquisição da desinência número pessoal, uma vez que existem três informantes jovens que estão cursando o ensino médio e que anseiam pela continuidade de sua formação e por sua inserção no mercado de trabalho.

Apresentaremos os resultados das variáveis sociais faixa etária e gênero antes das variáveis lingüísticas para compreendermos melhor aspectos pertinentes à realidade social e lingüística da comunidade e discutirmos até que ponto estes são evidências favoráveis às hipóteses levantadas. Após virão os resultados referentes às variáveis saliência fônica e conjugação verbal, as quais foram selecionadas como estatisticamente significativas pelo programa VARBRUL. Em seguida, apresentaremos os resultados das demais variáveis lingüísticas.

4.2.1 A Faixa Etária

A distribuição da variável faixa etária revela que os mais velhos empregam a DNP4 em 66% da vezes, enquanto os jovens e os adultos apresentam percentuais muito próximos: 77% e 79%³⁷. Estes números podem ser conferidos na tabela 11.

³⁷ Com o intuito de exaurir as possibilidades de manuseio dos dados para entendermos melhor os resultados encontrados em São Miguel, tentamos amalgamar jovens e adultos, mas, mesmo assim, a variável faixa etária não foi selecionada como significativa. Também retiramos os jovens da rodada, mas o programa VARBRUL ainda descartou a variável em questão.

TABELA 11– A relação entre a variável faixa etária e a presença da DNP4 em São Miguel dos Pretos: números e percentuais

Faixa etária	N/Total	%
Jovens	43/56	77
Adultos	135/171	79
Velhos	120/181	66

Os percentuais apresentados na tabela 11 contrariam a nossa expectativa e também discordam dos resultados de Nina (1980: 138) e de Bortoni-Ricardo (1985: 212). São os jovens da Micro-região Bragantina, no Pará, e os de Brazlândia, no Distrito Federal, que usam mais a concordância, com o percentual de 61% para os primeiros e 64% para os últimos. Bortoni e Nina justificam esta tendência em virtude dos jovens estarem em maior contato maior com a variedade lingüística padrão na escola, onde há maior exposição às desinências número-pessoais. Com base nos resultados encontrados para a faixa etária, Nina salienta que estamos diante de um processo de mudança em curso na língua falada.

Provavelmente os resultados obtidos em São Miguel decorram de problemas amostrais, já que existe pouca quantidade de dados no grupo dos jovens. Cabe lembrar ainda o caso de Júlio, cujo percentual de uso da concordância verbal se assemelha mais ao dos velhos (cf. tabela 33, Apêndice E), o que pode ter contribuído para que o grupo dos jovens obtivesse o resultado apresentado. Com poucos dados e com um dos quatro sujeitos mostrando um comportamento distinto, julgamos mais seguro não estabelecer conclusões sobre o comportamento dos jovens e não comparar os resultados dos jovens com o dos adultos, pois isso pode levar-nos a conclusões inadequadas.

Além disso, é importante levarmos em conta as peculiaridades do grupo dos adultos para compreendermos a situação lingüística local. A maioria dos informantes que compõem este grupo se caracteriza por manter atividades profissionais e sociais dentro e fora da comunidade. Logo, é uma questão de orientação de vida que faz com que estas pessoas tenham maior contato com falantes da variedade que emprega mais a concordância verbal. Esta variedade mais caracterizada pela presença da concordância provavelmente seja empregada pela vizinhança branca descendente de imigrantes italianos e alemães que circunda a comunidade, a qual teve e tem mais oportunidades de educação formal, de acordo com Anjos e Lopes (2004: 144 e 145).

Frente à ameaça da chegada dos descendentes europeus e à desvalorização do trabalho negro, surge a necessidade de dominar a linguagem externa à comunidade, para que seus moradores possam reivindicar a posse das terras, entender os trâmites relativos ao processo de legalização e defender os direitos básicos da comunidade. Com isso, a atenção dos moradores se volta para a busca da instauração do ensino formal em São Miguel:

... impôs-se em São Miguel a percepção de que era “indispensável para assegurar uma comunicação competente no interior desse discurso” hegemônico, o domínio da linguagem e, portanto, a incorporação do sistema oficial de educação (Anjos & Lopes, 2004: 144).

A implantação da escola na comunidade ocorre na década de 60, ampliando a possibilidade de contato com uma variedade que apresenta mais marcas de concordância. A partir disso, a maioria dos informantes (jovens e adultos), exceto os velhos, tem ou teve a chance de freqüentar a escola local, ou, ao menos, tem mais acesso à língua escrita e às atividades escolares através de seus filhos, principalmente com o funcionamento do ensino fundamental completo a partir da década de 70.

Diante da trajetória histórica e social da comunidade e da diferença dos resultados entre a geração mais velha e a geração mais nova, jovens e adultos, podemos observar que a variedade falada em São Miguel passa pelo processo de aquisição da concordância verbal. Ainda que a variável faixa etária não tenha sido selecionada pelo programa de cálculo estatístico, existe uma diferença relevante entre os resultados das gerações que mostram maior adesão ao emprego da DNP4 pelos jovens e pelos adultos.

4.2.2 O Gênero

Em todas as rodadas feitas, as mulheres sempre estão à frente dos homens ao empregarem um índice maior de concordância verbal, embora esta diferença percentual seja pequena. Como vemos na tabela 12, o percentual de DNP4 é de 75% para as mulheres e de 72% para os homens.

TABELA 12 – A relação entre a variável gênero e a presença da DNP4 em São Miguel dos Pretos: números e percentuais

Gênero	N/Total	%
Homens	168/234	72
Mulheres	130/174	75

Nós apostamos que os homens estariam mais predispostos a usarem a desinência número-pessoal, levando em consideração os 66% de concordância para os homens e os 42% para as mulheres de Brazlândia (Bortoni-Ricardo, 1985: 212), da mesma forma que os 63% de emprego da desinência para os homens e os 46% para as mulheres da periferia de São Paulo (Rodrigues, 1992: 167). Estes resultados são decorrentes da possibilidade dos homens justamente terem maior oportunidade de saírem da comunidade e, por conseguinte, se exporem a uma variedade com maior incidência de concordância. No entanto, os dados analisados nos revelam que as mulheres da nossa amostra é que usam mais a concordância. Seu engajamento na educação dos filhos (acompanhando as tarefas escolares) e nas lutas comunitárias poderia estar contribuindo para este resultado. Mas somente com maior quantidade de dados de fala e com informações complementares, por exemplo, de observação participante e de interação com os falantes, seria possível avaliar e compreender melhor este achado (que, não se pode esquecer, não tem significância estatística).

Após a apresentação dos resultados a respeito das variáveis sociais, passaremos à exposição dos resultados da análise das variáveis lingüísticas. As duas primeiras variáveis

que seguem, saliência fônica e conjugação verbal, foram estatisticamente significativas segundo o programa VARBRUL.

4.2.3 A Saliência Fônica

Esta variável foi selecionada pelo programa VARBRUL como estatisticamente significativa. A rodada feita com os dados considerando a variável saliência fônica demonstrou que os resultados obtidos não seguem completamente a gradação hierárquica proposta por Naro et al. (1999: 203), que postula que quanto mais saliente a distinção entre a 3ª pessoa do singular e a 1ª pessoa do plural, há mais chance de realização da desinência *-mos*. Podemos observar na tabela 13 que não existe a escala esperada nos três níveis iniciais, pois a gradação começa com peso de 0,0 e frequência de 1% no primeiro nível, após há uma elevação drástica para 0,70 de peso e índice de 92% no segundo nível, depois o peso cai para 0,29 com percentual de 76% no nível seguinte. Logo, é possível que outros fatores provoquem esta oscilação de índices de concordância nos níveis em que os verbos são menos salientes.

O cruzamento entre saliência fônica e tempo verbal (cf. tabela 35, Apêndice G) mostra que existe dependência entre estas variáveis. Todas as ocorrências dos tempos verbais pretérito imperfeito do indicativo, futuro do pretérito do indicativo e pretérito imperfeito do subjuntivo estão no grau 1 de saliência fônica e é onde há claramente a ausência da DNP4 com percentuais de 1%, 0% e 0%, nesta ordem. As formas verbais deste nível, quando acrescidas da DNP4, ficam proparoxítonas. Assim os falantes usam com menor frequência o sufixo correspondente para evitar o acento na antepenúltima sílaba, o que está de acordo com a tendência do português do Brasil de não empregar palavras desse tipo (cf. Bortoni- Ricardo, 1985: 212; Zilles et.al., 2000: 207).

Nível 1

Oposição *poderia/poderíamos* - Até **EU E A MINHA ESPOSA PODERÍAMOS...** (Júlio – 1201)

Oposição *chamava/chamávamos* - **NÓS CHAMAVA** ele de Vô Vardo. (Vanda – 0424)

O súbito aumento de emprego da DNP4 no nível 2 (92% e peso relativo de 0,70) pode estar relacionado à predominância da presença do pronome reto na função de sujeito, uma vez que existe a hipótese de que este tipo de sujeito favoreça a aplicação da regra de concordância devido à sua tendência de se posicionar antes do verbo, segundo Zilles (2000, *apud*: Monguilhott & Coelho, 2002: 209).

Nível 2

Oposição *divide/dividimos* - O senhor acerta e depois **NÓIS SE DIVIDIMU** e pronto. (Otávio – 079109)

Oposição *planta/plantamos* - **NÓS PRANTEMUS** mandioca. (Elba – 0760617)

Oposição *passa/passamos* - **NÓIS NÃO PASSA** o riso. (Júlio 3103)

A queda do percentual no nível 3³⁸ pode estar associada ao fato de haver ocorrências com o infinitivo pessoal e com o futuro do subjuntivo, os quais recebem a desinência verbal número-pessoal em apenas 3% dos casos (cf. tabela 35, Apêndice G). Abaixo temos ocorrências desses tempos verbais que exemplificam casos com e sem concordância:

Nível 3

Oposição *tem/temos* - **NÓS TEMU** que erguer o pescoço (Rogério Potássio – 053712)

Oposição *está/estamos* - **NÓS TUDO TEMU (estamos)** colhendo mais ou menos aí umas oitenta sacas (Arlindo – 290510)

Oposição *pagar/pagamos* - ...para **NÓS PAGAR** a nossa parte. (Cláudio – 100130)

³⁸ Amalgamamos os níveis 2 e 3 para obtermos a gradação desejada, mas os resultados encontrados no teste de significância qui-quadrado não permitiram que considerássemos este procedimento.

TABELA 13 – A relação entre a variável saliência fônica e a presença da DNP4 em São Miguel dos Pretos: números, percentuais e pesos

Nível	Exemplo	N	%	Peso
1	falava/falávamos	1/83	1	0,0
2	fala/falamos trouxe/trouxemos	36/39	92	0,70
3	está/estamos tem/temos	68/89	76	0,29
4	comeu/comemos partiu/partimos vai/vamos foi/fomos	95/99	96	0,96
5	falou/falamos	83/84	99	0,95

Input 0,82

Há uma elevação brusca para o nível 4 que fica com peso de 0,96 e percentual de 96%. Em seguida, o nível 5 apresenta números próximos do nível anterior: 0,95 de peso e 99% de frequência. Portanto, em virtude destes resultados, existe a necessidade de refinar a análise para verificar se a diferença entre os níveis é significativa. Já o nível 6, cuja oposição é *é/somos*, não foi submetido ao programa IVARB 2000 devido ao uso de 100% (15 ocorrências) de concordância neste contexto .

Com a finalidade de aperfeiçoar a gradação entre os níveis, amalgamamos os níveis 4 e 5, levando em conta o teste de significância qui-quadrado, que confirmou que não há diferença estatística relevante entre os resultados de ambos. Na tabela 14, apresentamos a nova organização da saliência fônica, com a alteração dos níveis amalgamados. Os três primeiros níveis mantêm quase os mesmos números, com exceção do peso relativo do nível 3, que passa de 0,29 para 0,28. Os níveis amalgamados permanecem favorecendo a concordância verbal com o peso relativo de 0,96. Segundo Naro et al. (1999), isto ocorre porque os verbos que compõem as oposições dos níveis 4 e 5 são, em sua maioria, do pretérito perfeito, e este é um tempo verbal muito saliente.

TABELA 14 – A relação entre a variável saliência fônica e a presença da DNP4 em São Miguel dos Pretos, com amalgamação dos níveis 4 e 5: números, percentuais e pesos

Nível	Exemplo	N	%	Peso
1	falava/falávamos	1/81	1	0,0
2	fala/falamos trouxe/trouxemos	36/39	92	0,70
3	está/estamos tem/temos	68/89	76	0,28
4 + 5	comeu/comemos partiu/partimos vai/vamos foi/fomos + falou/falamos	178/183	97	0,96

Input 0,82

Apesar de não encontrarmos a gradação uniforme de saliência fônica, conforme nossa expectativa, os resultados expostos sugerem que os primeiros níveis (1, 2 e 3), cujas oposições são menos salientes, desfavorecem o emprego da DNP4. Também é possível perceber que as oposições dos últimos níveis (4 e 5 amalgamados), as quais são mais salientes, são contextos muito favoráveis à aplicação da concordância.

TABELA 15 – O cruzamento das variáveis saliência fônica e faixa etária em relação à presença da DNP4 em São Miguel dos Pretos: números, percentuais

Níveis de saliência	Velhos			Adultos			Jovens		
	N/T	%	Peso	N/T	%	Peso	N/T	%	Peso
1.falava-falávamos	1/51	2	0,01	1/21	5	0,00	1/11	9	0,05
2.fala-falamos	12/27	44	0,39	18/26	69	0,63	6/12	50	0,35
3.está-estamos	23/38	61	0,47	42/68	62	0,30	3/9	33	0,21
4.comeu-comemos	35/38	92	0,92	45/46	98	0,92	14/15	93	0,88
5.falou-falamos	47/48	98	0,98	18/19	95	0,93	17/20	85	0,75
6.é-somos	2/2	100	-	11/11	100	-	2/2	100	-

Na tabela 15, o cruzamento entre saliência fônica e faixa etária apresenta uma clara divisão entre os três primeiros níveis, os quais desfavorecem a concordância, e os três últimos, que a favorecem. Os pesos relativos para o grupo dos velhos crescem proporcionalmente à medida que aumenta a saliência fônica dos níveis. Para os demais grupos, diminuem os percentuais e os pesos no terceiro nível, de acordo com a escala apresentada nas tabelas 13 e 14, anteriormente. Os jovens ainda mostram a redução de

concordância no nível 5, onde deveria haver maior presença da desinência, desobedecendo, mais uma vez, a gradação esperada.

4.2.4 A Conjugação Verbal

Apesar de não existir uma expectativa pré-definida com relação à conjugação verbal, esta variável, que tinha caráter exploratório, também foi indicada pelo Pacote de Programas VARBRUL por sua relevância estatística. Conforme a tabela 16, a segunda e a primeira conjugações são contextos em que a DNP4 está presente em menores índices: 73% (0,78) e 67% (0,51) respectivamente. Os verbos da terceira conjugação, por sua vez, apresentam alta frequência de emprego da desinência (84%), provavelmente devido às ocorrências da perífrase *vamos* + infinitivo, que concordam com o sujeito categoricamente nas 55 ocorrências do total de 105 casos de verbos de terceira conjugação. Porém, seu baixo peso relativo de 0,15 pode ser o resultado da sobreposição de outro elemento, por enquanto, não identificado.

TABELA 16 – A relação entre a variável conjugação verbal e a presença da DNP4 em São Miguel dos Pretos: números, percentuais e pesos

Conjugação	N/Total	%	Pesos
Primeira	110/164	67	0,51
Segunda	100/139	72	0,78
Terceira	88/105	84	0,15

Input 0,82

4.2.5 O Tempo Verbal

A variável tempo verbal é composta por vários fatores, muitos dos quais apresentam poucas ocorrências, por isso, se faz necessário que eles sejam amalgamados conforme suas similaridades. Assim, as formas compostas juntam-se às formas simples do mesmo tempo e modo verbais:

- presente do indicativo – *plantamos + estamos plantando*;
- pretérito perfeito do indicativo – *plantamos + pudemos plantar*;
- pretérito imperfeito do indicativo – *plantávamos + estávamos plantando/podíamos plantar*;
- futuro do pretérito do indicativo – *plantaríamos + estaríamos plantando/poderíamos plantar*;
- pretérito imperfeito do subjuntivo – *plantássemos + estivéssemos plantando + tivéssemos plantado*

O presente de ir + infinitivo – *vamos plantar* – aparece para indicar um fato futuro ou fazer um convite ao interlocutor; além destas possibilidades, também há alguns casos da expressão *vamos dizer*, usada como um recurso discursivo. Todos estes fatores estão amalgamados em virtude de serem formalmente iguais (*vamos* + infinitivo). O mesmo ocorre com o infinito pessoal e o futuro do subjuntivo – *nós plantarmos* – que se apresentam com a mesma forma e, devido a esta característica, passam a formar um único fator.

A observação dos resultados nos permite identificar duas características a respeito do tempo verbal: existe um grupo de tempos verbais com forte tendência para a presença da DNP4 e há um grupo de verbos com poder inibidor da desinência. Podemos verificar isso na tabela 17:

TABELA 17 – A relação entre a variável tempo verbal e a presença da DNP4 em São Miguel dos Pretos: números e percentuais

Tempo verbal	N	%
Perífrase <i>ir</i> + infinitivo (<i>vamos</i>)	55/55	100
Presente do Subjuntivo	2/2	100
Presente do Indicativo	116/120	97
Pretérito Perfeito do Ind.	134/139	96
Futuro do Pretérito	1/3	33
Futuro do Subjuntivo + Infinitivo Pessoal	1/24	4
Pretérito Imperfeito do Ind.	1/75	1
Pretérito Imperfeito do Subjuntivo	0/4	0

Os quatro primeiros tempos verbais da tabela 17 (*vamos* + infinitivo, presente do subjuntivo, presente e pretérito do indicativo) compartilham uma característica morfológica: o acréscimo da desinência não afeta a condição de palavra paroxítona. Este fator contribui para que haja os altos índices de concordância com os verbos cujas formas de plural recebem o acento na penúltima sílaba.

A aplicação categórica de DNP4 com a perífrase *vamos* + infinitivo confirma a hipótese de que há alta incidência da presença da desinência neste contexto. Da mesma forma, o presente do subjuntivo aparece marcado pelo sufixo nos dois casos em que ocorre, o que é esperado por se tratar de um tempo verbal raro na fala e que tende a ocorrer em discursos mais elaborados (com emprego de orações subordinadas) e em linguagem mais cuidada. Uma dessas ocorrências aparece na entrevista de Rogério quando diz ao entrevistador o que os moradores da comunidade estão pensando sobre o trabalho desenvolvido pelo grupo de pesquisadores das comunidades quilombolas. O segundo caso está na fala de Laura nos minutos iniciais da gravação, quando explica ao entrevistador porque recebe desconto na passagem do ônibus escolar. Os dois informantes empregam o presente do subjuntivo em uma oração cristalizada, como um recurso retórico, para dar continuidade ao seu discurso.

Eles estão achando que esse ponto aí é que para eles, é que facilita para eles manobrar e dividir, fazer as partilha dessas terra, quando na verdade vocês querem é formar, **digamos** assim, uma comissão, né, de um grupo representativo de uma comunidade a reivindicar os valores do passado, a dignidade perdida, né. (Transcrição da entrevista com Rogério – 013512)

Eu pagava quinze porque eu ganhei desconto na prefeitura e aí fui sorteada na empresa, né, que é a Rizati, que faz o transporte do ônibus. Ganhei desconto na empresa por causa dos, **digamos** assim, salário dos pais da gente, né. (Transcrição da entrevista com Laura – 0131)

A baixa frequência com o imperfeito do indicativo e com o futuro do pretérito (1% e 33%, respectivamente), a falta de emprego da desinência com o pretérito perfeito do subjuntivo (0%)³⁹ em São Miguel estão em consonância com outros trabalhos que mostram a falta de aplicação da regra de concordância verbal em contextos de verbos proparoxítonos. A pesquisa de Nina (1980: 125) da fala de informantes analfabetos da Micro-região Bragantina mostra que há 9% de concordância com estes verbos. Em Brazlândia, Bortoni-Ricardo (1985: 212) apresenta 10% de emprego de DNP4 no estudo com migrantes da zona rural de Minas Gerais. Enquanto Zilles et al. (2000: 207) também constata 57% de presença do sufixo (43% de ausência da desinência) quando a forma verbal é proparoxítona na pesquisa feita com dados de fala urbana em Porto Alegre e em Panambi.

Os resultados da comunidade de São Miguel são muito parecidos com as comunidades pesquisadas por Nina e Bortoni-Ricardo ao apresentarem percentuais muito baixos com relação ao emprego de verbos proparoxítonos. Também, apesar dos resultados da comunidade negra serem quantitativamente inferiores do que aqueles apresentados por Zilles et al., eles não diferem quanto ao tipo de fenômeno em questão, que está relacionado ao fato dos falantes do português do Brasil tenderem à esquiva das palavras proparoxítonas. Em decorrência disso, ocorre a supressão da desinência e a manutenção da forma paroxítona do verbo (*nós plantava* ao invés de *nós plantávamos*).

³⁹ Este tempo verbal é raro na fala das pessoas e está sendo substituído pelo pretérito imperfeito do indicativo. Talvez se houvesse maior número de ocorrências, o percentual de emprego da DNP4 fosse menor ainda.

4.2.6 A Troca da Vogal Temática

Acrescentamos a variável troca da vogal temática para verificarmos qual a sua realização nos contextos em que pode haver alternância, ou seja, com verbos do presente e do pretérito perfeito do indicativo de 1^a conjugação e com os verbos de 2^a e de 3^a conjugações *ser* e *ir* no presente do indicativo. Apresentamos alguns exemplos a seguir:

Troca da vogal temática /a/ por /e/

Então essas rede tudo **NÓS COMPREMU** (*compramos*) de Santa Maria lá na...
(Arlindo – 070310)

Troca da vogal temática /o/ por /e/

NÓS SEMU (*somos*) em oito. (Ronaldo – 01603)

Troca da vogal temática /o/ por /a/

SAMU (*somos*) tudo primo. (Otávio – 06169)

Troca da vogal temática /o/ por /u/

Ainda há pouco tempo **NÓS FUMU** (*fomos*) no cartório... (Cláudio – 080130)

TABELA 18 – A realização da vogal temática com DNP4 em São Miguel dos Pretos: números e percentuais

Realização da vogal temática	N	%
Manutenção da vogal temática	31	24
Troca da vogal temática /a/ por /e/	83	65
Troca da vogal temática /o/ por /e/	9	7
Troca da vogal temática /o/ por /a/	1	1
Troca da vogal temática /o/ por /u/	4	3
Total	128	100

De acordo com a tabela 18, existem 128 ocorrências em que pode ocorrer a troca da vogal temática, dentre as quais há 24% de sua manutenção (*plantamos*). Existem 65% de troca da vogal temática /a/ por /e/, 7% de troca da vogal temática /o/ por /e/, 1% de troca da vogal temática /o/ por /a/ e 4% de troca da vogal temática /o/ por /u/. A distribuição de troca de vogais temáticas por faixa etária fica da seguinte forma: os velhos com 93%, os adultos com 67% e os jovens com 45%.

4.2.7 A Posição do Sujeito⁴⁰

Havia apenas dois casos de sujeitos antepostos com material antes do verbo, por isso, foram amalgamados com os sujeitos antepostos adjacentes ao verbo. Isto feito, obteve-se um total de 272 ocorrências, ocorrendo aplicação da DNP4 em 70% dos casos. O sujeito posposto aparece apenas 6 vezes no *corpus* e, em todos os casos, sempre sem a desinência, conforme observamos na tabela 19.

TABELA 19 – A relação entre a variável posição do sujeito e a presença da DNP4 em São Miguel dos Pretos: números e percentuais

Posição do Sujeito	N/Total	%
Anteposta ⁴¹	190/272	70
Posposta	0/6	0

De acordo com a nossa expectativa, a posição anteposta do sujeito com relação ao verbo está associada à concordância, visto que há 70% de uso da DNP4. Este é um percentual bastante alto se compararmos com os resultados obtidos por Nina (1980: 130) –

⁴⁰ Esta variável não foi submetida ao programa IVARB 2000 para a obtenção dos pesos relativos devido à falta de equilíbrio numérico entre os fatores, os quais sofreram a diminuição do número de ocorrências conforme houve a necessidade de tirar dados para eliminar *knockouts* que surgiram em muitas variáveis, inclusive na variável posição do sujeito. Com o manuseio dos dados, o fator sujeito posposto ficou com 5 dados e 0% de aplicação da desinência.

⁴¹ Amalgamação de sujeito imediatamente anteposto e com sujeito anteposto com material interveniente antes do verbo.

37% (sujeito imediatamente anteposto ao verbo) e 28% (amalgamação de sujeito anteposto e sujeito anteposto separado do verbo por um elemento) – e por Bortoni-Ricardo (1985: 212) – 47% (sujeito imediatamente posicionado antes do verbo ou com palavras curtas entre ambos) e 34% (sujeito preposto distante do verbo).

Apesar da pequena quantidade de sujeito posposto, o percentual nulo de concordância confirma a tendência de ausência da desinência neste contexto. Da mesma forma, Nina não encontra casos de aplicação da regra de concordância quando há a posposição do sujeito. Ambos os resultados diferem daquele mostrado em Bortoni-Ricardo, que apresenta o índice de 29% (4/14) de concordância para essa posição.

4.2.8 O Tipo de Sujeito

O sujeito apagado e os sujeitos preenchidos por pronome reto, por pronome indefinido e por pronome relativo são os tipos de sujeito que aparecem nos dados referentes à 1ª pessoa do plural. As poucas ocorrências de sujeitos representados por pronomes relativos (11) e por pronomes indefinidos (1) foram retiradas da rodada para termos números mais equilibrados, uma vez que a quantidade de sujeito apagado e de sujeito preenchido por pronome reto é muito maior. Há 82% de concordância entre as ocorrências com pronomes relativos, e a única ocorrência com pronome indefinido aparece com a desinência número-pessoal. Listamos alguns exemplos ilustrativos destes casos:

Pronome relativo

Tem só eu, a Laura e a Setembrina, essa que ela falou **QUE ESTUDEMU** junto.
(00410 - Renata)

De onde é **QUE VIEMU**. (Emília - 150209)

Esses açudes que tem por aí foi nós **QUE FIZEMU**. (Antero – 083)

Ah, nós **QUE INVENTAVA**... (Adroaldo – 6714)

Pronome indefinido

Aqui **TODOS SOMU** remanescentes de quilombos. (Rogério Potássio – 052612)

Na tabela 20, o sujeito apagado supera o índice de concordância verbal do sujeito preenchido, o que está de acordo com a nossa hipótese: 83% contra 67% de aplicação da DNP4. Tal resultado pode ser associado a um princípio funcional, no sentido de que existe a necessidade de resgatar a informação de número e de pessoa através da presença da desinência, uma vez que o sujeito apagado não cumpre este papel.

TABELA 20 – A relação entre a variável tipo de sujeito e a presença da DNP4 em São Miguel dos Pretos: números e percentuais

Tipo de sujeito	NTotal	%
Pronome reto	178/264	67
Apagado	120/144	83

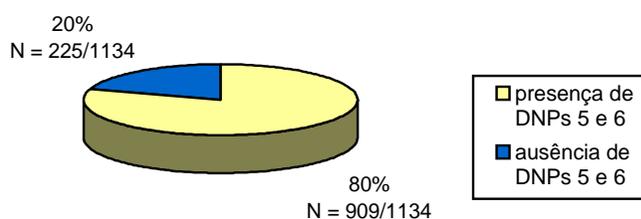
O alto índice de emprego da DNP4 com o sujeito apagado concorda com os resultados encontrados por Nina (1980: 130), Bortoni-Ricardo (1985: 212) e Rodrigues (1992: 159-60): 100%, 84% e 74% de concordância, respectivamente. Todos estes resultados endossam a necessidade de apresentar a informação que o sujeito não revela através do emprego da desinência número-pessoal.

4.3 A Presença das DNP5 e DNP6

A análise feita com relação à DNP5 (desinência número-pessoal de segunda pessoa do plural) trata da presença da desinência de número e de pessoa referente a *vocês (vocês plantam)* e não a *vós*. Portanto, a desinência em questão corresponde também à DNP6 (desinência número-pessoal de terceira pessoa do plural - *eles plantam*).

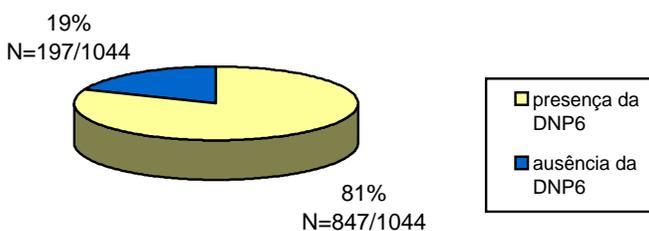
Com relação à presença de DNP5 e de DNP6, os dados analisados se distribuem da seguinte forma: das 1134 ocorrências, 80% aparecem marcadas pela desinência e 20% não a apresentam, conforme podemos visualizar no gráfico 5.

GRÁFICO 5 – A presença X a ausência de DNP5 e DNP6 em São Miguel dos Pretos



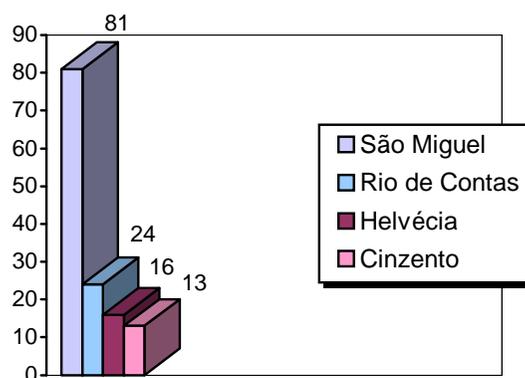
Dos 1134 dados apurados, 90 são de 2ª pessoa do plural. Resolvemos excluí-los da análise em virtude desse número ser bem menor do que o número de ocorrências de 3ª pessoa do plural, uma vez que isto poderia prejudicar a comparação entre os resultados de cada pessoa. Além do mais, a permanência da 2ª pessoa do plural não permitiria o confronto de nossos resultados com os de outros estudos sobre concordância verbal citados no capítulo 2 – Referencial Teórico – pois estes não apresentam pesquisa sobre essa pessoa.

GRÁFICO 6 – A presença X a ausência de DNP6 em São Miguel dos Pretos



A rodada considerando apenas os dados de referência à 3ª pessoa do plural (DNP6) apresenta um total de 1044 ocorrências, das quais 81% aparecem com as desinências que marcam a flexão verbal de número e de pessoa. Este alto índice de concordância verbal não corresponde ao resultado esperado, já que há uma disparidade muito grande entre este número e aqueles encontrados nas comunidades afro-brasileiras, localizadas na Bahia: Rio de Contas - 24%, Helvécia - 16% e Cinzento - 13%.

GRÁFICO 7 – A concordância verbal de 3ª pessoa do plural nas comunidades quilombolas de São Miguel dos Pretos, Rio de Contas, Helvécia e Cinzento



Apesar das quatro comunidades compartilharem o fato de terem sido redutos de ex-escravos no passado e de manterem a contínua luta para sobreviverem ao legado do estigma social, existem diferenças na constituição da realidade de cada lugar, o que provavelmente explica o contraste de percentual de São Miguel e os percentuais das demais comunidades com relação à concordância verbal de 3ª pessoa do plural.

A história das três comunidades é marcada por situações de subjugação dos seus habitantes em algum momento do processo de sua formação. Cinzento é o refúgio de negros acuadaos pelo sistema que os dominava e humilhava, e, durante muito tempo, caracterizou-se como um local de difícil acesso. Em Helvécia, houve a exploração da mão de obra escrava, que foi abandonada quando este sistema perdeu a valia para os fazendeiros europeus estabelecidos na região, devido à abolição da escravatura e à concorrência de plantadores de outras regiões cafeeiras. Por conseguinte, os ex-escravos ficaram em condição de abandono diante da derrocada dos seus antigos donos e tiveram que criar mecanismos para sobreviver isoladamente. Por sua vez, as comunidades que

levam o nome de Rio de Contas (Barra e Bananal) surgiram a partir da necessidade de sobrevivência de negros naufragados de um navio que os trazia da África. Há relatos de que os Bandeirantes teriam usado a mão-de-obra destes negros para a exploração de minérios da região. A comunidade que, até pouco tempo vivia isolada, hoje conta com a visita de turistas e pesquisadores que vão conhecer sua gente e sua história, o que pode justificar a frequência um pouco mais alta de concordância se comparada às demais.

Os pioneiros de São Miguel dos Pretos (cf. capítulo 3, seção 3.3) possuem o histórico parecido com os fundadores das outras comunidades em virtude da condição escrava imposta a eles. No entanto, a iniciativa para a fundação da comunidade gaúcha partiu de um ex-escravo que encontrou apoio na família do fazendeiro que era rival do seu ex-proprietário. Com o trabalho prestado a esta família e o dinheiro recebido por ele, os precursores de São Miguel puderam adquirir as terras nas quais haviam se estabelecido através do devido pagamento (que foi inclusive registrado nos órgãos competentes da época). Além disso, desde a sua fundação, sempre houve o contato dos membros da comunidade com as fazendas vizinhas e com a zona urbana do município de Restinga Seca. O perfil desta comunidade se distingue daqueles de Rio de Contas, de Helvécia e de Cinzento justamente pelo maior contato com variedades do português possivelmente mais próximas do padrão e com mais concordância, faladas por pessoas de outras etnias e de nível social mais alto. Assim o menor isolamento de São Miguel, em comparação com as demais comunidades citadas, provavelmente explique a discrepância dos percentuais de concordância verbal.

Os 81% de presença de DNP6 encontrados em São Miguel também divergem de outros resultados referidos neste trabalho (cap. 2 – Referencial Teórico): 29% na fala dos analfabetos do Pará (Nina, 1980: 126), 35% na fala dos migrantes da zona rural de Minas Gerais (Bortoni-Ricardo, 1985: 205), 29% na fala dos moradores da periferia de São Paulo (Rodrigues, 1992: 167) e 43% na fala dos mobaralenses do Rio de Janeiro (Guy, 2005: 25). No entanto, o percentual da comunidade negra é próximo aos 79% encontrados na fala urbana de Florianópolis (Monguilhott & Coelho, 2002: 192).

As variáveis incluídas na amostra são posição do sujeito, tipo do sujeito, saliência fônica, conjugação verbal, tempo verbal, faixa etária e gênero. Entre as variáveis lingüísticas e sociais testadas, foram selecionadas pelo programa VARBRUL a saliência

fônica, a posição do sujeito, o tempo verbal, a conjugação verbal, o tipo de sujeito e a faixa etária, sendo que a única variável descartada foi o gênero. A seguir veremos, em que medida estas variáveis influenciam a presença da DNP6.

4.3.1 A Saliência Fônica

A primeira rodada feita apresenta *knockout* com relação à presença da desinência e à variável saliência fônica. Existem 13 casos de uma das formas verbais mais salientes - *veio/vieram* – os quais aparecem categoricamente com a desinência número-pessoal. Para evitarmos o *knockout*, amalgamamos os casos desta forma verbal com as do nível 6 que é caracterizado pela mudança da sílaba tônica e da raiz da forma verbal, seguida do acréscimo de duas sílabas, como em *fez/fizeram*, *teve/tiveram*. Para haver melhor equilíbrio entre os números dos dados obtidos nos níveis de saliência, amalgamamos os casos do nível 8 (36 ocorrências do tipo de oposição *foi/foram*) com os casos do nível 5 (oposição *falou/falaram*), considerando que não há mudança de acento com o acréscimo da desinência número-pessoal nas oposições desses níveis.

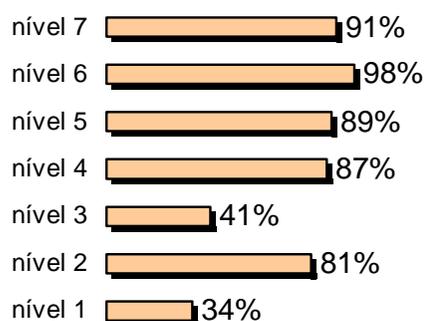
TABELA 21 – A relação entre a variável saliência fônica e a presença da DNP6: números, percentuais e pesos

Nível	Exemplo	N	%	Peso
1	fale/falem – come/comem	20/58	34	0,08
2	fala/falam – ia/iam	295/362	81	0,38
3	faz/fazem – quer/querem	22/54	41	0,15
4	dá/dão – está/estão	134/150	87	0,57
5	falou/falaram – comeu/comeram	205/231	89	0,64
6	fez/fizeram – teve/tiveram	50/51	98	0,90
7	é/são	109/120	91	0,73

Input 0,88

A tabela 21 exhibe a relação entre a variável saliência fônica do verbo e a presença da desinência de 3ª pessoa do plural. Numa primeira análise, os percentuais e os pesos relativos revelam que a hierarquia de saliência fônica não é linearmente respeitada, pois não há uma seqüência progressiva de aumento do uso da desinência plural à medida que os níveis apresentam as formas verbais mais salientes. A princípio, os resultados dos dois primeiros níveis concordam com a proposta da ordem hierárquica dos níveis ao apresentar um aumento de percentuais e de pesos relativos, ainda que a diferença numérica seja bem alta, pois o primeiro nível (o nível mais baixo de saliência) tem 34% - 0,08 de uso da desinência, enquanto o segundo tem 81% - 0,38. Contrariando a expectativa, no terceiro nível ocorre um decréscimo dos números, 41% - 0,15, mas isso pode ser em decorrência do menor número de dados. A seguir, há uma subida brusca dos números do quarto nível que ficam em 87% - 0,57. No quinto e no sexto níveis, há um movimento crescente do emprego da desinência de 89% - 0,64 e 98% - 0,90 respectivamente, que sofre uma queda para 91% - 0,73 no último grupo, justamente o que se caracteriza pela maior diferença entre as formas verbais do singular e do plural. O gráfico 8 demonstra mais claramente as oscilações dos resultados encontrados:

GRÁFICO 8 – A relação entre a variável saliência fônica e a presença da DNP6 em percentuais



Em seguida, apresentamos os resultados relativos ao emprego da DNP6 e a saliência fônica, considerando uma rodada com as três faixas etárias juntas e outras três rodadas feitas com jovens, adultos e velhos separadamente. Na tabela 22, aparecem os percentuais e os pesos relativos que mostram em que medida a DNP6 é empregada de acordo com o aumento da saliência fônica em cada faixa etária.

TABELA 22 – A relação entre a variável saliência fônica e o emprego da DNP6 por faixas etárias

Nível	Exemplo	jovens/adultos/velhos			jovens			adultos			velhos		
		N	%	P	N	%	P	N	%	P	N	%	P
1	Fale/falem – come/comem	20/58	34	0,08	11/21	52	0,15	9/30	30	0,06	0/7	0	*
2	Fala/falam – ia/iam	295/362	81	0,38	68/75	91	0,60	99/119	83	0,52	126/166	76	0,40
3	Faz/fazem – quer/querem	22/54	41	0,15	7/18	39	0,07	12/25	48	0,12	3/11	27	0,05
4	Dá/dão – está/estão	104/119	87	0,57	15/17	88	0,51	49/53	92	0,75	40/50	80	0,62
5	Falou/falaram – comeu/comeram	205/231	89	0,64	43/48	90	0,57	51/56	91	0,75	111/127	87	0,67
6	Fez/fizeram – teve/tiveram	50/51	98	0,90	11/12	92	0,63	17/17	100	*	22/22	100	*
7	é/são	109/120	91	0,73	33/36	92	0,71	45/45	100	*	31/39	79	0,39
	Input			0,88			0,87			0,85			0,82

* As ocorrências referentes a estes níveis não puderam ser rodadas no IVARB2000 devido ao emprego de concordância em 100% ou em 0% dos casos.

A tabela 22 apresenta os resultados da relação entre a variável saliência fônica e a concordância verbal, levando em consideração as faixas etárias. Podemos perceber que há uma oscilação de emprego da DNP6 entre as três faixas, das quais o grupo dos jovens inicialmente apresenta maior probabilidade de concordar verbo e sujeito nos dois primeiros níveis, com os pesos relativos de 0,15 e 0,60. Nos demais níveis, os adultos favorecem mais a concordância com os pesos relativos de 0,12, 0,75, 0,75 para o terceiro, para o quarto e para o quinto níveis, respectivamente, bem como 100% de aplicação da desinência nos dois últimos níveis. Também vale observar que os velhos possuem pesos mais altos do que os jovens nos níveis 4, 5 e 6, o que, juntamente com os resultados dos adultos, parece mostrar que a saliência fônica não atua na aquisição/uso da concordância pelo grupo dos mais jovens. Mas não podemos esquecer que são poucos os dados deste grupo, de modo que esta avaliação preliminar precisaria ser novamente testada, com uma amostra maior de jovens. De qualquer maneira, é importante destacar que, de modo geral e considerando as limitações amostrais, há, em todas as faixas etárias, uso ascendente da desinência, conforme aumenta a saliência.

Optamos por fazer amalgamações dos níveis de saliência fônica na tentativa de verificar se a redefinição dos graus pode trazer resultados que indiquem a existência da relação entre presença da concordância e a gradação das formas segundo sua saliência. Os resultados dos níveis 4 e 5 apresentam pouca diferença quantitativa – conforme tabela 21 (87% - 0,57 e 89% - 0,64 respectivamente), além de compartilhar uma característica comum aos dois grupos: os verbos mantêm a mesma posição do acento nas formas verbais

do singular e do plural (nível 4 - *está/estão* e nível 5 - *falou/falaram*). Esses fatores motivam a amalgamação dos dois níveis, que é sustentada pelo teste de significância estatística qui-quadrado, uma vez que constatamos que a diferença dos resultados de ambos não é significativa. O mesmo ocorre com os níveis 6 e 7, que possuem os verbos com as oposições verbais entre singular e plural mais salientes e se distinguem dos demais níveis – o primeiro por haver a mudança da posição do acento dos verbos (*fez/fizeram*) e o segundo pela completa distinção das duas formas (*é/são*). Entre os níveis 4 e 5, verificamos que não existe diferença estatisticamente significativa, por isso, também é necessária a amalgamação.

TABELA 23 – A relação entre a variável saliência fônica com níveis amalgamados e a presença da DNP6 nos dados de São Miguel dos Pretos

Nível	Exemplo	N	%	Peso
1	fale/falem – come/comem	20/58	34	0,10
2	fala/falam – ia/iam	295/362	81	0,42
3	faz/fazem – quer/querem	22/54	41	0,17
4+5	dá/dão – está/estão + falou/falaram – comeu/comeram	309/351	88	0,58
6+7	fez/fizeram – teve/tiveram + é/são	159/171	93	0,79

Input 0,87

O reagrupamento dos níveis proporciona a obtenção do resultado esperado que aparece na tabela 23. A nova organização das formas verbais exhibe o aumento da concordância verbal de acordo com o aumento do grau de saliência fônica de forma mais equilibrada. Os números estão dispostos assim: o nível 1 – 34% e 0,10; o nível 2 – 81% e 0,42; o nível 3 – 41 e 0,17; os níveis 4 e 5 – 88% e 0,58; os níveis 6 e 7 – 93% e 0,79. A queda não esperada no terceiro nível pode ser decorrente da pouca quantidade de ocorrências neste contexto. Reafirmamos que, de modo geral, os resultados confirmam a expectativa de haver relação entre a escala proposta e o aumento de concordância entre o sujeito e o verbo.

Os poucos estudos sobre comunidades negras aos quais tivemos acesso não tratam da concordância verbal ou não levam em consideração a escala de saliência fônica conforme a que adotamos. Em virtude disso, comparamos os resultados obtidos em São Miguel com os resultados encontrados em pesquisas feitas em comunidades urbanas. Além disso, o perfil histórico-social de São Miguel se mostra diferente das demais comunidades quilombolas, uma vez que a comunidade gaúcha não é isolada (e nunca foi) e tem acesso ao ensino fundamental desde 1960. Assim faz sentido comparar seus resultados com os das comunidades urbanas porque pensamos que o processo de mudança pelo qual a variedade urbana e a variedade de São Miguel passam, indica que pelo menos parte de seus falantes estão adquirindo a concordância verbal.

Na tabela 24, temos um panorama dos resultados referentes ao emprego da DNP6 e a saliência fônica em cinco diferentes estudos: no Rio de Janeiro, com falantes analfabetos do MOBREAL (1977); novamente no Rio de Janeiro, com falantes analfabetos do MOBREAL (1981); em Missal, com falantes bilíngües de alemão e de português da comunidade rural (2000); em Florianópolis, com falantes escolarizados (2002); e em São Miguel dos Pretos (2005), com remanescentes de quilombo. Estes trabalhos nos permitem identificar que há menos concordância nos primeiros níveis e que há uma tendência de aumentar seu emprego na seqüência da escala.

TABELA 24 – A relação entre a variável saliência fônica e o emprego da DNP6 em diferentes pesquisas: percentuais e pesos relativos

Nível	Exemplo	Rio de Janeiro (Lemle & Naro, 1977)		Rio de Janeiro (Guy, 1981)		Missal (Jung, 2000)		Florianópolis (Monguilhott & Coelho, 2002)		São Miguel (2005)	
		%	Peso	%	Peso	%	Peso	%	Peso	%	Peso
1	fale/falem – come/comem	14	0,06	14	0,15	80 ¹	0,34 ¹	25	0,02	34	0,08
2	fala/falam – ia/iam	30	0,17	26	0,28	-	-	80	0,46	81	0,38
3	faz/fazem – quer/querem	43	0,27	30	0,29	92	0,55	66	0,13	41	0,15
4	dá/dão – está/estão	65	0,58	63	0,69	95	0,68	96	0,88	87	0,57
5	falou/falaram – comeu/comeram	81³	0,80³	66 ⁴	0,76 ⁴	93	0,61	83⁴	0,65⁴	89	0,64
6	fez/fizeram – teve/tiveram	88	0,83	76	0,84	96 ²	0,81 ²	90 ²	0,75 ²	98	0,90
7	é/são	82	0,81	-	-	-	-	-	-	91	0,73

1 Resultados referentes as oposições *come/comem* e *fala/falam* que estão no 1º nível para Jung.

2 Resultados incluem a oposição *é/são*.

3 Lemle e Naro apresentam o resultado da oposição *foi/foram* separadamente: 72% - 0,69.

4 Neste nível, as autoras consideram as oposições com *acréscimos de segmento sem mudanças vocálicas na forma plural* (Monguilhott & Coelho, 2002:194).

5 O autor inclui as oposições *falou/falaram* e *é/são* neste nível.

Podemos perceber que há algumas oscilações numéricas que quebram a hierarquia proposta, porém, isto pode estar associado ao fato de haver pouca quantidade de dados naquele grupo de oposições verbais. Este é o caso do nível 3 de São Miguel, que conta com 54 ocorrências para este nível, das quais 22 aparecem com a DNP6. No mesmo nível, decai o percentual e o peso relativo em Florianópolis e, em seguida, os valores sofrem um aumento brusco no nível 4. Neste caso, em que há 103 ocorrências e 68 delas com concordância, talvez existam outras razões para o rompimento da ordem, as quais só poderiam ser explicadas mediante uma análise mais detalhada dos dados.

Por fim, o último nível da gradação, o mais saliente, não obtém os valores mais altos de concordância na amostra de São Miguel e do Rio de Janeiro (1977). Apesar de algumas diferenças numéricas entre os níveis, é possível sustentar a hipótese de que a presença de concordância verbal é proporcional ao grau de saliência fônica, uma vez que os primeiros níveis, com oposições menos salientes, apresentam menor incidência de

concordância, enquanto os últimos níveis, com oposições mais salientes, são mais propensos à aplicação da regra em questão.

4.3.2 A Posição do Sujeito

Sobre a variável posição do sujeito com relação ao verbo, verificamos que os sujeitos que antecedem o verbo aparecem com a desinência de plural em 83% dos casos. Lemle e Naro (1977: 44), Nina (1980: 130), Naro (1981: 80), Bortoni-Ricardo (1985: 205) e Silva (2003: 165) também mostram que o sujeito posicionado antes do verbo tende a propiciar a concordância verbal de acordo com os resultados que seguem: 49%, 43%, 49%, 32%, e 14%⁴². Mas o resultado da comunidade negra de São Miguel está mais próximo aos 88% (0,55) de concordância encontrados no estudo de Jung (2000: 31) sobre a variedade falada em Missal e aos 84% (0,58) de aplicação da regra na amostra urbana de Florianópolis de Monguilhott & Coelho (2002: 198) para esta posição.

TABELA 25 – A relação entre a variável posição do sujeito e a presença da DNP6 em São Miguel dos Pretos: números, percentuais e pesos

Posição do Sujeito	N/Total	%	Peso
Anteposto	464/559	83	0,56
Anteposto com material	4/7	57	0,56
Posposto	36/70	51	0,13
Input 0,87			

Não existe diferença entre os pesos relativos do sujeito anteposto sem a intervenção de nenhuma palavra e o sujeito anteposto seguido de material interveniente (0,56). Como existem apenas 7 ocorrências de anteposição não imediata ao verbo, amalgamamos os dois

⁴² Vale lembrar que estes percentuais obtidos nos trabalhos citados são bem menores dos que os encontrados em São Miguel, porque o índice de concordância geral de 3ª pessoa do plural na comunidade estudada aqui também é mais alto – 80%.

tipos de sujeitos para equilibrar a quantidade de dados, e continuamos com o mesmo percentual para a posição anteposta (83%) e com o mesmo peso relativo (0,56).

TABELA 26 – A relação entre a variável posição do sujeito (sujeitos antepostos amalgamados) e a presença da DNP6 em São Miguel dos Pretos: números, percentuais e pesos

Posição do Sujeito	N/Total	%	Peso
Anteposto (com e sem material)	468/566	83	0,56
Posposto	36/70	51	0,13

Input 0,87

O sujeito posposto conta com a frequência mais baixa em relação às outras posições: 51% e peso relativo de 0,13, novamente valores muito aproximados aos de Monguilhott & Coelho - 52% e 0,17. Baixos percentuais de concordância com relação à posição do sujeito também aparecem em Lemle e Naro - 23%, em Bortoni-Ricardo - 25%, Jung - 39% e em Silva - 11%. O resultado referente à relação da posposição do sujeito e da falta de concordância é, de fato, muito comum e mostra que os falantes de São Miguel não diferem dos falantes de outras comunidades a este respeito.

4.3.3 O Tempo Verbal

A variável tempo verbal está subdividida em diversos fatores (cf. Metodologia), por isso, precisamos tomar algumas medidas a fim de eliminar os *knockouts* e o desequilíbrio de número de dados existente nos tempos verbais que são mais raros na fala dos informantes, tais como os tempos do modo subjuntivo. O reagrupamento dos fatores considera as formas sintéticas e analíticas dos verbos que estão organizados da seguinte maneira: 1. presente do indicativo, 2. pretérito perfeito do indicativo, 3. pretérito

imperfeito do indicativo e futuro do pretérito, 4. tempos do subjuntivo - presente, futuro, pretérito imperfeito e 5. infinitivo pessoal.

TABELA 27 – A relação entre a variável tempo verbal e a presença da DNP6 em São Miguel dos Pretos: números, percentuais e pesos

Tempo verbal	N/Total	%	Peso
1. presente do indicativo	398/479	83	0,50
2. pretérito perfeito do indicativo	254/281	90	0,52
3. pretérito imperfeito + futuro do pretérito do indicativo	170/215	79	0,60
4. subjuntivo: presente, futuro, pretérito imperfeito	10/24	42	0,27
5. infinitivo pessoal	2/23	9	0,02

Input 0,88

Os tempos verbais do modo indicativo são contextos mais propícios para o uso da desinência de 3ª pessoa do plural: o presente - 83% e peso relativo de 0,50, o pretérito perfeito - 90% e peso relativo de 0,52, a amalgamação do pretérito imperfeito + o futuro do pretérito - 79% e peso relativo de 0,60. De acordo com os percentuais encontrados por Costa (1990: 128)⁴³, o pretérito perfeito é o tempo verbal que mais favorece o emprego de concordância com 98,1%. Em segundo lugar, fica o presente com 95,5%, seguido pelo pretérito imperfeito com 87,8%. Com base nos seus resultados, levantamos a hipótese de que os contextos com verbos no pretérito perfeito do indicativo seriam mais propícios para a presença da DNP6. No entanto, apesar dos alto percentual encontrado em São Miguel para este tempo verbal (90%), o pretérito imperfeito aparece com maior peso relativo.

O percentual e o peso relativo baixos em contextos com o infinitivo pessoal (9% e 0,02) indicam sua menor probabilidade de desencadear o uso do sufixo, o que é esperado porque existe uma tendência de haver o apagamento da desinência neste tipo de “tempo” verbal (Mathias, 2003). Por outro lado, no que se refere ao modo subjuntivo, existe a expectativa de que seus tempos verbais ocorram em discursos mais cuidados e, por isso, exista mais chance de terem a desinência. No entanto, os tempos do subjuntivo desfavorecem o uso do sufixo de acordo com o percentual de 42% e o peso relativo de 0,27 encontrados na rodada. A observação das ocorrências sem concordância em contextos de

⁴³ A autora inclui a 2ª e a 3ª pessoas do plural nos seus resultados.

verbos do subjuntivo indica que a posposição do sujeito e o nível da saliência fônica com oposições menos salientes (nível 1) podem ter sido fatores desfavoráveis à presença da DNP6. Isto pode ser visto nos exemplos abaixo:

Se não **FOSSE MEUS PAIS**, eu ia dormi lá até. (Renata - 03312)

O bom seria que **VIESSE TODOS**, né. (Rogério - 233515)

ou se **ELES FOSSE** (Adroaldo - 0143)

A mulher do Tio João Otávio ali queria que **ELES LOTEASSE** esse pedaço. (Cláudio - 090130)

4.3.4 A Conjugação Verbal

Esta variável revela que a primeira conjugação possui a característica de favorecer mais o uso da DNP6 com um peso relativo de 0,60 e percentual de 86%. A segunda e a terceira conjugações desfavorecem a ocorrência do sufixo, uma vez que seus pesos relativos são bem inferiores, respectivamente 0,40 e 0,42 (77% e 79%, na mesma ordem).

TABELA 28 – A relação entre a variável conjugação verbal e a presença da DNP6 em São Miguel dos Pretos: números, percentuais e pesos

Conjugação verbal	N/Total	%	Peso
Primeira	421/492	86	0,60
Segunda	288/375	77	0,40
Terceira	126/159	79	0,42
			Input 0,87

2ª conjugação

ELES DIZ que tem (Arlindo - 180410)

Lá **ELES SABE** direitinho. (Elba - 0110117)

3ª conjugação

Só que lá **ELES CONSEGUE** serviço. (Adroaldo - 0234)
 No papel tem 3 hectares **QUE FOI VENDIDO** pro Edmundo Bischoff.
 (Zaida - 0090616)

Até o momento, não encontramos uma razão para este resultado. Conforme mencionado no capítulo 2, seção 4.2.4, não temos nenhuma expectativa pré-definida a respeito da relação da conjugação verbal com a presença da desinência de 3ª pessoa do plural. No entanto, levando em consideração que a sua inclusão tem um caráter exploratório, procuramos averiguar até que ponto há alguma associação entre a variável em questão, o tempo verbal e o uso da desinência.

TABELA 29 – O cruzamento das variáveis conjugação e tempo verbal em relação à presença da DNP6 em São Miguel dos Pretos: números e percentuais

Tempo verbal	1ª conjugação		2ª conjugação		3ª conjugação	
	N	%	N	%	N	%
Pretérito perfeito	134/146	92	67/75	89	53/60	88
Pretérito imperfeito + futuro do pretérito	72/83	87	82/114	72	16/18	89
Presente	206/233	88	136/172	79	26/43	60
Presente, futuro, pretérito imper. do subjuntivo + infinitivo pessoal	8/26	31	3/14	21	1/7	14

Com concordância

... porque amanhã **OS NOSSOS FILHOS, OS NOSSOS BISNETOS VÃO TER** problema (Emília - 130209)

VÃO LEVAR outro sobrenome. (Adão - 0681016)

Como é que **ELES VÃO TER** papel da terra... (Arlindo - 240410)

Sem concordância

... e daqui **ELES SAI** liberto. (Elba - 0420417)

... alguns biscate **QUE SURGE** aí, né. (Júlio - 6206)

ELES TIRA aquelas... (Mirna - 430427)

Com a busca dos exemplos acima, percebemos que a concordância tende a aparecer em contexto da perífrase do verbo *ir* no presente (*vão*) + um verbo no infinitivo. Para maior compreensão da relação entre concordância, conjugação e tempo verbal, é necessário um estudo mais amplo e aprofundado, inclusive com outras amostras, vendo se alguns verbos em particular estão provocando este efeito.

4.3.5 O Tipo de Sujeito

Os tipos de sujeito encontrados nos dados são sintagma nominal, pronome reto, pronome indefinido, pronome relativo, pronome demonstrativo, numeral, sujeito apagado e plural ideológico (cf. seção 4.3.5). Existem poucas ocorrências de sujeitos expressos por numerais e por pronomes demonstrativos e indefinidos, por isso, eles são amalgamados com os sujeitos do tipo sintagma nominal, com a finalidade de equilibrar o número de dados dos fatores desta variável. O tipo de sujeito plural ideológico ocorre 7 vezes no discurso dos informantes, conforme vemos em alguns exemplos abaixo:

Mas assim nos lugares assim para fora que **O PESSOAL VÃO** assim, Paraíso, Santa Maria... (Renata - 01510)

Aqui nessa comunidade, **A MAIORIA SÃO** meus parentes (Renata - 02411)

Mas **TODO MUNDO PERCURU** ela (Júlio - 5005)

As ocorrências deste tipo são excluídas da análise porque não foram considerados os casos em que os sujeitos chamados de plural ideológico aparecem com o verbo no singular, como em *o pessoal vai, a maioria é, todo mundo procura*. Além disso, também o sujeito oracional fica de fora da análise pelo fato de haver apenas um caso deste tipo.⁴⁴

⁴⁴ QUEM TEM OS PAPÉIS DA TERRA SÃO meus primo (ELE - 0090117).

Com base nos resultados da tabela 30, a nossa hipótese se confirma: o sujeito expresso por pronome pessoal reto favorece a concordância verbal. A rodada dos dados revela que os falantes empregam a desinência número-pessoal em 84% dos casos em que o sujeito é o pronome reto. Resultado parecido aparece em Monguilhott & Coelho (2002: 210), que apresentam os contextos de sujeitos expressos por pronome pessoal + pronome demonstrativo com 88% (0,59) de incidência de concordância entre verbo e sujeito. Este resultado pode ser associado ao fato destes tipos de sujeito estarem freqüentemente antes do verbo, portanto, existe a sobreposição de forças que implica no favorecimento da concordância.

TABELA 30 – A relação entre a variável tipo de sujeito e a presença da DNP6 em São Miguel dos Pretos: números, percentuais e pesos

Tipo de sujeito	N/Total	%	Peso
Pronome reto	207/245	84	0,60
Pronome relativo	119/147	81	0,34
Apagado	330/389	85	0,54
Sintagma nominal + numeral + pronomes demonstrativo e indefinido	179/245	73	0,44

Input 0,87

Pronome relativo

... e esses dois **QUE FALECEU**. (Neli - 095)

Teve uns quantos **QUE FOI** pro hospital. (Vanda - 0540917)

...três irmão **QUE MORA** ali em cima. (João - 163)

Apagado

Eu não sei porque que eles faz essa moda de arrastão, não sei o quê, **FAZ** uns arrastão de madeira. (Renata - 04915)

Eles vão pra lá e **VOLTA** de novo. (Adroaldo - 062)

Aí que elas faziam, **FAZIA** e eu ficava esperando. (Adão - 1091316)

Apesar do sujeito apagado obter o percentual maior, seu peso relativo de 0,54 é inferior ao do pronome reto que é 0,60, logo, é o segundo tipo de sujeito que mais favorece a ocorrência da DNP6. De um ponto de vista funcional, o sujeito apagado é o tipo de sujeito mais favorável ao uso da concordância uma vez que a falta de informação sobre número no sujeito deve ser compensada com a presença da desinência no verbo. É o que se observa nos trabalhos de Lemle & Naro (1977: 44) com 54% e 0,65 de peso relativo, Naro (1981: 80) com 50% e peso relativo de 0,65, Bortoni-Ricardo (1985: 205) com 48%,

Rodrigues (1992: 159-60) com 52% e 0,62 de peso relativo, Silva (2003: 165) com 27%. Em Nina (1980: 130) e Jung (2000: 31), a aplicação da flexão número-pessoal quando o sujeito está suprimido chega a números ainda mais altos: 100% e 97%, nesta ordem.

4.3.6 A Faixa Etária

Em conseqüência da oportunidade de participarem do ensino formal, existe a tendência dos jovens apresentarem percentuais maiores de concordância, como podemos presenciar nos resultados de Nina (1980: 138) - 61%, de Bortoni-Ricardo (1985: 205) - 64% e de Silva (2003: 174) - 22 % (0,62 de peso). Em nosso estudo, mesmo com a pouca diferença percentual entre jovens e adultos 83% e 82%, nesta ordem, o peso relativo de 0,64 indica que há maior probabilidade dos jovens usarem a desinênciade plural do que os adultos, com peso bem menor, de 0,56. O fato desses adultos representarem a porção da comunidade que está profissionalmente ativa ou que, de alguma maneira, está em contato com as variantes padrão de concordância faz com que seus números estejam mais próximos aos dos jovens e sejam mais altos do que o percentual dos adultos da Micro-Região Bragantina pesquisados por Nina, com seus 42%; de Brazlândia por Bortoni-Ricardo, com seus 27%; e das comunidades quilombolas de Helvécia, Rio de Contas e Cinzento por Silva, com seus 14% (0,48) de concordância.

Ainda que os falantes velhos da amostra de São Miguel empreguem menos a desinênciade ao compararmos com as outras faixas etárias, quando a usam em 79% dos casos, mostram que este percentual é bem maior do que aqueles encontrados na fala dos velhos do trabalho de Nina - 33%, Bortoni - 48% e Silva - 10% (0,36 de peso relativo), e é mais próximo do percentual do grupo dos velhos de Jung (2000: 39) – 86% (0,51 de peso relativo). Este comportamento pode ser compreendido se levarmos em consideração que as pessoas velhas da nossa amostra também possuem atividades que propiciam o contato com

a variedade em que há mais concordância. Por exemplo, alguns participam ou participaram da Associação Vovô Geraldo, a qual representa os interesses dos membros da comunidade dentro e fora dela e, por eles estarem envolvidos com a busca de melhorias para o lugar ou por lidarem com a antiga requisição da legalização da posse das terras, precisam ir até a zona urbana.

TABELA 31 – A relação entre a variável faixa etária e a presença da DNP6 em São Miguel dos Pretos: números, percentuais e pesos

Faixa Etária	N/Total	%	Peso
Jovens	193/232	83	0,64
Adultos	297/360	82	0,56
Velhos	345/434	79	0,38

Input 0,87

Diferentemente dos resultados de Naro (1981: 82) que constata maior probabilidade de aplicação da regra (47,5% e com 0,58 de peso relativo) para os falantes mais velhos e, em conseqüência, defende a perda das desinências no português falado, observamos um efeito contrário com base nos resultados encontrados nas comunidades supra citadas e em São Miguel. A disposição gradual dos pesos relativos na tabela 31, com 0,38 para os velhos, 0,56 para os adultos e 0,64 para os jovens, sustenta a hipótese de que a comunidade negra está adquirindo a concordância verbal.

4.3.7 O Gênero

O gênero foi a única variável descartada pelo programa IVARB 2000, por conseguinte, a sua influência, assim como definida a variável, é irrelevante para a aplicação da concordância. Como podemos ver na tabela 32, os índices de emprego da DNP6 são valores aproximados tanto para homens (81%) quanto para mulheres (82%).

Com números parecidos, Jung (2000: 40) verifica que a variável gênero não revela importância do papel masculino ou do papel feminino para o fenômeno em estudo, uma vez que homens apresentam 86% e mulheres 87% (percentuais na ordem em que são citados os trabalhos). Assim ocorre com os estudos de Guy (1981: 269), Naro (1981: 82) e Rodrigues (1992: 167), cujos índices de aplicação da regra de concordância de homens (43%, 47% e 72%) e de mulheres (44%, 48% e 70%) são muito próximos e não refletem diferença relevante de uso da concordância entre os sexos.

TABELA 32 – A relação entre a variável gênero e a presença da DNP6 em São Miguel dos Pretos: números e percentuais

Gênero	N/Total	%
Homens	453/560	81
Mulheres	382/466	82

Este resultado equilibrado faz com que refutemos a hipótese de que, em São Miguel, os homens empregam mais a desinência do que as mulheres, como em Bortoni (1985: 205) e em Silva (2003: 180), que apresentam maiores índices de concordância para os homens - 66% e 19% - do que para as mulheres - 42% e 13%. O percentual mais alto para o gênero masculino naqueles estudos é justificado pelo fato do seu trabalho ser feito muitas vezes fora da comunidade, onde é mais propício o contato com variedades lingüísticas cuja incidência de concordância seja maior.

Para melhor compreensão da relação entre concordância verbal e gênero, é importante que haja uma análise mais detalhada a respeito do papel social de homens e de mulheres em São Miguel dos Pretos. Além disso, há necessidade de ter uma amostra mais completa e equilibrada, que pudesse contar com um número maior de informantes jovens.

5. Considerações Finais

A oportunidade de conhecer os aspectos históricos, sociais, econômicos e culturais da comunidade de remanescentes de quilombo através do Relatório Histórico-Antropológico da Comunidade de São Miguel e das entrevistas gravadas com os moradores locais foi fundamental para desencadear o desenvolvimento deste trabalho. A partir disso, podemos levantar as questões lingüísticas que foram investigadas, trazendo à tona o uso da linguagem, que é mais um aspecto relevante para ampliar o conhecimento sobre a realidade de São Miguel.

Com o intuito de contribuir para a discussão sobre o português do Brasil, uma das questões suscitadas é a de averiguar se a realidade lingüística da comunidade apresenta características distintas de outras comunidades já estudadas (urbanas, rurais, “rurbanas” e quilombolas), observando todo o rol de conhecimento sobre o lugar e sobre os seus moradores. Por analisarmos uma comunidade de falantes descendentes de escravos, deparamo-nos com a questão da origem do português popular e com os fenômenos lingüísticos - como é o caso da falta da concordância - que fazem alguns estudiosos crerem nos processos de criouliização e de descriouliização das variedades lingüísticas do português do Brasil. Assim optamos por estudar a concordância verbal de 1^a, 2^a e 3^a pessoas do plural, pois este é um fenômeno muito discutido nos trabalhos já publicados em várias

comunidades, inclusive quilombolas, portanto, poderíamos comparar os resultados mais facilmente.

Para a execução da pesquisa, contamos com a gravação das entrevistas feitas com os moradores pela equipe de pesquisa responsável pelo **Relatório Histórico-Antropológico da Comunidade de São Miguel**. Dos 24 informantes selecionados para o nosso trabalho, existem dois homens e duas mulheres com idades entre 15 e 24 anos, cinco homens e quatro mulheres com idades entre 40 e 64 anos e cinco homens e 6 mulheres com idades entre 65 e 90 anos. As ocorrências foram analisadas em uma perspectiva quantitativa, a partir das rodadas feitas no programa computacional VARBRUL (Cedergren & Sankoff, versão Pintzuk, 1988). Existem dois focos analisados: o emprego da concordância padrão *versus* o emprego da concordância não-padrão e a presença *versus* a ausência das desinências número-pessoais.

5.1. A Síntese dos Resultados das Análises Quantitativas

Com relação ao uso de concordância padrão, incluindo as ocorrências de *a gente*, obtivemos 39% de emprego de formas padrão contra 61% de formas não-padrão. Ao retiramos os casos de *a gente* (45% de *a gente versus* 55% de *nós*), os quais sempre concordaram com o verbo seguindo o paradigma de concordância padrão, temos o novo índice de concordância padrão, que passou para 26%, enquanto a concordância não-padrão aumentou para 74%.

Dos 74% de concordância não-padrão, existem 53% de concordância não-padrão com a redução da desinência (*nós plantamu, vocês/eles plantu*) e 21% de desinência número-pessoal zero (*nós planta, vocês/eles planta*). O resultado encontrado referente ao uso do não-padrão por desinência zero é muito menor do que os resultados apresentados por Bortoni-Ricardo (1985) na comunidade de Brazlândia, na qual há falta de concordância

em 44% das ocorrências de 1ª pessoa do plural e em 65% dos casos de 3ª pessoa do plural. Igualmente Rodrigues (1992), com seu estudo sobre a comunidade de Carombé, exhibe índices de desinência zero mais altos do que os encontrados na comunidade de São Miguel: 46% para a 1ª pessoa do plural e 71% para a 3ª pessoa do plural. Diante disso, afirmamos que a fala de São Miguel está muito mais próxima do padrão por apresentar índice relativamente baixo de ausência de desinência se compararmos com as comunidades de falantes “rurbanos” (transição entre a fala rural e a fala urbana no centro e no sudeste do país).

Apuramos que há evidências favoráveis à hipótese da aquisição das formas verbais padrão das pessoas do plural pela comunidade através das novas gerações, o que é revelado pela variável faixa etária. A variável se mostra significativa e indica que os jovens usam mais o padrão em 40% das vezes e com o peso relativo de 0,67. Em contrapartida, os velhos têm apenas 16% e peso relativo de 0,37 de ocorrências de padrão, contrastando muito com a geração mais nova, confirmando que os mais jovens favorecem muito mais o uso das formas de concordância verbal padrão do que os mais velhos da comunidade. Esta diferença pode estar associada ao fato de os mais novos terem mais contato com as formas padrão da língua e mais oportunidades de adquiri-las na escola, pois é onde a variedade padrão é exigida tanto na escrita quanto na fala.

A nossa expectativa com relação ao pronome *a gente* se confirmou: o grupo dos jovens emprega mais a forma *a gente*, com 59% das ocorrências, enquanto o grupo dos velhos obtém apenas a frequência de 34%. O aumento do uso do pronome inovador demonstra que os jovens são os responsáveis pelo avanço da mudança (geracional), uma vez que houve quase a duplicação do percentual em favor de *a gente* se compararmos com o resultado apresentado pelos velhos. Ainda ao retirarmos da rodada as ocorrências do informante Júlio (devido ao seu comportamento lingüístico diferenciado dos demais jovens, cf. seção 4.1.2), o índice de emprego da forma *a gente* pelo jovens passa de 59% para 70%, aproximando-se dos 78% encontrados para os adultos e dos 65% para os velhos no estudo de Zilles (2005), a respeito da fala urbana de Porto Alegre (RS).

A comunidade de São Miguel dos Pretos apresenta 73% de presença da DNP4, o que é um índice alto. Apesar da baixa escolaridade dos falantes de São Miguel e de Brazlândia, a frequência da comunidade gaúcha se distancia bastante dos 56% encontrados

por Bortoni-Ricardo (1985) na fala de migrantes analfabetos ou semi-analfabetos em Brasília, oriundos da zona rural. Porém, encontramos uma aproximação de resultados percentuais no trabalho feito por Zilles et al. (2000), com falantes de zonas urbanas do Rio Grande do Sul, que têm diferentes níveis de escolaridade, os quais apresentam 87% de emprego da desinênciã. Isto pode estar associado ao fato dos moradores da comunidade negra estarem em maior contato com a variedade que apresenta mais concordância, devido às atividades desenvolvidas fora da comunidade.

A variável saliência fônica foi selecionada pelo programa VARBRUL como estatisticamente significativa. Podemos observar que os resultados obtidos não seguem exatamente a gradação hierárquica proposta por Naro et al. (1999), a respeito da relação entre as formas mais salientes e a concordância. Nos três níveis iniciais, a gradação começa com peso de 0,0 e freqüência de 1% no primeiro nível (*falava/falávamos*), após há uma elevação drástica para 0,70 de peso e índice de 92% no segundo nível (*fala/falamos – trouxe/trouxemos*) - o que pode estar relacionado à predominância da presença do pronome reto *nós* na função de sujeito. Depois o peso cai para 0,29 com percentual de 76% no nível seguinte (*está/estamos – tem/temos*) - o que pode acontecer em decorrência de haver ocorrências com o infinitivo pessoal e o futuro do subjuntivo e de existir uma tendência de apagamento da desinênciã nestes contextos. O nível 4 (*comeu/comemos - vai/vamos*) apresenta o peso de 0,96 e o percentual de 96%, seguido pelo nível 5 (*falou/falamos*), que não se diferencia muito do nível anterior com 0,95 de peso e com 99% de freqüência, enquanto que o nível 6 (*é/somos*) obtém 100% (15 ocorrências) de concordância.

Para refinar a análise com relação à DNP4, fizemos a amalgamação dos níveis 4 e 5, que não resultou muita diferença na gradação dos níveis, pois os três primeiros níveis mantêm quase os mesmos números e os níveis amalgamados se mostram favoráveis à concordância verbal com o peso relativo de 0,96. Apesar das oscilações entre os resultados dos níveis iniciais, podemos verificar que existe uma tendência dos primeiros níveis desfavorecerem o emprego da DNP4, porque apresentam oposições menos salientes. Já a aplicação da concordância se mostra mais produtiva nas oposições mais salientes dos últimos níveis.

Outra variável selecionada na análise da DNP4 foi a conjugação verbal, que está inserida no nosso trabalho com a finalidade de explorar sua possível influência na

concordância verbal, sem uma hipótese pré-estabelecida. A rodada mostra que os verbos da terceira conjugação são propícios ao emprego da desinência com 84%, fato talvez motivado pela presença dos casos da perífrase *vamos* + infinitivo, os quais concordam com o sujeito categoricamente nas 55 ocorrências do total de 105 casos de verbos de terceira conjugação. É curioso que seu peso relativo seja de 0,15, o que mereceria um estudo mais aprofundado a fim de verificar se este resultado é decorrente da sobreposição de outro elemento que não tenha sido identificado por nós.

Das 1044 ocorrências referentes à 3ª pessoa do plural, 81% recebem a marca da flexão verbal de número e de pessoa através da DNP6. Ao contrário do que se esperava, este alto percentual se diferencia dos resultados encontrados nas comunidades quilombolas baianas de Rio de Contas, Helvécia e Cinzento, com os respectivos percentuais: 24%, 16% e 13%. Esta diferença de emprego da concordância tem sua explicação nas características históricas e sociais de cada comunidade. Apesar de todas terem sido reduto de ex-escravos, as comunidades baianas são marcadas pela subjugação, pelo isolamento, pela exploração e pelo abandono. Por sua vez, São Miguel surgiu a partir da iniciativa de fuga de um escravo, que contou com a ajuda de um fazendeiro bem sucedido da região para que, através da prestação de serviço, pudesse adquirir terras, juntamente com outros ex-escravos. Também outro diferencial entre a comunidade gaúcha e as baianas é o constante contato dos membros da comunidade com as fazendas vizinhas e com a zona urbana do município de Restinga Seca, facilitando o acesso às variedades da língua possivelmente com mais concordância verbal, faladas por pessoas de outras etnias e de nível social mais alto.

Novamente a saliência fônica é uma das variáveis relevantes para o estudo da presença da desinência de 3ª pessoa do plural. Assim como acontece com relação à 1ª pessoa do plural, não há uma seqüência progressiva exata de aumento do uso da desinência plural à medida que os níveis apresentam as formas verbais mais salientes. O primeiro nível (o nível mais baixo de saliência) tem peso relativo de 0,08 e 34% de uso da desinência, enquanto o segundo apresenta uma subida drástica no percentual, de 81%, sendo de 0,38 o peso relativo. Há uma queda dos números do terceiro nível - 41% e 0,15 de peso relativo, o que pode estar relacionado com a pequena quantidade de dados. O quarto, quinto e sexto níveis apresentam aumento de concordância verbal progressivamente, com os respectivos percentuais e pesos relativos: 87% - 0,57; 89% -

0,64; 98% - 0,90. No último nível, onde se espera mais concordância, há uma redução do uso da DNP6, 91% - 0,73, ocasionando uma quebra da seqüência da escala fônica.

Com a amalgamação dos níveis 4 e 5 (*dá/dão - está/estão + falou/falaram - comeu/comeram*) e dos níveis 6 e 7 (*fez/fizeram - teve/tiveram + é/são*), obtemos uma ordem mais equilibrada entre os últimos graus de saliência: os níveis 4 e 5 - 88% e 0,58; os níveis 6 e 7 - 93% e 0,79. Já os níveis iniciais permanecem com a mesma falta de progressão contínua da escala apresentada antes: o nível 1 - 34% e 0,10; o nível 2 - 81% e 0,42; o nível 3 - 41 e 0,17. Apesar de não encontrarmos a seqüência gradativa de aumento da concordância de acordo com o aumento da saliência das oposições verbais nos dados de São Miguel, podemos perceber que os verbos dos últimos níveis favorecem a presença da DNP6 conforme a maior saliência existente entre as oposições de 3ª pessoa do singular e de 3ª pessoa do plural, de acordo com a proposta de Lemle & Naro (1977).

Na comunidade negra de São Miguel, 83% (0,56) dos casos referentes ao sujeito que antecede o verbo aparecem com a desinência de plural, resultado muito semelhante ao dos 84% (0,56) de concordância encontrados na amostra urbana de Florianópolis por Monguilhott & Coelho (2002) para esta posição. O sujeito posposto desfavorece a concordância verbal, ficando com 51% (0,13), resultado também muito parecido com aquele encontrado na fala urbana de Florianópolis - 52% e 0,17 (Monguilhott & Coelho).

O tempo verbal se mostra importante com relação ao emprego da DNP6 e a análise das rodadas indica que os verbos do modo indicativo são contextos mais propícios para o uso da desinência de 3ª pessoa do plural: presente - 83% e peso relativo de 0,50; o pretérito perfeito - 90% e peso relativo de 0,52; a amalgamação de pretérito imperfeito + futuro do pretérito - 79% e peso relativo de 0,60. Apesar de apostarmos na hipótese de que o pretérito perfeito propicia o emprego de concordância e termos encontrado 90% e 0,52 de peso relativo para este tempo, é o pretérito imperfeito que aparece com maior peso relativo - 0,60.

Seguindo a tendência de apagar a desinência quando há infinitivo pessoal, obtemos apenas 9% e 0,02 de peso relativo neste contexto. Apesar de ser esperada a presença da desinência com os tempos do subjuntivo, os poucos dados deste modo encontrados na fala dos entrevistados revelam-se desfavoráveis ao uso do sufixo, conforme indica o percentual

de 42% e o peso relativo de 0,27. A baixa probabilidade de concordância pode ser um reflexo da influência da atuação da posposição do sujeito ou do nível da saliência fônica com oposições menos salientes (nível 1) que fazem com que diminua a presença da DNP6.

Conforme nossa expectativa, o sujeito expresso por pronome pessoal reto favorece a concordância verbal. Os falantes da comunidade de São Miguel empregam a desinência número-pessoal em 84% dos casos quando o sujeito é preenchido pelo pronome reto. Isto concorda com o resultado de 88% (0,59) de incidência de concordância em Monguilhott & Coelho (2002), com sujeitos expressos por pronome pessoal + pronome demonstrativo. A respeito desses resultados, cabe lembrar que talvez o favorecimento da concordância neste contexto seja possível porque este tipo de sujeito geralmente está posicionado antes do verbo. Ainda que o percentual do sujeito apagado tenha sido alto (85%), esperávamos obter um peso relativo mais alto (0,54) para sustentar a hipótese de que este tipo de sujeito motiva a concordância verbal, conforme prevê a proposta funcional de que a falta de informação de número no sujeito deve ser compensada com a presença da desinência no verbo.

Apesar dos percentuais 83%, para jovens, e 82%, para adultos, serem muito próximos, o peso relativo de 0,64 indica que há maior probabilidade dos jovens aplicarem a regra de concordância do que os adultos, com peso bem menor, de 0,56. Isto provavelmente é decorrente da participação do jovem no ensino formal, como verificamos também nos resultados de Nina (1980) - 61%, de Bortoni-Ricardo (1985) - 64% e de Silva (2003) - 22 % (0,62 de peso). A observação do crescente aumento dos pesos relativos – 0,38 para os velhos, 0,56 para os adultos e 0,64 para os jovens, deixa claro que as novas gerações empregam mais a DNP6, o que constitui evidência favorável para a hipótese de que a comunidade negra esteja adquirindo a concordância verbal, contrapondo-se à idéia de Naro (1981), que defende a perda das desinências no português falado.

Com relação ao resultado dos adultos, destacamos que estes informantes estão expostos à variante padrão de concordância à medida que estão envolvidos profissionalmente fora da comunidade. Esta particularidade do cotidiano dos adultos da comunidade de São Miguel colabora para haver números mais próximos aos dos seus jovens e mais altos do que aqueles encontrados para os adultos em outras comunidades, como os da Micro-Região Bragantina pesquisados por Nina, com seus 42%, de Brazlândia

por Bortoni-Ricardo, com seus 27%, e das comunidades quilombolas de Helvécia, Rio de Contas e Cinzento por Silva, com seus 14% (0,48) de concordância.

5.2 A Avaliação das Hipóteses

Elaboramos dois quadros para melhor visualizarmos o total de hipóteses levantadas, mostrando para quais há evidências favoráveis e quais parecem refutadas pela análise dos dados de São Miguel dos Pretos, sobre a concordância verbal de 1^a, 2^a e 3^a pessoas do plural. O primeiro quadro apresenta as hipóteses sobre a análise da concordância padrão *versus* concordância não-padrão, sendo o segundo a respeito da presença *versus* ausência das desinências número-pessoais:

QUADRO 4 – As hipóteses sobre a concordância padrão *versus* a concordância não-padrão

Concordância padrão <i>Versus</i> concordância não-padrão	Evidências favoráveis?	Observações
1. A comunidade de São Miguel dos Pretos está adquirindo as formas verbais padrão referentes à concordância verbal de 1 ^a , 2 ^a e 3 ^a pessoas do plural.	SIM	A aquisição da concordância padrão é um caso de mudança geracional.
2. Os jovens usam mais a concordância padrão (devido à sua maior escolaridade).	SIM	Concordância padrão: Jovens – 40% - 0,67 Adultos – 29% - 0,56 Velhos – 16% - 0,37
3. Os homens apresentam mais formas padrão do que as mulheres (em virtude do seu maior contato com outras comunidades).	NÃO	Não há diferença significativa entre os dois grupos: Homens – 25% - 0,49 Mulheres – 26% - 0,51
4. Os jovens empregam mais o pronome <i>a gente</i> .	SIM	59% - jovens: um caso de mudança geracional.

QUADRO 5 – As hipóteses sobre a presença *versus* a ausência das desinências número-pessoais

Presença <i>versus</i> ausência das desinências número-pessoais	Evidências favoráveis?	Observações
1. A frequência de concordância verbal de 3ª pessoa do plural em São Miguel dos Pretos é similar às comunidades quilombolas baianas de Cinzento, Helvécia e Rio de Contas.	NÃO	São Miguel – 81% Cinzento – 13% Helvécia – 16% Rio de Contas – 24%
2. A presença de concordância verbal é proporcional ao grau de saliência fônica (quanto maior a saliência do contraste entre as formas verbais de 3ª pessoa do singular e as de 1ª ou 2ª ou 3ª pessoas do plural, maior a concordância entre sujeito e verbo).	SIM	Não existe uma progressão contínua da escala de saliência fônica, mas podemos perceber que as formas mais salientes favorecem a concordância.
3. O sujeito posicionado antes do verbo favorece a concordância entre ambos.	SIM	DNP4 – 70%* DNP6 – 83% e 0,56 de peso relativo
4. O sujeito preenchido por pronome reto favorece o emprego da DNP6, de acordo com Monguilhott & Coelho (2002).	SIM	84% e 0,60 de peso relativo
5. O sujeito apagado motiva a concordância verbal.	SIM	DNP4 – 83% * DNP6 – 85% e 0,54 de peso relativo
6. Há maior incidência da presença da DNP4 em contexto de perífrase <i>vamos</i> + infinitivo.	SIM	100% de presença da DNP4
7. Os verbos proparoxítonos desfavorecem a presença da DNP4.	SIM	Futuro do pret. – 33% Fut. do subj. + infinitivo – 4% Pret. imp. do ind. – 1% Pret. imp. do subj. – 0%
8. Há maior tendência de empregar DNP5 e DNP6 em contextos com verbos no pretérito perfeito do indicativo.	SIM	90% e 0,52 de peso relativo. Também os tempos do indicativo pret. imper. + futuro do pret. (79% e 0,60) e presente (83% e 0,50) são favoráveis.

(Continua na página seguinte.)

QUADRO 5 (continuação) – As hipóteses sobre a presença *versus* a ausência das desinências número-pessoais

9. Os jovens usam mais a DNP4 (devido à sua maior escolaridade).	NÃO	Ambos jovens e adultos apresentam índices próximos, respectivamente 77% e 79%.
10. Os jovens usam mais as desinências DNP5 e DNP6 (devido à sua maior escolaridade).	NÃO	Jovens – 83% e 0,64 Adultos – 82% e 0,56 Velhos – 79% e 0,38
11. Os homens empregam mais as DNPs do que as mulheres (em virtude do seu maior contato com outras comunidades).	NÃO	DNP4: homens 72% e mulheres 75% (cuidam da educação dos filhos) DNP6: homens 81% e mulheres 82%

* Não há peso relativo porque a variável tipo de sujeito não foi selecionada pelo programa VARBRUL, na análise da presença da DNP4.

A pesquisa sobre a concordância verbal de 1^a, 2^a e 3^a pessoas do plural em São Miguel dos Pretos fornece subsídios importantes para conhecermos a realidade lingüística da comunidade negra e, em consequência, para compararmos seus resultados com os de outras comunidades quilombolas do Brasil. O estudo da variável faixa etária é crucial para acreditarmos que esta comunidade passa por um processo de aquisição de marcas do sistema verbal, o qual se caracteriza por um caso de mudança geracional. Este processo está vinculado ao aumento da escolaridade dos moradores do local, bem como ao intenso contato com falantes de outras variedades lingüísticas. Ainda há muito o que ser investigado sobre a relação entre o gênero e a variedade falada pelos homens e pelas mulheres do local, levando em consideração o papel social de cada um deles. Justamente por estarmos conscientes a respeito da relevância deste estudo e das lacunas que não puderam ser preenchidas, elencamos as limitações encontradas em nosso trabalho, na seção seguinte.

5.3 As Limitações do Trabalho

1. A coleta de dados foi feita com a finalidade de reunir informações para a elaboração do Relatório Técnico-Científico, elaborado no âmbito da Secretaria do Trabalho, Cidadania e Assistência Social sobre a comunidade de São Miguel dos Pretos e não segue os critérios específicos para o levantamento de dados de uma pesquisa fundamentada nos moldes sociolinguísticos, que leva em consideração a duração e a qualidade das gravações, o tipo de interação (conversas entre os moradores, entrevistas feitas pelos pesquisadores, participação de outras pessoas nas entrevistas ou nas conversas, etc.) e os assuntos tratados.
2. A disparidade do número de informantes por célula social é uma questão que dificultou a análise dos dados e pode ter influenciado na sustentação das hipóteses abordadas.
3. A falta de informações mais precisas a respeito de alguns informantes impossibilitou que aprofundássemos algumas questões pertinentes. Também é necessário haver uma análise mais detalhada sobre o gênero, a qual levasse em conta o papel social dos falantes na comunidade com mais profundidade.
4. A variável escolaridade não foi incluída porque não tivemos a informação sobre o grau de instrução de todos os informantes em tempo hábil.
5. As ocorrências referentes ao pronome *a gente* poderiam ser analisadas mais exaustivamente, considerando as variáveis linguísticas pertinentes a ele.
6. Não encontramos explicação para a variável conjugação verbal ter sido selecionada pelo programa VARBRUL na análise sobre a presença de DNP4 e de DNP6, bem como para os resultados apresentados.
7. Não consideramos a variável posição do acento nos verbos, o que poderia ter ampliado a nossa pesquisa e contribuído para o entendimento da relação entre os verbos proparoxítonos e a ausência da DNP4.

8. A pouca quantidade de dados nos níveis 1, 3 e 6 pode ter impedido que a escala de saliência fônica tivesse uma seqüência crescente, conforme o esperado sobre a relação desta variável e a presença da DNP6.

9. Os sujeitos do tipo *o pessoal/a maioria*, chamados por nós de sujeitos ideológicos, poderiam ter recebido uma codificação mais detalhada. Além de codificarmos a sua presença e os casos em que os verbos concordam com a idéia de plural expressa pelo sujeito, como em *o pessoal vão*, deveríamos também considerar as ocorrências em que há a concordância do sujeito com o verbo na 3ª pessoa do plural - *o pessoal vai*.

5.4 As Questões para os Próximos Estudos

1. A relação do gênero e da concordância nominal e verbal na comunidade negra, observando as redes sociais e o papel social dos falantes.

2. A relevância da escolaridade na aquisição da variedade padrão.

3. A ampliação da amostra e da coleta de dados, incluindo também situações distintas do ponto de vista do grau de formalidade.

4. A inclusão de dados de crianças e de adolescentes, a fim de ampliar a discussão sobre a direção das mudanças aparentemente em curso.

5. O uso do pronome *a gente*.

6. A influência da conjugação e do tempo verbal na aquisição da DNP4 e da DNP6.

Referências Bibliográficas

Assis, R. M. (1988). *Variações Lingüísticas e suas Implicações no Ensino do Vernáculo: uma Abordagem Sociolingüística*. In: **Ilha do Desterro. Florianópolis**. Florianópolis: UFSC, n. 20, pp. 59-81.

Anjos, J. C. G. (2004). *A Comunidade de São Miguel*. In: **São Miguel e Rincão dos Martimianos - Ancestralidade Negra e Direitos Territoriais**. Porto Alegre: UFRGS, pp. 33-44.

_____ (2004). *Identidade Étnica e Territorialidade*. In: **São Miguel e Rincão dos Martimianos - Ancestralidade Negra e Direitos Territoriais**. Porto Alegre: UFRGS, pp. 63-118.

Anjos, J. C. G. & Lopes, D. L. (2004). *Organizações Locais e Conformação de Pleitos*. In: **São Miguel e Rincão dos Martimianos - Ancestralidade Negra e Direitos Territoriais**. Porto Alegre: UFRGS, pp. 139-150.

Anjos, J. C. G.; Almeida, L. S. & Silva, P. S. (2004). *Evidências Históricas da Territorialização*. In: **São Miguel e Rincão dos Martimianos - Ancestralidade Negra e Direitos Territoriais**. Porto Alegre: UFRGS, pp. 45-62.

Anjos, J. C. G. & Pereira, F. (2004). *Relatório Agro e Socioeconômico*. In: **São Miguel e Rincão dos Martimianos - Ancestralidade Negra e Direitos Territoriais**. Porto Alegre: UFRGS, pp. 119-138.

Baccega, M. A. (1994). **Concordância Verbal**. 2 ed. São Paulo: Ática.

Baxter, A. N. (1992). *A Contribuição das Comunidades Afro-brasileiras Isoladas para o Debate sobre a Crioulização Prévia: um Exemplo do Estado da Bahia*. In: d'Andrade, E. & Kihm, A. (orgs.) **Actas do Colóquio sobre Crioulos de Base Lexical Portuguesa**. Lisboa: Edições Colibri, pp. 7-35.

_____ (1999). **The Context of Language Acquisition and Transmission among Slaves of the Colonia Leopoldina**. (s.l.)

_____ (2000). **'Semicreolization'? - The Restructured Portuguese of the Tongas of São Tomé - a Consequence of L1 Acquisition in a Special Contact Situation**. Chicago.

Baxter, A. N., & Lucchesi, D. (1997). *A Relevância dos Processos de Pidginização e Crioulização na Formação da Língua Portuguesa no Brasil*. In: **Estudos Lingüísticos e Literários**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística, n. 19, pp. 65-84.

_____ (1999). *Un Paso más hacia la Definición del Pasado Criollo del Dialecto Afro-Brasileño de Helvécia (Bahia)*. In: Zimmermann, K. **Lenguas Criollas de Base Lexical Española y Portuguesa**. Frankfurt am Main: Vervuert, pp.119-141.

Bortoni-Ricardo, S. M. (1984). *Problemas de Comunicação Interdialetal*. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 78, pp. 9-32.

_____ (1985). **The Urbanization of Rural Dialect Speakers. A Sociolinguistic Study in Brazil**. Cambridge: Cambridge University Press.

_____ (1995). *Transmissão Geracional Irregular na História do Português Brasileiro – Divergências nas Vertentes Afro-Brasileiras*. In: **Revista Internacional de Língua Portuguesa**, n. 14, pp. 72-90.

Camacho, R. G. (1993). *Aspectos Funcionais e Estruturais da Concordância Verbal no Português Falado*. In: **Alfa**. São Paulo, n. 37, pp. 101-116.

Castilho, A. T. de (1992). *O Português do Brasil*. In: Ilari, R. **Lingüística Românica**. São Paulo: Ática, pp. 237-258.

Costa, I. B. (1990). **O Verbo na Fala de Camponeses (Um Estudo de Variação)**. Tese de Doutorado. Campinas.

Couto, H. H. do (1996). **Introdução ao Estudo das Línguas Crioulas e Pidgins**. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

Eckert, P. (2000). **Linguistic Variation as Social Practice**. Oxford: Blackwell.

Fernandes, E. A. (1999). *Nós/a gente: Variação Estável ou Mudança em Progresso?* In: Soares, M. E. & Aragão, M. S. S. (eds.), **Anais da XVI Jornada de Estudos Lingüísticos**. Fortaleza: UFCGELNE, pp. 331–334.

Ferreira, C. (1994). *Remanescentes de um Falar Crioulo Brasileiro*. In: **Diversidade do Português do Brasil: Estudos de Dialectologia Rural e Outros**. Salvador: UFBA pp.21-32.

Gregis, H. (2001). **Apagamento da Vibrante Pós-Vocálica em Porto Alegre**. Dissertação de Mestrado do Curso de Pós-Graduação em Letras. Porto Alegre: UFRGS.

Guy, G. R. (1981). **Linguistic Variation in Brazilian Portuguese: Aspects of the Phonology, Syntax, and Language History**. Pennsylvania: University of Pennsylvania. PhD dissertation.

_____ (1989). *On the Nature and Origins of Popular Brazilian Portuguese*. In: **Estudios sobre Español de América y Lingüística Afroamericana**. Bogotá: Instituto Caro y Ciervo, pp. 227-245.

_____ (2005). *A Questão da Crioulização no Português do Brasil*. In: Zilles, A.M.S. **A Variação Lingüística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: UFRGS, pp. 38.

Holm, J. (1992). Popular Brazilian Portuguese: a Semi-Creole. In: d'Andrade, E. & Kihm, A. (orgs.) **Actas do Colóquio sobre Crioulos de Base Lexical Portuguesa**. Lisboa: Edições Colibri, pp. 37-66.

Jung, N. M. (2000) **A Concordância Verbal no Português Falado (Brasileiro) no Município de Missal/PR**. Monografia.

Labov, W. (1994). **Principles of Linguistic Change: Internal Factors**. Oxford: Blackwell, v. 1.

_____ (2001). **Principles of Linguistic Change: Social Factors**. Oxford: Blackwell, v. 2.

Lemle, M. & Naro, A. J. (1977) **Competências Básicas do Português**. Rio de Janeiro: MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização).

Lucchesi, D. (1994). *Variação e Norma: Elementos para uma Caracterização Sociolingüística do Português do Brasil*. In: **Revista Internacional de Língua Portuguesa**, n. 12, pp. 17-28.

_____ (2001). *As Duas Vertentes da História Sociolinguística do Brasil (1500-2000)*. In: **Delta**, vol. 17, n. 1, pp. 97-130.

Mattoso Camara Jr., J. (1970) **Problema de Lingüística Descritiva**. Rio: Vozes.

Mello, H. R. (1997). **The Genesis and Development of Brazilian Vernacular Portuguese**. Nova Iorque: The City University of New York.

Menon, O. (1996) *A gente: um Processo de Gramaticalização*. In: **Estudos Lingüísticos XXV** (Anais de Seminários do GEL). Taubaté : UNITAU/CNPq/GEL, pp. 622-628.

Monguilhott, I. O. & Coelho, I. L. (2002). *Um Estudo da Concordância Verbal de Terceira Pessoa em Florianópolis*. In: **Variação e Mudança no Português Falado da Região Sul**. Pelotas: EDUCAT.

Naro, A. J. (1981). *The Social and Structural Dimensions of a Syntactic Change*. In: **Language**, v. 57, n. 1, pp: 63-98.

_____ (2003). *Modelos Quantitativos e Tratamento Estatístico*. In: Mollica, C & Braga, M.L. (orgs.) **Introdução à Sociolinguística: o Tratamento da Variação**. São Paulo: Contexto, pp. 15-25.

Naro, A. J. & Lemle, M. (1976). *Syntactic Diffusion*. In: Steever, S. B., Walker, C. A. & Mufwene (ed.), **Papers from the Parasession on Diachronic Syntax (CLS 12)**. Chicago: Chicago Linguistics Society, pp. 221-240.

Naro, A. J.; Görski, E. & Fernandes, E. (1999). *Change without Change*. **Language Variation and Change**. New York, v. 11, n. 2, pp. 197-211.

Naro, A. J. & Scherre, M. M. P. (2003). *Estabilidade e Mudança Lingüística em Tempo Real: a Concordância de Número*. In: Paiva, M.C. & Duarte, M. E. L. (orgs.) **Mudança Lingüística em Tempo Real**. Rio de Janeiro: Conta Capa Livraria, pp. 47-80.

Nina, T. J. C. (1980). **Concordância Nominal/Verbal do Analfabeto da Micro-Região Bragantina**. Porto Alegre: PUC. Dissertação.

Omena, N. P. (1996) *A Referência à Primeira Pessoa do Discurso no Plural* In: **Padrões Sociolinguísticos: Análise de Fenômenos Variáveis do Português Falado na Cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, pp. 183-216.

_____ (2003). *A Referência à Primeira Pessoa do Plural: Variação ou Mudança?* In: Paiva, M.C. & Duarte, M. E. L. (orgs). **Mudança Lingüística em Tempo Real**. Rio de Janeiro: Conta Capa Livraria.

Omena, N. P. & Braga, M. L. (1996). *A gente está se gramaticalizando?* In: A. T. Macedo et al. (eds.), **Variação e Discurso**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, pp. 75–83.

Paiva, M.C. & Duarte, M. E. L. (orgs) (2003). **Mudança Lingüística em Tempo Real**. Rio de Janeiro: Conta Capa Livraria.

Pintzuk, S. (1988). **Versão do Pacote Computacional VARBRUL Programs (Cedersen & Sankoff)**.

Rodrigues, A. C. S. (1992). **Língua e Contexto Sociolingüístico: Concordância Verbal no Português Popular de São Paulo**. Publicação do Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa. Araraquara: UNESP – Campus de Araraquara, n.2, pp. 153-171.

Rodrigues, A. D. (1993). *Línguas: 500 Anos de Descobertas e Perdas*. In: **Delta**, v. 9, n.1, pp. 83-103.

_____ (1996). *As Línguas Gerais Sul-Americanas*. In: **Papiá**, v. 4, n. 2, pp. 6-18.

Rodrigues, J. H. (1993). *A Vitória da Língua Portuguesa no Brasil Colonial*. In: **Humanidades**, v. 1, n. 4, pp. 21-41.

Santos, E. F. (2004). **Do Falar Quilombola à Fala Falquejada: um Estudo de Variação Estilística**. Porto Alegre: UFRGS. Dissertação de Mestrado do Curso de Pós-Graduação em Letras.

Schaf F^o, M. (2003). **Do Acusativo com Infinitivo Latino ao Nominativo com Infinitivo Português**. Florianópolis: UFSC. Tese de Doutorado do Curso de Pós-Graduação em Letras.

Seara, I. C. (2000). *A Variação do Sujeito Nós e A gente na Fala Florianopolitana*. IN: **Organon**. Porto Alegre: UFRGS, n. 14, pp.179–194.

Scherre, M. M. P. (1991). *A Concordância de Número nos Predicativos e nos Particípios Passivos*. In: **Organon**. Porto Alegre: UFRGS, v.5, n. 18, pp. 52-70.

_____ (1992). *Paralelismo Formal e Cognição*. In **Abralin**. Boletim da Associação Brasileira de Lingüística, n. 13.

_____ (1993). **Introdução ao Pacote VARBRUL para Microcomputadores**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/ Departamento de Lingüística e Filologia, UFRJ, pp. 1-56.

_____ (1996). *Pressupostos Teóricos e Suporte Quantitativo*. In: **Padrões Sociolingüísticos – Análise de Fenômenos Variáveis do Português Falado na Cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Lingüística e Filologia, UFRJ, pp. 37-50.

Scherre, M.M.P. & Naro, A.J. (2003). *Análise Quantitativa e Tópicos de Interpretação do VARBRUL*. In: Mollica, C & Braga, M.L. (orgs.) **Introdução à Sociolingüística: o Tratamento da Variação**. São Paulo: Contexto, pp. 147-177.

_____ (2001). *Sobre as Origens Estruturais do Português Brasileiro: Crioulização ou Mudança Natural?* In: **Papiá**. Brasília: Thesaurus, n. 11, pp. 40-50.

Tarallo, F. (1993). *Sobre a Alegada Origem Crioula do Português Brasileiro: Mudanças Sintáticas Aleatórias*. In: Roberts, I. & Kato, M. (orgs.) **Português Brasileiro – uma Viagem Diacrônica**. Campinas: Ed. da Unicamp, pp. 35-68.

Teyssier, P. (1997). **História da Língua Portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes.

Thomason, S. G. & T. Kaufman (1988). **Language Contact, Creolization, and Genetic Linguistics**. Berkely: University of California Press.

Zilles, A. M. S. (1999). *Algumas Características do Português do Brasil*. In: Guedes, P. C. (org.) **Ensino de Português e Cidadania**. Porto Alegre: PMPA, SMED.

_____ (2000). *A Posposição do Sujeito ao Verbo no Português Falado no Rio Grande do Sul*. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, pp. 75-96.

_____ (2002). *Grammaticalization of 'a gente' in Brazilian Portuguese*. In: **University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics**, v. 8, n. 3, pp.297–310.

_____ (2005). *The Development of a New Pronoun: The Linguistic and Social Embedding of 'a gente' in Brazilian Portuguese*. In: **Language Variation and Change**. Cambridge: Cambridge University Press, n. 17, pp. 19-53.

Zilles, A. M. S., Maya, L. Z. & Silva, K. Q. (2000). *A Concordância Verbal com Primeira Pessoa do Plural em Panambi e Porto Alegre, RS*. In: **Organon, Estudos da língua falada**. Porto Alegre: UFRGS, v. 14, n. 28/29, pp. 195-219.

APÊNDICE A – Informações sobre os Indivíduos da Amostra⁴⁵

1. Elmo (86 anos) não frequentou a escola. É agricultor e marido da Dona Mirna. Morou fora da comunidade por dez anos, em zona urbana.

2. Não existe registro da escolaridade* de Otávio (77 anos), mas tendo como base os demais moradores com idade aproximada à sua, supõe-se que ele não tenha mais do que o 2º ano do ensino fundamental. É agricultor, casado com D. Doralina que é herdeira das terras. Ele é o responsável pelo encaminhamento das questões burocráticas com relação à legalização das terras e pelo pagamento dos impostos da esposa, dos cunhados e dos sobrinhos.

3. Adroaldo (74 anos) estudou durante seis anos, mas não aprendeu a ler porque era fundamental a sua dedicação ao trabalho, como relata no trecho da sua entrevista (entrevista de Adroaldo, p. 7):

Chegava uma hora, uma e meia da tarde, enquanto neguinho chegava, estava com a enxada... o neguinho já chegava torto, por isso que nós não aprendemos a ler. Chegava do colégio para o serviço. Minha mãe botava no colégio... Eu tive seis anos de colégio. Chegava do serviço, o velho não deixava fazer as obrigações.

Prestou serviço militar em Mato Grosso e em Porto Alegre e trabalhou em uma fábrica de silos de arroz. É agricultor.

4. Adão (70 anos) estudou no MOBREAL até o equivalente ao 4º ano do ensino fundamental e ainda tem vontade de estudar mais, conforme suas próprias palavras: *Viu, se eu tivesse cinqüenta anos, eu ia fazer pelo menos o primeiro grau* (entrevista de Seu Adão e D. Zaida, p. 14). Tem o hábito de ler jornais. É agricultor. Junto com a mulher, D. Zaida,

⁴⁵ Conforme mencionado na nota de número 32, do Capítulo 3, seção 3.5.2, os informantes receberam codinomes.

foi um dos pioneiros a organizar o plantio na comunidade. O casal cria porcos e galinhas e possui horta, lavoura e engenho para fazer melado.

5. Antero (68 anos) não revela sua escolaridade na entrevista*. É agricultor e, assim como seu amigo Adroaldo, teve que se dedicar ao trabalho de lavoura desde cedo (entrevista de Antero, p.7): *Não tinha horário para trabalhar, o que comandava era o sol.*

6. Arlindo (67 anos) cuja escolaridade é desconhecida. Morou por dois anos fora da comunidade, em zona urbana. É agricultor e é casado com Joana. Tem uma plantação em sociedade com o vizinho que é descendente de alemães. Participa da Associação Vovô Geraldo.

7. Ronaldo (63 anos) tem um ano de escolaridade. Cultiva as suas próprias terras. Nunca morou fora de São Miguel, mas trabalhou em lavouras fora da comunidade por um ano. Seus filhos moram em Porto Alegre e na Região Metropolitana, assim como seus irmãos que também moram na capital, mas vêm até à comunidade, nos feriados. Gosta de ler textos religiosos.

8. João (59 anos) estudou até o 1º ano do ensino fundamental. É agricultor e trabalha desde os oito anos de idade. É um dos poucos que comercializa os produtos plantados, já contou com a ajuda do crédito rural para melhorar as condições de plantio e fez um açude para irrigar as suas plantações. Tem boas relações com o vizinho que é de origem italiana.

9. Cláudio (50 anos) estudou até o 1º ano do ensino fundamental e é agricultor. Trabalhou como pedreiro e já morou em Santa Maria, no perímetro urbano por 16 anos. É casado com Tânia.

10. Rogério (45 anos) estudou até a metade do 5^o ano do ensino fundamental e gosta muito de ler. É agricultor e assumiu a presidência da Associação Comunitária Vovô Geraldo em 2001, para a qual foi reeleito, com mandato até dezembro de 2005. Aprendeu com sua mãe, D. Elba, os benefícios das ervas medicinais. Morou fora da comunidade por seis anos. Ele viaja para vários estados do Brasil representando os remanescentes de quilombos do Estado do Rio Grande do Sul e participa do Grupo de Trabalho Interministerial (GTI) do Governo Federal.

11. Júlio (24 anos) estudou até o 7^o ano do ensino fundamental. Quando era criança, morou em Bagé, por dois anos, e em Agudo por um ano. Com 14 para 15 anos, foi para a Grande Porto Alegre tentar a carreira de jogador de futebol, onde ficou por dois anos e meio. Prestou serviço militar em Santa Maria por 3 anos, mas com a gravidez da namorada teve que deixar o exército para se casar. Trabalhou em fábrica de cerâmica em Camobi e atualmente trabalha em colheitas sazonais de fumo e de arroz e presta serviços na redondeza, como corte de cana, capina ou abate de gado nos períodos de entre-safra. É casado e a sua mulher também trabalha na colheita de fumo. Em seu discurso fica clara a sua admiração por seu pai, Rogério, que é um representante da população negra de São Miguel dentro e fora da comunidade, e por sua avó, Elba, que a líder espiritual do terreiro de Candomblé. Também expressa a sua impossibilidade de continuar seus estudos pelo fato de estar casado, portanto, tem a obrigação de sustentar sua família, e pelo fato de não existir um curso supletivo no qual tanto ele quanto sua esposa pudessem retomar a vida escolar.

12. Marcos (15 anos) cursa o 1^a ano do ensino médio. Continua estudando e trabalha na colheita de fumo durante as férias escolares. Morou em Porto Alegre até os sete anos de idade. Pretende estudar Direito e gosta de ler.

13. Mirna (84 anos) não frequentou a escola. Ela é a benzedeira e a detentora de vasto conhecimento das plantas medicinais que são plantadas e receitadas por ela para aqueles que necessitam de tratamento. Na entrevista feita, a Dona Mirna conta quais os

chás mais usados, como fazê-los e quais as suas indicações. É casada com Seu Elmo. Morou por dez anos na zona urbana e trabalhou na lavoura também por igual período.

14. Olívia (84 anos) frequentou a escola, mas não temos a informação por quantos anos. Participava da Associação Vovô Geraldo. Infelizmente, a informante já é falecida e seus parentes próximos não estão mais na comunidade, o que impossibilitou o levantamento de maiores informações.

15. Elba (68 anos) não possui escolaridade. É a responsável pelo centro de umbanda no qual exerce a função de mãe-de-santo. Como tal, encabeça os rituais da religião afro-brasileira e orienta as pessoas que procuram ajuda para solucionar problemas de saúde, de dinheiro, de relacionamento, etc. É mãe de Rogério e de Vanda. Com sete anos de idade já trabalhava carregando tijolo em uma olaria.

16. Joana (60 anos) é doméstica. Não completou o 1º ano do ensino fundamental e se considera analfabeta. Morou na zona urbana por 2 anos e sempre trabalhou na lavoura, além de ser dona de casa. É casada com Arlindo.

17. Zaida (66 anos) estudou até o 3º ano do ensino fundamental, incentiva o marido a voltar ao estudo e demonstra muita vontade de aprender mais, segundo o seu depoimento (entrevista de D. Zaida, p.14):

Eu não quero parar, eu digo “ olha patrício, nem que seja só eu, mas eu quero estudar. Porque agora eu já comecei a entender, comecei, né, a juntar as letras, porque eu conhecia as letras, mas tinha muita dificuldade para juntar, para formar palavra, né, e agora eu já sei formar palavra, eu quero aprender mais, eu quero aprender...

Participa da diretoria da Associação de Moradores Vovô Geraldo. É doméstica e agricultora. Sempre morou e trabalhou na comunidade.

18. Neli (65 anos) tem um ano de escolaridade, segundo a enquete socio-econômica feita para a elaboração do laudo. Passou pouco tempo fora da comunidade, mas sempre em zona rural. Já trabalhou na lavoura por pouco tempo e é dona de casa. Tem filhos que moram em Porto Alegre.

19. Tânia (59 anos) estudou até o 1º ano do ensino fundamental e costuma ler jornais e revistas. Morou em Santa Maria, na zona urbana, por 16 anos. Já trabalhou na função de serviços gerais e auxiliar de cozinha, atualmente é dona de casa.

20. Vanda tem 48 anos e estudou até o 8º ano do ensino fundamental. Já morou em Porto Alegre. Não trabalha mais fora.

21. Maria Emília (45 anos) não frequentou a escola. É filha do Seu Adão.

22. Sandra (+-43 anos) tem dois anos de escolaridade. É dona-de-casa e morou por 3 ou 4 anos, em Porto Alegre, depois que se casou. Dedicar-se às tarefas domésticas e ao cultivo de mandioca, milho, feijão e amendoim. Suas duas filhas estão no 3º e 4º ano do ensino fundamental, as quais recebem ajuda da mãe para a realização da lição de casa. É casada com Vanderlei que é servente de pedreiro em Porto Alegre e vai para a comunidade a cada 15 dias.

23. Laura (18 anos) cursa o 1º ano do ensino médio e gosta de ler e de escrever. Gostaria de ser escritora e é bastante eloquente. Morou por dois anos com os avós no interior de São Gabriel. Depois da aula e no período de férias, trabalha na colheita e na separação das folhas de fumo que começa em agosto e vai até março. Seus pais são agricultores, sendo que o pai trabalha na fronteira e chega a ficar 40 dias fora de casa. Quer seguir a carreira de juíza de direito.

24. Renata (17 anos) cursa o 1º ano do ensino médio. Morou em Porto Alegre até os quatro anos e depois foi morar com os avós (Aurélio e Neli) em São Miguel. Durante as férias escolares, ela visita seus pais que continuam morando na capital. O pai trabalha na construção civil como guincheiro e a mãe é dona de casa. A informante não trabalha na colheita de fumo. Gostaria de ser guia turística.

APÊNDICE B – A Presença das DNPs por Informante

TABELA 33 – A distribuição da presença das DNPs referentes às 1^a, 2^a e 3^a pessoas por informante* em São Miguel dos Pretos

Informante*	N/total	%	N/total	Informante*
Marcos	62/67	93		
		91	43/47	<i>Joana</i>
<u>Otávio</u>	73/80	91		
		90	19/21	<i>Tânia</i>
		89	16/18	<u>Olívia</u>
		88	38/43	<i>Sandra</i>
		84	65/77	<i>Vanda</i>
		82	23/28	<i>Emília</i>
		81	59/73	Renata
<i>João</i>	42/52	81		
<u>Arlindo</u>	39/49	80		
		79	79/99	Laura
		79	99/126	<u>Elba</u>
<i>Rogério</i>	157/203	77		
<i>Ronaldo</i>	75/99	76		
<u>Elmo</u>	18/24	75		
<u>Adão</u>	69/93	74		
<i>Cláudio</i>	17/23	74		
Júlio	45/62	73		
		71	93/131	<u>Zaida</u>
		69	11/16	<u>Mirna</u>
<u>Adroaldo</u>	62/91	68		
<u>Antero</u>	9/17	53		
		50	10/20	<u>Neli</u>

* Os informantes em negrito são jovens, os em itálico são adultos, os sublinhados são velhos.

APÊNDICE C – A Presença da DNP4 por Informante

TABELA 34 – A distribuição da presença da DNP4 por informante em São Miguel dos Pretos⁴⁶

Informante*	N/total	%	N/total	Informante*
		100	4/4	<u>Mirna</u>
Marcos	4/4	100		
		100	4/4	<i>Tânia</i>
<i>João</i>	16/17	94		
<u>Olício</u>	9/ 10	90		
		88	7/8	<i>Emília</i>
		84	16/19	Laura
		81	17/21	<i>Joana</i>
<i>Ronaldo</i>	15/19	79		
		78	7/9	Renata
		78	53/68	<u>Zaida</u>
		75	12/16	<i>Vanda</i>
		75	6/8	<i>Sandra</i>
<i>Rogério</i>	53/71	74		
<i>Cláudio</i>	10/14	71		
<u>Adão</u>	26/37	70		
Júlio	18/26	69		
<u>Arlindo</u>	8/13	62		
<u>Elmo</u>	5/8	63		
<u>Adroaldo</u>	9/16	56		
		50	2/4	<u>Olívia</u>
		42	8/19	<u>Elba</u>
<u>Antero</u>	3/9	33		

* Os informantes em negrito são jovens, os em itálico são adultos, os sublinhados são velhos.

⁴⁶ A informante Neli não fez referência à 1ª pessoa do plural empregando o pronome *nós* na entrevista submetida à análise.

APÊNDICE D – A Presença das DNPs 5 e 6 por Informante

TABELA 35 – A distribuição da presença das DNPs 5 e 6 por informante em São Miguel dos Pretos⁴⁷

Informante*	N/total	%	N/total	Informante*
		100	26/26	<i>Joana</i>
		100	14/14	<u>Olívia</u>
Marcos	58/63	92		
		91	32/35	<i>Sandra</i>
<u>Otávio</u>	64/70	91		
		88	15/17	<i>Tânia</i>
<u>Arlindo</u>	31/36	86		
		87	53/61	<i>Vanda</i>
		85	90/106	<u>Elba</u>
		81	52/64	Renata
<u>Elmo</u>	13/16	81		
		80	16/20	<i>Emília</i>
<i>Rogério</i>	104/132	79		
		78	63/81	Laura
<i>Cláudio</i>	7/9	78		
<u>Adão</u>	42/55	76		
Júlio	27/36	75		
<i>Ronaldo</i>	60/80	75		
<u>Antero</u>	6/8	75		
<i>João</i>	26/35	74		
<u>Adroaldo</u>	53/75	71		
		63	40/63	<u>Zaida</u>
		58	7/12	<u>Mirna</u>
		50	10/20	<u>Neli</u>

* Os informantes em negrito são jovens, os em itálico são adultos, os sublinhados são velhos.

⁴⁷ A informante Neli não fez referência à 1ª pessoa do plural empregando o pronome *nós* na entrevista submetida à análise.

APÊNDICE E – A Presença da DNP6 por Informante

TABELA 36 – A distribuição da presença da DNP6 por informante em São Miguel dos Pretos

Informante	N/total	%	N/total	Informante
		100	26/26	<i>Joana</i>
		100	11/11	<u>Olívia</u>
		93	14/15	<i>Emília</i>
Marcos	58/63	92		
		92	46/50	<i>Vanda</i>
<u>Olício</u>	61/67	91		
		90	27/30	<i>Sandra</i>
		88	15/17	<i>Tânia</i>
<u>Elmo</u>	13/15	87		
<u>Arlindo</u>	31/36	86		
		86	89/104	<u>Elba</u>
Júlio	27/33	82		
		81	51/63	Renata
<u>Adão</u>	40/50	80		
		79	61/77	Laura
<i>Cláudio</i>	7/9	78		
<i>Rogério</i>	85/110	77		
<i>João</i>	26/34	76		
<i>Ronaldo</i>	54/73	74		
<u>Adroaldo</u>	52/72	72		
<u>Antero</u>	4/6	67		
		62	32/52	<u>Zaida</u>
		58	7/12	<u>Mirna</u>
		50	10/20	<u>Neli</u>

* Os informantes em negrito são jovens, os em itálico são adultos, os sublinhados são velhos.

APÊNDICE F – A Conjugação Verbal, o Tempo Verbal e a DNP4

TABELA 37 – O cruzamento das variáveis conjugação verbal e tempo verbal em relação à presença da DNP4 em São Miguel dos Pretos: números e percentuais

	Primeira		Segunda		Terceira	
	N/T	%	N/T	%	N/T	%
Presente do ind.	34/60	57	71/87	82	7/11	64
Pretérito perf. do ind.	75/79	95	26/26	100	26/31	84
Pretérito imp. do ind.	1/41	2	0/27	0	0/8	0
Futuro do pretérito	0/1	0	0/2	0	0/0	0
Perífrase com <i>vamos</i>	0/0	0	0/0	0	55/55	100
Presente do subj.	0/0	0	2/2	100	0/0	0
Pretérito do subj.	0/2	0	0/2	0	0/0	0
Futuro do subj.	0/16	0	1/11	9	0/9	0

APÊNDICE G – A Saliência Fônica, o Tempo Verbal e a DNP4

TABELA 38 – O cruzamento das variáveis saliência fônica e tempo verbal em relação à presença da DNP4 em São Miguel dos Pretos: números, percentuais

	1	2	3	4 + 5	6
Pretérito perfeito	*	8/8=100%	5/5=100%	114/123=93%	*
Pretérito imperfeito	1/76=1%	*	*	*	*
Futuro do pretérito	0/3=0%	*	*	*	*
Presente do indicativo	0/3=0%	26/52=50%	62/77=81%	9/10=90%	15/15=100%
Perífrase de vamos + verbo	*	*	*	55/55=100%	*
Futuro do subjuntivo	*	0/3=0%	1/33=3%	*	*
Presente do subjuntivo	*	2/2=100%	*	*	*
Pretérito imperfeito do subjuntivo	0/4=0%	*	*	*	*

* Não houve ocorrências nestes contextos.

APÊNDICE H – Quadro Sinóptico sobre a Concordância Verbal

QUADRO 6 - Quadro sinóptico dos trabalhos sobre a concordância verbal de 1^a, 2^a e 3^a pessoas do plural citados no capítulo Referencial Teórico

Autor	Local	Características	Variáveis ⁴⁸	Escolaridade ⁴⁹	Concordância Padrão		Presença de Desinência	
					P4	P6	P4	P6
Lemle & Naro (1977)	RJ – capital e cidades vizinhas	urbana/ falantes do Projeto Mobraal	saliência fônica posição e tipo de sujeito	A	não	não	não	sim
Nina (1980)	PA – Micro-região Bragantina	rural	posição e tipo de sujeito, saliência fônica, gênero e faixa etária	A	não	não	sim	sim
Bortoni-Ricardo (1985)	GO – Brazlândia, cidade-satélite de Brasília.	migrantes da zona rural da região do Alto Parnaíba, em Minas Gerais	posição do sujeito, saliência fônica, gênero e faixa etária	A	não	não	sim	sim
Costa (1990)	RS - Ijuí	descendentes de italianos residentes em uma vila rural	tempo verbal	-	não	não	sim	sim
Rodrigues (1992)	SP - Zona Oeste, Carombé	comunidade de favelados da periferia, na maioria, migrantes rurais	tipo de sujeito e gênero	A	não	não	sim	sim
Guy (1996)	RJ – capital e cidades vizinhas	urbana/ falantes do Projeto Mobraal	saliência fônica, posição do sujeito, gênero e faixa etária	A	não	não	não	sim
Zilles, Maya e Silva (2000)	RS – Porto Alegre e Panambi	urbana	tempo verbal e escolaridade	C D	sim	não	sim	não
Jung (2000)	PR - Missal	português rural com traços da língua alemã	tipo de sujeito, saliência fônica, gênero e faixa etária	-	não	não	não	sim
Monguilhott & Coelho (2002)	SC - Florianópolis	urbana, descendentes de açorianos	tipo e posição do sujeito e saliência fônica	B D	não	não	não	sim
Naro (1981)	RJ – capital e cidades vizinhas	urbana/ falantes do Projeto Mobraal	saliência fônica, posição do sujeito, gênero e faixa etária	A	não	não	não	sim
Silva (2003)	BA – Cinzento, Helvécia e Rio de Contas	comunidades afro-brasileiras rurais	saliência fônica, tipo e posição do sujeito, gênero e faixa etária	A	não	não	não	sim

⁴⁸ Variáveis relevantes para o estudo “A concordância verbal na Comunidade de São Miguel dos Pretos – Restinga Seca, RS”.

⁴⁹ Escolaridade: A – sem escolaridade; B – 1 a 4 anos de escolaridade; C – 5 a 8 anos de escolaridade; D – 9 a 11 anos de escolaridade; E – 12 ou + anos de escolaridade.